

**CONSIDERAÇÕES  
SOBRE O MARXISMO  
OCIDENTAL**

*Perry Anderson*

*crítica e sociedade 10*  
**AFRONTAMENTO**

**PERRY ANDERSON**

**CONSIDERAÇÕES SOBRE O  
MARXISMO OCIDENTAL**

*crítica e sociedade 10*  
**AFRONTAMENTO**

Título: *Considerações sobre o Marxismo Ocidental*

Autor: Perry Anderson

1976, New Left Books

Edição: Edições Afrontamento – Rua de Costa Cabral,  
859 – 4200 PORTO

N.º de edição: 176

Tradução: Carlos Cruz

Revisão: Manuel Resende

Composição e impressão: Organização Gráfica Maia  
Lopes, Lda.

Tiragem: 2.800 exemplares

# ÍNDICE

---

Prefácio .....	5
1. A Tradição Clássica .....	9
2. O Advento do Marxismo Ocidental .....	37
3. Modificações Formais .....	67
4. Inovações Temáticas .....	99
5. Contrastes e Conclusões .....	125
Posfácio .....	141

# PREFÁCIO

---

São necessárias algumas palavras para explicar a natureza deste pequeno texto e a oportunidade que lhe deu origem. Escrito nos princípios de 1974, destinava-se a servir de introdução a uma colectânea de escritos de diferentes autores sobre teóricos recentes do marxismo europeu. Acidentalmente, a casa editora que me tinha encarregado dessa «antologia» deixou de existir um mês mais tarde. O cancelamento do projecto privou o texto do seu propósito original. Estas circunstâncias explicam algumas das anomalias do presente estudo, embora as não desculpem necessariamente. Com efeito, o ensaio aqui publicado debruça-se sobre as coordenadas gerais do «marxismo ocidental» como tradição intelectual comum; não contém uma análise específica ou uma avaliação comparativa de qualquer dos sistemas teóricos que

aquele engloba, pois isso caberia aos estudos a que este ensaio serviria de preâmbulo, os quais constituiriam um conjunto de exposições críticas de cada uma das escolas ou de cada um dos teóricos desta tradição – de Lukács a Gramsci, de Sartre a Althusser, de Marcuse a Della Volpe. O presente texto, centrado sobre as estruturas formais do marxismo que se desenvolveu no Ocidente após a Revolução de Outubro, abstém-se de juízos precisos sobre os méritos ou as qualidades relativas dos seus principais representantes. Com efeito, é óbvio que eles se não equivaliam nem se identificavam entre si. Um balanço histórico da unidade do marxismo ocidental não exclui a necessidade de uma estimativa discriminatória da diversidade

5

das suas realizações. Debatê-las será aqui impossível, mas essencial e proveitoso para a Esquerda.

Para lá do momento particular em que foi elaborado, outras preocupações menos circunstanciais, que hoje permitem a sua publicação, motivaram este texto, que

reflecte alguns problemas com que me defrontei ao longo do meu trabalho de vários anos numa revista socialista, a *New Left Review*. Um ensaio escrito para esta revista nos últimos anos da década de sessenta buscava delimitar e analisar um aspecto particular da cultura nacional da Inglaterra desde a Primeira Guerra Mundial <sup>(1)</sup>. Um dos seus temas principais versava o facto de faltar à cultura inglesa, significativamente, toda e qualquer tradição do «marxismo ocidental» da nossa época – lacuna cujos efeitos negativos são inequívocos. Neste período, muito do trabalho da *New Left Review* foi consagrado à tentativa consciente de começar, em algum sentido, a suprir esta insuficiência congénita, publicando e discutindo, amiúde pela primeira vez na Grã-Bretanha, o trabalho dos teóricos mais destacados da Alemanha, França e Itália. Este programa, conduzido metodicamente, chegou ao seu termo nos primeiros anos da década de setenta e, como é lógico, tornava-se necessário fazer um balanço final do legado que a revista procurara tornar acessível, de uma forma organizada. Foi dentro desta perspectiva que originariamente se desenvolveram os

---

<sup>1</sup> Components of the National Culture», *New Left Review*, 50, julho-Agosto de 1968. Actualmente, certos elementos incluídos neste texto deveriam ser revistos.

temas aqui considerados. O ensaio que se segue, sobre a tradição europeia «continental», é assim, em parte, prolongamento do estudo anterior de um modelo «insular» na Inglaterra, resultando de uma crescente consciência de que a herança que a Inglaterra deixou escapar, com prejuízo para si mesma, estava igualmente ausente de alguns dos traços clássicos do materialismo histórico. Disto resultou, implicitamente, que tivéssemos atingido uma maior equidade de julgamento na apreciação das variantes nacionais e do destino internacional do marxismo nesta época.

Como resumo que era das principais preocupações da revista, o texto foi discutido e criticado por colegas da New

6

Left Review, a partir de um grande leque de pontos de vista, pouco depois de ter sido abandonada a «antologia» para a qual ele tinha sido escrito. Ao rever o texto para publicação tentei ter em conta essas reflexões e essas críticas. Emendei-o também onde me pareceu que um ou outro melhoramento pontual

poderia tornar mais clara a sua linha de raciocínio e introduzi referências para desenvolvimentos posteriores (<sup>2</sup>). O documento que aqui se apresenta foi modificado tanto quanto o permitia a sua forma intrínseca. Desde a sua composição inicial, contudo, alguns dos seus temas parecem-me agora levantar problemas que não admitem solução imediata no interior do texto. Estas dúvidas não são resolvidas por qualquer reelaboração do presente ensaio e foram, por isso, remetidas para um posfácio que levanta mais questões não resolvidas para qualquer investigação do futuro do materialismo histórico.

---

<sup>2</sup> As notas entre parênteses rectos referem-se a texto ou a acontecimentos posteriores à redacção deste ensaio.

*Uma teoria revolucionária correcta só assume forma acabada em ligação estreita com a actividade prática de um movimento verdadeiramente de massas e verdadeiramente revolucionário.*

LENINE

*À turba e àqueles cujas paixões igualam a da turba, peço que não leiam o meu livro; não, preferiria até que o ignorassem completamente em vez de o interpretarem mal segundo a sua vontade.*

SPINOZA

# 1. A TRADIÇÃO CLÁSSICA

A história do marxismo, desde que nasceu há pouco mais de cem anos, está ainda por escrever. O seu desenvolvimento, ainda que relativamente curto no tempo, tem sido, não obstante, complexo e extenso. As causas e as formas das suas metamorfoses e transferências sucessivas continuam em larga medida por explorar. O tema a que nos restringiremos nas considerações aqui apresentadas será o «marxismo ocidental», expressão que já de si indica um espaço e um tempo imprecisos. Por conseguinte, procuraremos neste curto ensaio situar historicamente determinado corpo de trabalho teórico, e sugerir as coordenadas estruturais que definem a sua unidade – ou, por outras palavras, que o constituem como uma tradição intelectual comum, a despeito das suas divergências e oposições internas. Para o fazer, teremos que começar por referir-nos à evolução do marxismo que precedeu

o aparecimento dos teóricos em questão, pois só este procedimento nos permitirá avaliar o que há de especificamente novo no modelo que representam. Um registo adequado de todo o primeiro memorial do materialismo histórico exigiria, como é evidente, um tratamento muito mais extenso do que aquele que aqui é possível. Contudo, mesmo um esboço retrospectivo sumário ajudará a clarificar as modificações subsequentes.

Os dois fundadores do materialismo histórico, Marx e Engels, nasceram na década que se seguiu às guerras napoleónicas. Marx (1818-1883) era filho de um advogado de Trier,

9

Engels (1820-1895) de um industrial de Barmen: ambos eram de origem renana e provinham de prósperas famílias das mais desenvolvidas e ocidentalizadas regiões da Alemanha.

Não será necessário recapitularmos aqui com grande pormenor o que foram as suas vidas e obras, pois que

estas estão gravadas na memória de toda a gente. É bem conhecido como, sentindo-se atraído pelas primeiras sublevações proletárias após a revolução industrial, Marx, entre os vinte e os trinta anos, ajustou contas com o legado filosófico de Hegel e de Feuerbach e com a teoria política de Proudhon, ao mesmo tempo que Engels descobria a realidade da condição da classe operária em Inglaterra e denunciava as doutrinas económicas que a legitimavam; como ambos escreveram o Manifesto Comunista nas vésperas do grande levantamento europeu de 1848, e como combateram pela causa do socialismo revolucionário na ala da extrema-esquerda das revoltas internacionais desse ano; como foram perseguidos pela contra-revolução vitoriosa e se viram exilados em Inglaterra quando estavam na casa dos trinta anos; como Marx realizou o balanço histórico da Revolução Francesa a que o II Império pusera termo, enquanto Engels tirava as conclusões do fracasso da Revolução Alemã, contemporânea daquela; como, sozinho em Londres, na penúria extrema, Marx tomou em mãos a monumental tarefa de traçar o quadro global do modo de produção capitalista, auxiliado apenas pela solidariedade intelectual e material de Engels, então em

Manchester; como, após quinze anos de trabalho, foi publicado o primeiro volume de O Capital, pouco antes de Marx fazer cinquenta anos; como, por volta do fim do mesmo período, este último participou na fundação da I Internacional, e passou a consagrar o mais intenso dos esforços à orientação do seu trabalho prático como movimento socialista organizado; como celebrou a Comuna de Paris, e educou o partido operário alemão, que acabara de se reunificar, estabelecendo os princípios de um futuro Estado proletário; como, nos últimos anos da sua vida e após a sua morte, Engels produziu as primeiras exposições sistemáticas do materialismo histórico, que fizeram dele uma força política popular na Europa, e como, na casa dos setenta anos, foi o mentor do crescimento da II Internacional, com a qual o materialismo

10

histórico se tornou a doutrina oficial da maior parte dos partidos operários do Continente.

A enorme contribuição destas vidas entrecruzadas não cabe no nosso propósito, aqui. Para o que nos

propomos, bastará salientar certas características sociais do trabalho teórico de Marx e de Engels que possam servir como ponto de comparação para os desenvolvimentos teóricos posteriores. Marx e Engels foram pioneiros isolados na sua geração; não se pode dizer que algum seu contemporâneo, de qualquer nacionalidade, tenha compreendido ou partilhado completamente as concepções que tinham atingido na sua maturidade. Ao mesmo tempo, a sua obra foi produto de um longo empreendimento comum, de uma colaboração intelectual sem paralelo próximo na história do pensamento até hoje. Os dois homens, juntos, através do exílio, do empobrecimento e da fadiga, nunca perderam o contacto com as lutas mais importantes do proletariado do seu tempo, apesar de, durante mais de dez anos, não terem tido praticamente qualquer ligação orgânica com o proletariado. As próprias provações por que passaram nos anos posteriores a 1850 foram a melhor prova da profundidade da ligação histórica entre o pensamento de Marx e de Engels e a evolução da classe operária – esse tempo em que ambos foram aparentemente forçados a remeter-se a uma existência «privada» aproveitou-o Marx para, com o apoio material constante de Engels, preparar O Capital, tendo vindo a

terminar um período de que a sua natural cooptação para a I Internacional, logo transformada em direcção prática, seria o termo. Por outro lado, e por essa mesma prova, a extraordinária unidade entre a teoria e a prática que, contra todas as adversidades, Marx e Engels conseguiram estabelecer nas suas vidas nunca foi uma identidade ininterrupta ou imediata. A única insurreição revolucionária em que participaram pessoalmente foi predominantemente, pelo seu carácter de massas, uma insurreição de artesãos e camponeses; o reduzido proletariado alemão desempenhou apenas um pequeno papel nos acontecimentos de 1848 <sup>(3)</sup>. A mais avançada insurreição social que teste-

11

munharam de longe – a Comuna de Paris – foi também principalmente uma sublevação de artesãos. A sua derrota obrigou à dissolução da I Internacional, e forçou Marx e Engels a remeterem-se de novo a

---

<sup>3</sup> Ver Theodore Hamerow, *Restoration, Revolution, Reaction*. Princeton 1958, pp. 137-156, que constitui a melhor análise histórica da composição social da Revolução Alemã de 1848.

uma actividade política meramente informal. O surgimento de verdadeiros partidos da classe operária ocorreu após a morte de Marx. Por conseguinte, a relação entre a teoria de Marx e a prática proletária foi sempre irregular e indirecta: só muito raramente houve coincidência directa entre ambas. A complexidade da articulação objectiva entre «classe» e «ciência» neste período (que ainda hoje está quase por estudar) reflectiu-se, por seu lado, na natureza e no destino dos próprios escritos de Marx. Certos limites da obra de Marx e de Engels radicam nos próprios limites do movimento operário, como pode ver-se, por um lado, no acolhimento que os seus textos tiveram, e por outro no objectivo que se propunham. A influência teórica de Marx, no sentido estrito, foi sempre relativamente restrita durante a sua vida. A grande massa dos seus escritos – pelo menos três quartos – estavam por publicar à data da sua morte e o que tinha sido publicado estava disperso ao acaso por um certo número de países e de línguas, não sendo acessível, no seu todo, em nenhum deles <sup>(4)</sup>.

---

<sup>4</sup> Entre as obras de Marx não publicadas durante a sua vida encontram-se: Crítica da Filosofia do Direito de Hegel (1843), Manuscritos Económico-Filosóficos (1844), Teses sobre Feuerbach (1845), A Ideologia Alemã (1846), Grundrisse (1857-8), Teorias

Haveria de decorrer ainda mais de meio século até que as suas mais importantes obras fossem do domínio público, e a história do seu aparecimento póstumo iria ter grande importância nas vicissitudes posteriores do marxismo. O rol das obras de Marx publicadas ainda em vida do autor é um índice das dificuldades da difusão do seu pensamento junto da classe a que se destinavam. Contudo, reciprocamente, a inexperiência do proletariado da época -- ainda a meio caminho entre a oficina e a fábrica, que carecia, muitas vezes, até de organização sindical, e que não tinha qualquer esperança de vir a tomar o poder em parte alguma da Europa -- circunscreve os limites exteriores da própria obra de Marx. Fundamentalmente, Marx

12

deixou atrás de si uma teoria económica coerente e desenvolvida do modo de produção capitalista, começada em *O Capital*, mas não uma equivalente teoria política das estruturas do Estado burguês, nem da estratégia e da tática da luta socialista

---

sobre a *Mais-Valia* (1862-3), os volumes II e III de *O Capital*, *Crítica do Programa de Gotha* (1873), *Notas sobre Wagner* (1880).

revolucionária por um partido da classe operária que derrubasse esse Estado. Quando muito, limitou-se a transmitir algumas antecipações enigmáticas nos anos quarenta e alguns lacônicos princípios trinta anos mais tarde («ditadura do proletariado»), conjuntamente com a sua famosa análise conjuntural do II Império. A este respeito, a obra de Maré: não poderia ultrapassar o ritmo histórico real das massas, na descoberta dos seus próprios instrumentos e das modalidades da sua própria emancipação. Ao mesmo tempo, e isto constitui uma lacuna mais evidente para os seus contemporâneos, Marx nunca forneceu qualquer estudo exaustivo do materialismo histórico como tal. Essa tarefa, tomou-a Engels em mãos no fim da década de setenta e na década de oitenta, com o Anti-Dühring e as suas sequelas, dando resposta ao crescimento das novas organizações operárias no continente. Com efeito, o paradoxo final da relação histórica entre a obra de Marx e Engels e as lutas reais do proletariado reside na forma característica do seu internacionalismo: após 1848, nenhum dos dois se ligou a um partido político nacional. Estabelecidos na Inglaterra, onde permaneceram afastados da vida cultural e política local, decidiram ambos, conscientemente, não voltar à Alemanha nos anos

sessenta, embora o pudessem ter feito. Abstendo-se de qualquer papel directo na construção das organizações nacionais da classe operária nos países industrialmente mais importantes, aconselharam e orientaram militantes e dirigentes de toda a Europa e da América do Norte. A sua correspondência estendeu-se incansavelmente de Moscovo a Chicago, e de Nápoles a Oslo. A própria tacanhez e a imaturidade do movimento da classe operária da época permitiu-lhes levar a cabo, por um certo preço, um internacionalismo mais puro do que aquele que seria possível na fase seguinte do seu desenvolvimento.

O grupo de teóricos da geração que sucedeu a Marx e a Engels era ainda bastante restrito. Compreendia homens

13

que, na sua maioria, chegaram ao materialismo histórico numa altura tardia do seu desenvolvimento pessoal. As quatro mais importantes figuras deste período foram: Labriola (nascido em 1843), Mehring

(nascido em 1846), Kautsky (nascido em 1854) e Plekhanov (nascido em 1856) <sup>(5)</sup>. Todos eles provinham das mais atrasadas regiões da Europa de Leste e do Sul. Mehring era filho de um junker da Pomerânia, Plekhanov de um proprietário de terras de Tambov, Labriola era também filho de um proprietário de terras da Campânia, Kautsky de um pintor da Boémia. Plekhanov converteu-se ao marxismo quando do seu exílio na Suíça, nos anos oitenta, após uma década de actividade clandestina narodnik; Labriola era um filósofo hegeliano comprovado de Roma, que se passou para o campo marxista em 1890; Mehring teve uma longa carreira como democrata-liberal e como publicista na Prússia, antes de se ligar ao Partido Social-Democrata Alemão em 1891; só Kautsky não tinha passado pré-marxista, pois entrou no movimento operário como jornalista socialista, pouco depois de ter feito vinte anos. Nenhum destes intelectuais haveria de desempenhar um papel central na direcção dos partidos nacionais

---

<sup>5</sup> Bernstein (1850-1932), personalidade menor no plano intelectual, pertenceu à mesma geração. Morris (1834-96), mais velho que qualquer elemento deste grupo, teve uma importância muito maior, mas, injustamente, nunca teve grande influência mesmo no seu próprio país, e foi sempre um desconhecido fora dele.

dos seus respectivos países, mas todos se inseriram de muito perto na vida política e ideológica desses partidos, tendo ocupado neles cargos oficiais, com exceção de Labriola que se alheou da fundação do Partido Socialista Italiano (<sup>6</sup>). Plekhanov, depois de ajudar a fundar o Grupo para a Emancipação do Trabalho, fez parte do primeiro quadro editorial do Iskra, e foi membro do comité central do Partido Operário Social-Democrata Russo, cargo para que foi eleito no seu II Congresso. Kautsky foi chefe de redacção do Die Neue Zeit,

14

que se tornou o principal órgão teórico do SPD, e redigiu u programa oficial do partido no Congresso de Erfurt. Mehring foi destacado colaborador do Die Neue Zeit, e Labriola do seu equivalente francês, o

---

<sup>6</sup> Labriola tinha incitado activamente Turati a criar em Itália um partido socialista, segundo o modelo alemão, mas decidiu, no último momento, não participar no Congresso de fundação do P.S.I. em Gênova em 1892, devido às suas reservas quanto à clareza ideológica do partido.

jornal *Le Devenir Social*. Todos os quatro se corresponderam pessoalmente com Engels, que exerceu neles uma influência construtiva. De facto, a principal orientação dos seus trabalhos pode ser vista como uma continuação da fase final de Engels. Por outras palavras, cada qual à sua maneira, todos se preocuparam em sistematizar o materialismo histórico como uma teoria global do homem e da natureza, capaz de substituir as disciplinas burguesas rivais e de fornecer ao movimento operário uma visão coerente e clara do mundo, que pudesse ser facilmente apreendida pelos seus militantes. Tal como tinha acontecido com Engels, esta tarefa obrigou-os a um duplo empreendimento: produzir exposições gerais do marxismo como concepção da história, e estendê-lo a domínios que não tinham sido abordados directamente por Marx. A semelhança dos títulos de algumas das suas principais obras indica a sua preocupação comum: *Sobre o Materialismo Histórico* (Mehring), *Ensaio sobre a Concepção Materialista da História* (Labriola), *O Desenvolvimento da Concepção Monista da História* (Plekhanov), *A Concepção Materialista da História* (Kautsky <sup>(7)</sup>). Entretanto,

---

<sup>7</sup> O ensaio de Mehring foi publicado em 1893, o de Plekhanov em 1895, o de Labriola em 1896. O tratado de Kautsky, muito mais

Mehring e Plekhanov escreveram ensaios sobre a literatura e a arte (A Lenda de Lessing e Arte e Vida Social), enquanto Kautsky se voltava para um estudo da religião (As Origens do Cristianismo)- tudo temas que o velho Engels tinha abordado de forma sucinta (<sup>8</sup>). O sentido geral destes trabalhos era mais o de complementar a herança de Marx do que o de a desenvolver. Pertenceu ainda a esta geração a iniciativa da edição crítica dos manuscritos de Marx e do estudo biográfico da sua vida, com a intenção de os recuperar e de os expôr globalmente ao movimento socialista pela primeira vez. Engels tinha publi-

15

cado os volumes II e III de O Capital; Kautsky editou a seguir as Teorias da Mais-Valia; subsequentemente, Mehring colaborou na publicação da Correspondência de Marx e Engels e, no fim da sua vida, realizou a

---

exaustivo, foi publicado mais tarde, em 1927.

<sup>8</sup> Estes textos foram escritos respectivamente em 1893 (Mehring) 1908 (Kautsky) e 1912-13 (Plekhanov).

mais importante biografia de Marx (<sup>9</sup>). A sistematização e a recapitulação de uma herança ainda muito jovem e recente foram os objectivos predominantes destes sucessores.

Entretanto, contudo, modificava-se todo o clima internacional do mundo capitalista. Nos últimos anos do século dezanove deu-se um crescimento económico impetuoso nos países industriais mais importantes, os monopólios fixaram-se nas metrópoles e a expansão imperialista acelerou-se no estrangeiro, abrindo uma era plena de tensões e de impetuosas inovações tecnológicas, elevando as taxas de lucro, aumentando a acumulação do capital e fazendo crescer a rivalidade entre as grandes potências. Estas condições objectivas eram comparativamente muito diferentes das da fase relativamente tranquila de desenvolvimento capitalista durante a longa recessão de 1874 a 1894, depois da derrota da Comuna e antes da eclosão dos primeiros conflitos inter-imperialistas na Guerra Anglo-Boer e na Guerra Hispano-Americana (em breve seguidas

---

<sup>9</sup> O livro II de O Capital apareceu em 1885, e o livro III em 1896; Teorias sobre a Mais-Valia, de 1905 a 1910; Correspondência em 1913; Karl Marx, de Mehring, em 1918.

pela Guerra Russo-Japonesa). Os herdeiros de Marx e de Engels tinham sido formados num período de calma relativa. A geração seguinte de marxistas surgiria num ambiente muito mais agitado, quando o capitalismo europeu começava a deslizar apressadamente para a tempestade da I Guerra Mundial. Os teóricos desta geração eram muito mais numerosos do que os seus predecessores; e confirmaram ainda mais acentuadamente uma modificação que já tinha começado a ser visível no período precedente à transferência de todo o eixo geográfico da cultura marxista para a Europa Central e Oriental. As figuras dominantes da nova geração provêm, sem excepção, de regiões a leste de Berlim. Lenine era filho de um funcionário público de Astrakhan, Rosa Luxemburgo filha de um comerciante de madeiras da Galícia, Trotsky de um fazendeiro da Ucrânia, Hilferding de um funcionário de seguros, e Bauer de

16

um fabricante de têxteis da Áustria. Todos eles publicaram importantes trabalhos antes da I Guerra Mundial. Bukharine, filho de um professor de

Moscovo, e Preobrazhensky, cujo pai era sacerdote em Orel, entram em cena posteriormente à guerra, mas podem ser considerados como produtos tardios da mesma formação. A designação das datas e a localização do desenvolvimento da teoria marxista até esta altura podem ser tabeladas como se segue:

Marx	1818-1883	Treveris (Renânia)
Engels	1820-1895	Barmen (Vestfália)
Labriola	1843-1904	Cassino (Campânia)
Mehring	1846-1919	Schlawe (Pomerânia)
Kautsky	1854-1938	Praga (Boémia)
Plekhanov	1856-1918	Tambov (Rússia central)
Lenine	1870-1923	Simbirsk (Volga)
Rosa Luxemburgo	1871-1919	Zamosc (Galícia)
Hilferding	1877-1941	Viena
Trotsky	1879-1940	Kherson (Ucrânia)
Bauer	1881-1938	Viena
Preobrazhensky	1886-1937	Orel (Rússia central)
Bukharine	1888-1938	Moscovo

Quase toda a nova geração de teóricos iria desempenhar funções dirigentes na condução dos seus

respectivos partidos nacionais-um papel muito mais relevante e activo do que o dos seus predecessores. Lenine, como se sabe, foi o criador do Partido Bolchevique na Rússia. Rosa Luxemburgo foi o cérebro dirigente do Partido Social-Democrata na Polónia e, posteriormente, o mais destacado fundador do Partido Comunista Alemão (KPD). Trotsky foi figura central das disputas entre fracções da social-democracia russa, e Bukharine um importante braço direito de Lenine, antes da I Guerra Mundial. Bauer encabeçou o secretariado do grupo parlamentar do Partido Social-Democrata Austríaco, enquanto Hilferding se havia tornado um deputado proeminente do Partido Social

17

-Democrata Alemão no Reichstag. Traço comum a todo este grupo foi a extraordinária precocidade do seu desenvolvimento: qualquer uma das figuras anteriormente citadas já tinha escrito um trabalho teórico básico antes dos seus trinta anos.

Que novas orientações representavam os seus escritos? Em consequência da aceleração de todo o ritmo histórico a partir do virar do século, os seus trabalhos orientaram-se fundamentalmente em duas novas direcções. Em primeiro lugar, as manifestas transformações do modo de produção capitalista que tinham gerado o monopolismo e o imperialismo exigiam uma explicação e uma análise económica bem fundamentadas. Além disso, a obra de Marx estava agora, pela primeira vez, a ser submetida à crítica profissional dos economistas universitários <sup>(10)</sup>. O Capital já não podia ficar como estava: tinha de ser desenvolvido. Realmente, a primeira grande tentativa nesse sentido foi empreendida por Kautsky no seu livro *A Questão Agrária*, em 1899 – poderosa análise conceptual das transformações agrícolas operadas na Europa e na América, que mostrou ser ele agora o membro da geração mais velha que se mostrava mais sensível às necessidades da situação presente, e que firmou a sua autoridade entre os marxistas mais

---

<sup>10</sup> A primeira crítica neo-clássica séria de Marx foi feita por Böhmbawerk em *Zum Abschluss des Marxschen Systems* (1896). Böhmbawerk foi por três vezes ministro das finanças do Império Austríaco e catedrático de Economia Política na Universidade de Viena de 1904 a 1914.

jovens (<sup>11</sup>). Ainda no mesmo ano, mas mais tarde, Lenine publicou *O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia* —um estudo maciço de economia rural, cuja inspiração formal estava muito próxima da de *A Questão Agrária*, mas cujo objectivo era em certos aspectos mais ousado e original. Com efeito, este trabalho era a primeira aplicação séria da teoria

18

geral do modo de produção capitalista exposta em *O Capital* a uma formação social concreta em que se combinavam uma série de modos de produção numa totalidade histórica articulada. A investigação de Lenine sobre o mundo rural do czarismo representava, por isso, um avanço qualitativo para o materialismo histórico no seu conjunto; Lenine tinha vinte e nove anos quando terminou esta obra. Seis anos mais tarde,

---

<sup>11</sup> Os debates sobre os problemas agrários no seio do SPD foram lançados, em grande medida, pelo estudo de Max Weber sobre as condições de trabalho dos camponeses da Alemanha oriental, publicado pelo *Verein für Sozialpolitik* (liberal), em 1892. Ver a excelente introdução de Giuliano Procacci à recente reedição, em italiano, da obra de Kautsky: *La Questione Agraria*, Milão, 1971, pp. L-LII, LVIII.

Hilferding, que conquistara os seus galões em 1904 pela resposta eficaz que deu à crítica marginalista de Marx feita por Böhmer-Bawerk, terminou o seu trabalho de pioneiro sobre o Capital Financeiro com a idade de vinte e oito anos. O trabalho de Hilferding, publicado em 1910, era mais do que uma aplicação «sectorial» ou «nacional» de O Capital, como as que Lenine e Kautsky tinham levado a cabo: apresentava uma «actualização» daquela obra, tendo em conta as modificações globais do modo de produção capitalista como tal, na nova época dos «trusts» e das batalhas alfanegárias e comerciais. Centrando a sua análise na crescente predominância dos bancos, na dinâmica acelerada da monopolização, e na crescente utilização da máquina do Estado para a expansão agressiva do capital, Hilferding sublinhou o crescer da tensão e da anarquia a nível internacional, fenómeno simultâneo com a apertada organização e centralização de cada capitalismo nacional. Entretanto, em 1907 (depois de acabado O Capital Financeiro, mas antes da sua publicação), Bauer, com vinte e seis anos, publicava um trabalho igualmente volumoso sobre A Questão das Nacionalidades e a Social-Democracia. Nesta obra, começou a trabalhar um problema teórico e político crucial, abordado de forma insuficiente por

Marx e que surgia agora com um relevo maior do que nunca para o movimento socialista: neste terreno praticamente novo, ele desenvolveu uma ambiciosa síntese para explicar a origem e a composição das nações, rematando-a com uma análise sobre o surto de anexionismo por parte dos países imperialistas que na altura se expandiam para fora da Europa. O próprio imperialismo torna-se de seguida objecto de um importante tratamento teórico em *A Acumulação do Capital* de Rosa Luxemburgo, publicado em 1913, no dealbar da I Guerra Mundial. O realce que Rosa Luxemburgo dava ao papel indispensável para a realização da

19

mais-valia das regiões não capitalistas anexadas pelo capitalismo, e por conseguinte à necessidade estrutural da expansão militar imperialista das potências metropolitanas nos Balcãs, na Ásia e na África, assinalou o seu trabalho-apesar dos erros de análise que continha-como o mais radical e original esforço de repensar e desenvolver o sistema conceptual de *O Capital* a uma escala mundial, à luz desta nova época. Tais escritos foram prontamente

criticados em Die Neue Zeit por Bauer, que a seguir a 1904 também tinha trabalhado no problema dos – esquemas de Marx sobre a reprodução alargada do capital. Finalmente, já depois da própria eclosão da Guerra, Bukharine apresenta a sua visão da evolução do capitalismo internacional em Imperialismo e Economia Mundial, escrito em 1915<sup>(12)</sup>, ao passo que, no ano seguinte, Lenine publicava o seu pequeno e famoso estudo O Imperialismo – Estádio Supremo do Capitalismo; ambas estas obras forneciam um resumo descritivo das conclusões económicas comuns dos debates precedentes, e organizavam-nas, pela primeira vez, numa análise política coerente do belicismo imperialista e da exploração colonial, deduzida do princípio geral do desenvolvimento desigual do modo de produção capitalista.

Nos primeiros quinze anos do século vinte assistiu-se assim a um grande florescimento do pensamento económico marxista na Alemanha, na Áustria e na Rússia. Todos os grandes teóricos dessa altura tinham como coisa assente que era de importância vital

---

<sup>12</sup> Mais tarde, em 1924, também Bukharine publicou a sua própria crítica completa de Rosa Luxemburgo.

decifrar as leis fundamentais do capitalismo neste seu novo estágio de desenvolvimento histórico. Contudo, ao mesmo tempo, assistiu-se pela primeira vez a uma emergência fulgurante de uma teoria política marxista. Enquanto os estudos económicos do período podiam erguer-se directamente sobre os imponentes alicerces de O Capital, nem Marx nem Engels tinham fornecido um corpo comparável de conceitos para a estratégia e a prática políticas da revolução proletária, pois a situação objectiva em que se encontravam impediu-os de o fazer, como vimos. O rápido crescimento dos

20

partidos operários na Europa central e a irrupção tempestuosa das rebeliões populares contra os antigos regimes na Europa oriental criavam agora condições para um novo tipo de teoria, que se baseasse directamente nas lutas de massa do proletariado e estivesse naturalmente incorporada nas organizações partidárias. A Revolução Russa de 1905, que foi seguida e analisada de perto em toda a Alemanha e em toda a Áustria, deu origem à primeira análise política estratégica de tipo científico na história do marxismo: Balanço e Perspectivas, de Trotsky.

Baseado num admirável e perspicaz conhecimento da estrutura do sistema de Estado do imperialismo mundial, este pequeno trabalho expõe com uma precisão brilhante o carácter e o curso futuros da revolução socialista na Rússia. Trotsky escreveu este livro com a idade de vinte e sete anos, não o fazendo seguir de qualquer outra contribuição importante antes da I Guerra Mundial, dado o seu isolamento do Partido Bolchevique depois de 1907. A construção sistemática de uma teoria política marxista da luta de classes, ao nível organizativo e tático, foi obra de Lenine. A envergadura do que conseguiu neste plano transformou irreversivelmente toda a arquitectura do materialismo histórico. Antes de Lenine, o nível político propriamente dito estava praticamente por explorar na teoria marxista. No espaço de vinte anos, ele criou os conceitos e os métodos necessários para a condução de uma vitoriosa luta proletária pelo poder na Rússia, dirigida por um partido operário experiente e devotado. As formas específicas de combinar a propaganda com a agitação, de conduzir greves e manifestações, de forçar alianças de classe, de cimentar a organização partidária, de dirigir a luta pela autodeterminação nacional, de analisar a conjuntura nacional e internacional, de situar tipos de

desvios, de utilizar a acção parlamentar, de preparar o levantamento insurreccional – todas estas inovações, que muitas vezes se encara como simples medidas «práticas», também representavam de facto avanços intelectuais decisivos num terreno até à data virgem. Que Fazer?, Um Passo em Frente, Dois Passos Atrás, As Duas Tácticas da Social-Democracia, Os Ensinamentos do Levantamento de Moscovo, O Programa Agrário da Social-Democracia Russa, O Direito das Nações à

21

Auto-Determinação – todos estes e um cento de outros estudos e ensaios «pontuais» inauguraram, antes da I Guerra Mundial, uma ciência marxista da política capaz de, no futuro, lidar com um vasto leque de problemas que anteriormente tinham ficado fora do alcance de toda e qualquer jurisdição teórica rigorosa. A força do trabalho de Lenine nestes anos foi-lhe transmitida, sem dúvida, pela imensa energia revolucionária das massas russas no crepúsculo do czarismo. Só a sua elementar prática espontânea, que cada vez mais impelia ao derrube do absolutismo

russo, tornou possível a enorme expansão da teoria marxista levada a cabo por Lenine.

Foram também estas condições materiais reais de uma descoberta intelectual que determinaram, como não podia deixar de ser, os seus limites objectivos. Não cabe aqui discutir as limitações e as lacunas da obra de Lenine: bastará dizer que tanto umas como outras estavam fundamentalmente relacionadas com o atraso particular da formação social russa e do Estado que a governava, e que isolava o Império Czarista do resto da Europa do ante-Guerra. Lenine, que se encontrava ligado a um movimento nacional da classe operária muito mais profundamente do que Marx alguma vez tinha estado, não se preocupou com a forma necessariamente diferente da luta em qualquer outra parte do continente, o que tornaria o caminho para a revolução qualitativamente mais difícil do que na própria Rússia. Assim, na Alemanha, industrialmente muito mais avançada, a existência do sufrágio universal para a população masculina e as liberdades cívicas tinham suscitado uma estrutura de Estado substancialmente diferente da autocracia dos Romanov, e portanto um campo de batalha político que nunca se assemelhou de perto ao da Rússia.

Naquele país a classe operária organizada tinha uma têmpera notavelmente menos revolucionária, ao passo que, simultaneamente, a sua cultura se tinha desenvolvido consideravelmente mais em conjugação com a estrutura institucional de toda a sociedade. É sugestivo que Rosa Luxemburgo, o único pensador marxista na Alemanha Imperial que produziu um corpo original de teoria política, tenha reflectido esta contradição na sua própria obra –apesar de esta ter sido influenciada pela sua experiência do movimento

22

polaco clandestino da altura, mais radical. Os escritos políticos de Rosa Luxemburgo nunca atingiram a coerência nem a profundidade dos de Lenine, ou o poder de previsão dos de Trotsky. O terreno do movimento alemão não permitia um crescimento comparável. Mas as apaixonadas intervenções de Rosa Luxemburgo no SPD contra a sua crescente tendência para o reformismo (tendência de cuja dimensão Lenine, no exílio, não conseguiu aperceber-se) continham, contudo elementos de uma crítica da democracia capitalista, de uma defesa da espontaneidade proletária e uma concepção da

liberdade socialista que eram mais avançadas do que tudo o que Lenine sabia sobre tais questões, aplicadas ao ambiente mais complexo que Rosa Luxemburgo conheceu. Reforma Social ou Revolução?, a vigorosa obra polémica com que respondeu ao evolucionismo de Bernstein, com a idade de vinte e oito anos, lançou-a no seu próprio caminho: teorizações sucessivas da greve geral como arquétipo de arma ofensiva para a auto-emancipação da classe operária terminaram, em 1909-1910, no determinante debate com Kautsky, no qual as linhas de separação fundamentais da política futura da classe operária ficaram finalmente assentes.

Com efeito, a I Guerra Mundial iria dividir as alas da teoria marxista na Europa numa forma tão radical que provocaria uma cisão do próprio movimento operário. Todo o desenvolvimento do marxismo nas últimas décadas antes da Guerra tinha realizado uma unidade entre teoria e prática muito mais estreita do que a do período precedente, devido à ascensão dos partidos socialistas organizados dessa época. No entanto, a integração dos principais teóricos marxistas na prática

dos seus partidos nacionais não os regionalizou nem os segregou entre si. Pelo contrário, o debate e a polémica internacionais eram como que uma segunda natureza para eles: se nenhum atingiu o universalismo fantástico de Marx ou de Engels, tal foi consequência necessária do seu mais concreto enraizamento na situação e na vida particulares dos seus países – mediatizado, no caso dos russos e dos polacos, por longos períodos de exílio no estrangeiro, a fazer lembrar o que se

23

tinha passado com os fundadores do materialismo histórico (<sup>13</sup>). Nas novas condições da época, constituíram, ainda assim, um meio relativamente homogéneo de discussão e de comunicação, no qual os maiores escritores dos grupos mais importantes da

---

<sup>13</sup> Poder-se-á dar uma ideia da forma como se processou a emigração russa enumerando os países em que Lenine, Trotsky e Bukharine viveram ou por onde viajaram antes de 1917: Alemanha, Inglaterra, França, Bélgica, Suíça e Áustria (Lenine e Trotsky); Itália e Polónia (Lenine); Roménia, Sérvia, Bulgária e Espanha (Trotsky); Estados Unidos (Trotsky e Bukharine); Dinamarca, Noruega e Suécia (Bukharine).

II Internacional nos países da Europa central e oriental, onde o marxismo estava agora concentrado como uma teoria viva, conheciam em primeira ou segunda mão as obras uns dos outros, um meio em que a crítica não conhecia fronteiras. Assim, quando a Guerra rebentou, em 1914, a cisão daí resultante não se operou entre os diferentes grupos nacionais de teóricos marxistas que dominavam a cena política antes da Guerra, antes os atravessou a todos. Na geração mais velha, Kautsky e Plekhanov optaram de uma maneira clamorosa pelo social-chauvinismo e pelo apoio às suas respectivas pátrias imperialistas em oposição mútua; Mehring, por seu lado, recusou firmemente qualquer comprometimento com a capitulação do SPD na Alemanha. Entre a geração mais nova, Lenine, Trotsky, Rosa Luxemburgo e Bukharine empenharam-se numa resistência total à Guerra e denunciaram a traição das organizações social-democratas que tinham alinhado atrás das classes opressoras no holocausto capitalista que já há muito fora previsto. Hilferding, que inicialmente tinha afirmado, no Reichstag, a sua oposição à Guerra, em breve se deixaria alistar no exército austríaco; Bauer alistou-se prontamente nas tropas que combatiam contra a Rússia na frente oriental, onde foi

rapidamente capturado. A unidade e a realidade da II Internacional, tão caras a Engels, ficaram destruídas numa semana.

As consequências do mês de Agosto de 1914 no continente são bem conhecidas. Na Rússia, um levantamento de massas esfomeadas e cansadas da guerra derrubou o czarismo em Fevereiro de 1917, em Petrogrado. Em oito meses, o Partido Bolchevique, sob a direcção de Lenine, estava pronto para

24

tomar o poder e, em Outubro, Trotsky assumia a direcção militar da revolução socialista que tinha previsto doze anos antes. À rápida vitória de 1917 cedo se seguiu o bloqueio imperialista, a intervenção e a Guerra Civil de 1918-21. A forma épica como a Revolução Russa se desenrolou nesses anos teve o seu compasso teórico nos escritos de Lenine, para quem o pensamento e a acção política se fundiam agora numa unidade sem precedentes e sem paralelo no passado. Desde as Teses de Abril até a O Esquerdismo, Doença Infantil do Comunismo, passando por O Estado e a

Revolução e Marxismo e Insurreição, as obras que Lenine escreveu durante aqueles anos estabeleceram novas normas no materialismo histórico – a «análise concreta da situação concreta», que dizia ser a «alma viva do marxismo», adquiriu nelas tal força dinâmica que o termo leninismo como tal apareceu em uso pouco depois. Obviamente, neste período heróico da revolução proletária na Rússia o rápido desenvolvimento da teoria marxista não se circunscrevia de maneira alguma ao trabalho de Lenine. Trotsky escreveu textos fundamentais sobre a arte da guerra (Como se Armou a Revolução) e sobre o destino da literatura (Literatura e Revolução). Bukharine tentou resumir o materialismo histórico como sociologia sistemática num tratado amplamente discutido (Teoria do Materialismo Histórico) <sup>(14)</sup>. Pouco depois, Preobrazhensky, com quem aquele colaborara no popular manual bolchevique O ABC do Comunismo, começou a publicar o mais original e radical estudo económico sobre as tarefas do Estado Soviético na transição para o socialismo – campo que até aí tinha sido deixado naturalmente virgem pela teoria marxista; as primeiras partes de A Nova

---

<sup>14</sup> O manual de sociologia de Bukharine foi publicado em 1921; o estudo de Trotsky sobre a literatura em 1924.

Economia apareceram em 1924. Ao mesmo tempo, deslocava-se para a Rússia o centro de gravidade internacional dos estudiosos da história que se tinham dedicado à descoberta e à edição dos escritos de Marx ainda por publicar. Riazanov, que já antes da I Guerra Mundial se tinha notabilizado pelas suas investigações sobre os trabalhos de Marx, encarregou-se então da primeira edição crítica completa das obras de Marx

25

e de Engels, cujos manuscritos foram na sua maioria transferidos para Moscovo e depositados no Instituto Marx-Engels, de que Riazanov se tornou director (<sup>15</sup>). É claro que todos estes homens tiveram posições proeminentes na luta prática pelo triunfo da revolução na Rússia e na construção do nascente Estado Soviético. Durante a Guerra Civil, Lenine foi

---

<sup>15</sup> David Riazanov (cujo verdadeiro nome era Golden'dakh) nasceu em 1870. O conflito entre Martov e Lenine, mais tarde prolongado sobre a questão dos estatutos da organização do partido, teve na sua origem o pedido de admissão formulado por Riazanov ao II Congresso do P.O.S.D.R. Após a revolução de 1905, Riazanov tinha publicado numerosos artigos no Die Neue Zeit e tinha trabalhado na edição da correspondência de Mam e Engels.

presidente do Conselho dos Comissários do Povo, Trotsky foi Comissário da Guerra, Bukharine chefe de redacção do jornal do Partido, Preobrazhensky era quem encabeçava efectivamente o secretariado do Partido, Riazanov organizou os sindicatos. A plêiade desta geração que estava nos seus verdes anos quando a Guerra Civil teve a sua conclusão satisfatória, parecia assegurar o futuro da cultura marxista na nova fortaleza operária que a URSS representava.

No resto da Europa, contudo, a grande vaga revolucionária que eclodiu em 1918, no fim da Guerra, e que durou até 1920, foi derrotada. O capital mostrou-se decididamente mais forte em todos os países, à excepção da Rússia. O bloqueio contra-revolucionário internacional ao Estado Soviético, de 1918 a 1921, não o conseguiu derrubar, embora a Guerra Civil tenha infligido grandes prejuízos à classe operária russa. Mas conseguiu isolar fortemente a Revolução Russa do resto da Europa durante os três anos que durou a crise social mais aguda por que passou a ordem imperialista em todo o continente, o que permitiu pôr em cheque os levantamentos proletários fora das fronteiras da União Soviética. A primeira e mais importante ameaça para os Estados

capitalistas mais bem implantados no continente foi a série de revoltas de massas na Alemanha, em 1918-19. Rosa Luxemburgo, que observava da prisão a evolução da Revolução Russa, percebeu mais claramente do que qualquer dos dirigentes bolcheviques da época os perigos da ditadura instalada durante a Guerra Civil, embora

26

muitas vezes também revelasse as limitações da sua própria compreensão de certos problemas cuja importância era menos evidente nas zonas altamente industrializadas da Europa (questão nacional, campesinato) <sup>(16)</sup>. Libertada da prisão com a queda do II Reich, imediatamente Rosa Luxemburgo se lançou à tarefa de organizar a esquerda revolucionária na Alemanha; um mês depois, como figura mais destacada do KPD, escrevia o programa e fazia o relatório político no Congresso de fundação do Partido. Duas semanas mais tarde foi assassinada, quando uma revolta semi-espontânea e confusa que

---

<sup>16</sup> O seu ensaio A Revolução Russa, escrito em 1918, foi publicado pela primeira vez por Paul Levi em 1922.

estalou entre a multidão faminta em Berlim foi esmagada pelos Freikorps [Corpos Francos, brigadas armadas de voluntários e mercenários ao serviço do governo social-democrata. (N. T.)], às ordens de um governo social-democrata. A repressão da insurreição de Janeiro em Berlim cedo foi seguida pela reconquista militar de Munique pela Reichswehr, depois de os grupos socialistas e comunistas locais ali terem criado uma efémera República Soviética Bávara, em Abril. A Revolução Alemã, nascida dos conselhos de operários e de soldados de Novembro de 1918, estava decisivamente derrotada em 1920.

Entretanto, no Império Austro-Húngaro, os acontecimentos tinham seguido um rumo semelhante. No mais atrasado Estado rural da Hungria, as exigências da Entente conduziram à abdicação voluntária do governo burguês, constituído a seguir ao Armistício, e à rápida criação de uma república soviética sob direcção conjunta de social-democratas e comunistas; seis meses mais tarde, destacamentos militares romenos suprimiram a Comuna Húngara e restauraram um regime branco. Na Áustria, o peso objectivo da classe operária era muito maior do que na Hungria (tal como tinha sucedido na Prússia em

comparação com a Baviera), mas o Partido Social-Democrata, que tinha um ascendente incontestado sobre o proletariado local, optou contra uma revolução socialista, preferindo entrar para um governo burguês de coligação e dismantelar, gradualmente, os conselhos de operários e de soldados a partir de cima, com o pretexto de evitar uma intervenção

27

da Entente. Em 1920, abandonava o governo, mas a restabilização capitalista estava já garantida. Bauer, que cedo se tornou a figura dominante no OSPD, serviu como ministro dos estrangeiros da República em 1919, e em 1924 escreveu a mais importante defesa teórica do passado do Partido depois da Guerra num volume que muito a despropósito intitulava: A Revolução Austríaca. Entretanto, o seu antigo colega, Hilferding, viria a ser, por duas vezes, ministro das finanças da República de Weimar. A unidade da teoria e da prática, característica desta geração, mantinha-se mesmo nas fileiras reformistas do austro-marxismo

(<sup>17</sup>). Mais a sul, a última das grandes insurreições proletárias do triénio do pós-Guerra ocorreu em Itália. A pátria natal de Labriola tivera sempre um partido socialista muito mais pequeno mas mais militante do que os da Alemanha ou do Império Austro-Húngaro: resistiu ao social-chauvinismo e ostentou durante a Guerra um maximalismo verbal. Contudo, a greve geral e a vaga tumultuosa de ocupações de fábricas que se apodereu de Turim em 1920 veio também encontrar o Partido totalmente impreparado para assumir uma estratégia revolucionária agressiva; e, na ausência de qualquer direcção política clara., as medidas adoptadas contra essas ocorrências pelo governo liberal e pelos patrões acabaram por paralisar o movimento. A maré de insurreição popular refluuiu, deixando que os esquadrões armados da contra-revolução preparassem o advento do fascismo na Itália.

---

<sup>17</sup> Dois outros conhecidos economistas, um ex-marxista e o outro crítico do marxismo, ocuparam, nesta época, lugares governamentais na Europa central e oriental. Na Ucrânia, Tugan-Baranovsky foi ministro das finanças da Rada contra-revolucionária de 1917-18; Schumpeter ocupou o mesmo posto no governo austríaco em 1919.

Os recuos decisivos na Alemanha, Áustria, Hungria e Itália-regiões que, juntamente com a Rússia, constituíram a zona clássica de influência do marxismo no período anterior à Guerra – ocorreram antes que a Revolução Bolchevique estivesse por seu turno suficientemente liberta da intervenção imperialista para ser capaz de exercer uma influência organizativa ou teórica directa sobre a evolução da luta de classes nestes países. A III Internacional foi formalmente fundada em 1919, quando Moscovo era ainda uma cidade cercada pelos

28

exércitos brancos: a sua criação real data do seu II Congresso, em Julho de 1920. Mas era já muito tarde para obter qualquer impacto nas lutas decisivas da conjuntura do pós-guerra. A incursão do Exército Vermelho na Polónia, que, por momentos, parecia trazer consigo a promessa de uma possível ligação material com as forças revolucionárias na Europa central, foi repelida no mesmo mês; e, em poucas semanas, as ocupações em Turim tinham acabado, enquanto Lenine apelava por telégrafo ao PSI para desenvolver uma acção nacional em Itália. É evidente

que estas derrotas não se deviam, sobretudo, a erros ou falhas subjectivas: os erros e falhas eram um sinal da força objectivamente superior do capitalismo na Europa central e oriental, onde o seu ascendente histórico sobre a classe operária tinha sobrevivido à Guerra. A III Internacional só se implantou solidamente nos países continentais mais importantes, fora da URSS, depois destas batalhas terem sido travadas e perdidas. Logo que, por fim, o bloqueio ao Estado Soviético foi rompido, obviamente, o enorme contraste entre o descalabro dos aparelhos social-democratas e a derrota dos levantamentos espontâneos na Europa meridional e central, por um lado, e o êxito do Partido Bolchevique na Rússia, por outro, asseguraram a formação relativamente rápida de uma Internacional revolucionária centralizada, baseada nos princípios delineados por Lenine e Trotsky. Em 1921, Lenine compôs a sua «mensagem» teórica fundamental aos novos partidos comunistas que nessa data já tinham sido fundados em praticamente todos os países do mundo capitalista avançado: O Esquerdismo, Doença Infantil do Comunismo. Nesta obra, sintetizou, para os socialistas estrangeiros, as lições históricas da experiência bolchevique na Rússia, e pela primeira vez iniciou a abordagem dos

problemas da estratégia marxista nos meios mais avançados que o Império Czarista, meios em que o parlamentarismo burguês era, de longe, muito mais forte e o reformismo da classe operária muito mais profundo do que ele tinha julgado antes da I Guerra Mundial. Também a tradução sistemática dos escritos de Lenine revelava agora aos militantes de toda a Europa, pela primeira vez, a sua obra corou sistema teórico organizado, o que para milhares deles constituiu como que uma súbita revelação política. Pareciam agora

29

reunidas as condições para uma difusão e fertilização internacionais da teoria marxista, a uma escala totalmente nova, e o Comintern parecia ser a garantia da sua ligação real com as lutas quotidianas das massas.

Mas, na realidade, estas perspectivas em breve eram destruídas. Os golpes selvagens infligidos pelo imperialismo sobre a própria Revolução Russa dizimaram a classe operária russa, apesar das vitórias

militares sobre as forças brancas na Guerra Civil. Depois de 1920, não se poderia esperar um auxílio imediato por parte dos países mais desenvolvidos da Europa. A URSS estava condenada ao isolamento, a sua indústria arruinada, o seu proletariado enfraquecido, a sua agricultura devastada, o seu campesinato descontente. A restauração capitalista efectivara-se na Europa central enquanto a Rússia revolucionária se encontrava isolada dela. Ainda mal o cerco tinha sido quebrado e o contacto com o resto do continente restabelecido e já o Estado Soviético, entravado pelo atraso russo, sem apoio do exterior, começava a ser ameaçado por forças internas. A progressiva usurpação do poder pelo aparelho do Partido, a apertada subjugação da classe trabalhadora, o clima crescente de social-chauvinismo, só tardiamente se tornaram evidentes ao próprio Lenine, depois de adoecer mortalmente em 1922. Podem encarar-se os seus últimos escritos – desde o seu artigo sobre a Rabkrin [Inspeção Operária e Camponesa – instituição de fiscalização económica. (N. T.)] ao Testamento (<sup>18</sup>) – como uma tentativa teórica desesperada para encontrar as formas que

---

<sup>18</sup> Lenine, Collected Works, vol. 33, pp. 481-502; vol. 36, pp. 593-7.

permitissem um renascimento da prática política genuína de massas, capaz de destruir o burocratismo do novo Estado Soviético e restaurar a unidade e democracia perdidas de Outubro. Em princípios de 1924, Lenine morre. Três anos depois, a vitória de Estaline no interior do PCUS marcava o destino do socialismo e do marxismo, na URSS, nas décadas seguintes. O aparelho político de Estaline suprimiu activamente a prática revolucionária das massas na própria Rússia, e desencorajou-a ou sabotou-a de forma crescente nos outros países.

30

Um regime policial de uma ferocidade cada vez mais intensa assegurava a consolidação de um estrato burocrático privilegiado acima da classe operária. Nestas condições, a unidade revolucionária da teoria e da prática que tinha tornado possível o bolchevismo clássico estava inelutavelmente destruída. Na base, os movimentos de base foram tolhidos e a sua autonomia e espontaneidade extintas pela casta burocrática que confiscara o poder no país; nas cúpulas, o partido foi gradualmente purgado dos últimos companheiros de Lenine. Todo o trabalho teórico sério cessou na União

Soviética após a colectivização. Trotsky foi forçado ao exílio em 1929 e assassinado em 1940; Riazanov foi privado das suas funções e morreu num campo de trabalho em 1939; Bukharine foi silenciado em 1929 e morto em 1938; Preobrazhensky caiu por volta de 1930, falecendo na prisão em 1938. O marxismo foi em grande medida reduzido a uma simples recordação na Rússia quando a dominação de Estaline atingiu o apogeu. O país mais avançado do mundo no desenvolvimento do materialismo histórico, que tinha excedido toda a Europa pela variedade e pelo vigor dos seus teóricos, convertera-se no espaço de uma década num paúl estagnado e semi-analfabeto, só se destacando pelo peso da sua censura e pelo carácter grosseiro da sua propaganda.

Entretanto, enquanto o estalinismo caía como um capuz sobre a cultura soviética, nos outros países a fisionomia do capitalismo europeu tornava-se cada vez mais violenta e convulsiva. A classe operária tinha por todo o lado sofrido derrotas durante a crise revolucionária do pós-Guerra, mas continuava a constituir uma ameaça poderosa para as burguesias de toda a Europa central e meridional. A criação da III Internacional e o crescimento de partidos comunistas

disciplinados que brandiam o estandarte do leninismo, inspiravam medo a todas as classes dirigentes dos anteriores epicentros revolucionários de 1918-20. Para mais, a recuperação económica do imperialismo, que tinha sido bem sucedida e garantira a restabilização política preconizada pelo Tratado de Versalhes, veio a mostrar-se de curta duração. Em 1929, abateu-se sobre o continente a maior bancarrota da história do capitalismo, que espalhou o desemprego e intensificou a

31

luta de classes. A contra-revolução social mobilizava agora nas suas formas mais brutais e violentas, abolindo a democracia parlamentar país após país, com o intuito de eliminar toda a organização autónoma da classe operária. As ditaduras terroristas do fascismo foram as soluções históricas do capital para os perigos que o operariado representava nesta região: destinavam-se a suprimir todo o vestígio de resistência e independência proletárias, numa conjuntura internacional de crescentes antagonismos inter-imperialistas. A Itália foi o primeiro país a

experimentar toda a força da repressão fascista: em 1926, Mussolini tinha acabado com toda a oposição legal no país. O nazismo tomou o poder na Alemanha em 1933, depois do Comintern ter imposto uma via suicida ao KPD: o movimento operário alemão foi reduzido a nada. Um ano mais tarde, na Áustria, o fascismo clerical lançou um assalto armado que destruiu as fortalezas operárias constituídas pelo Partido e pelos sindicatos. Na Hungria, uma ditadura branca já há muito se instalara. A sul, em Espanha, um golpe militar foi o ponto de partida para três anos de guerra civil que terminaram com o triunfo do fascismo espanhol, apoiado pelo vizinho português e pelos seus aliados na Itália e na Alemanha. A década terminou com a ocupação e o controle nazis da Checoslováquia e com a queda da França.

Nesta época catastrófica, qual foi o destino da teoria marxista na zona centro-europeia que desempenhara um papel tão importante no desenvolvimento do materialismo histórico, antes da I Guerra Mundial? Como vimos, mal o pensamento político de Lenine se difundira fora da Rússia, logo se viu esterilizado pelo processo de estalinização da III Internacional, que progressivamente subordinou as linhas políticas dos

partidos que a integravam aos objectivos da política externa ea URSS. Como é natural, os partidos social-democratas ou centristas fora do Comintern também não ofereciam um campo para a aplicação ou extensão do leninismo. Assim, no âmbito das organizações de massa da classe operária desta zona, no período entre as duas guerras, a substância da teoria marxista circunscreveu-se à análise económica, numa orientação que descendia em linha recta dos grandes debates do ante-guerra.

32

Na República de Weimar criou-se um Instituto de Investigação Social, independente, patrocinado por um rico comerciante de cereais, com o objectivo de promover estudos marxistas num quadro de investigação quase académico (o Instituto estava oficialmente ligado à Universidade de Frankfurt) <sup>(19)</sup>. O seu primeiro director foi o historiador de direito Carl Grunberg, que tinha sido catedrático da

---

<sup>19</sup> Relativamente às origens do Instituto de Investigação Social de Frankfurt, consultar a exposição precisa e completa de Martin Jay em *The Dialectical Imagination*, Londres 1973, pp. 4-12 ss.

Universidade de Viena antes da I Guerra Mundial. Nascido na Transilvânia, Grunberg era um membro típico da velha geração da escola marxista do leste europeu; fundou e dirigiu o primeiro grande jornal da história do movimento operário na Europa, o *Archiv für die Geschichte des Sozialismus and der Arbeiterbewegung*, que transferiu na altura para Frankfurt. Este destacado representante do marxismo austríaco passou a estabelecer a ponte com a geração mais nova de intelectuais socialistas na Alemanha. Durante os anos vinte, o Instituto de Investigação Social a que presidia incluiu nos seus grupos de trabalho tanto comunistas como social-democratas, e manteve uma ligação regular com o Instituto Marx-Engels de Moscovo, enviando material de arquivo a Riazanov para a sua primeira edição das obras de Marx e Engels. Com efeito, o primeiro volume das *Marx-Engels Gesamtausgabe* (MEGA) foi publicado em Frankfurt, em 1927, sob os auspícios conjuntos das duas instituições.

Durante o mesmo período; o Instituto subvencionou também a única grande produção teórica da economia marxista do período entre as duas guerras, a obra de Henryk Grossman – outro emigrante oriundo das

fronteiras orientais do continente. Nascido em 1881 em Cracóvia, filho de um proprietário de minas da Galícia, Grossman era da idade de Bauer e sete anos mais velho que Bukharine – por outras palavras, pertencia à geração excepcional que ascendera ao primeiro plano antes de 1924. Grossman, contudo, evoluíra mais lentamente: começara por ser discípulo de Böhmer-Bawerk em Viena, ligando-se depois ao Partido Comunista Polaco e leccionando economia na Universidade de Varsóvia. Em 1925, a repressão política levou-o da Polónia para a Alemanha, e

33

em 1926-27 deu uma série de conferências no Instituto de Frankfurt, mais tarde coligadas num espesso volume intitulado *A Lei da Acumulação e o Colapso do Sistema Capitalista* (<sup>20</sup>). Publicado no próprio ano da Grande Depressão de 1929, o trabalho de Grossman resumia os debates clássicos do período anterior à Guerra sobre as leis da evolução do modo

---

<sup>20</sup> Die Akkumulations – and Zusammenbruchsgesetz des kapitalistischen Systems, Leipzig 1929; reeditado em Frankfurt em 1971.

de produção capitalista no século XX, e avançava a tentativa mais sistemática e ambiciosa jamais ousada para deduzir o seu colapso objectivo a partir da lógica dos esquemas de Marx sobre a reprodução. As suas teses centrais, que pareciam tão oportunas, foram prontamente protestadas pelo mais jovem economista Fritz Sternberg, um social-democrata de esquerda. A obra de Sternberg *Der Imperialismus* (O Imperialismo) (1926), que era em grande parte uma reafirmação da perspectiva de Rosa Luxemburgo alargada a uma análise inovadora das funções e flutuações do exército industrial de reserva, já tinha sido criticada por Grossman. Ambas as posições foram por sua vez criticadas por outro marxista de origem polaca, Natalie Moszkowska, num pequeno livro sobre as teorias modernas da crise, escrito depois da tomada do poder pelo nazismo na Alemanha (<sup>21</sup>). No ano seguinte, Bauer publicou o seu último trabalho teórico, intitulado, profeticamente, *Entre Duas Guerras Mundiais?*, quando do seu exílio na Checoslováquia (<sup>22</sup>). Este testamento político e

---

<sup>21</sup> *Zur Kritik moderner Krisentheorien*, Praga 1935. Moszkowska nasceu em Varsóvia em 1886, e emigrou em 1908 para a Suíça, onde viveu em Zurique até à data da sua morte em 1968.

<sup>22</sup> *Zwischen Zivei Weltkriegen?*, Bratislava 1936.

económico do mais dotado expoente da escola marxista austríaca, era o remate final de toda uma vida de experiências sobre os esquemas da reprodução do capital segundo Marx, para construir a mais sofisticada teoria do «subconsumo» como origem das crises do capitalismo até então apresentada, e reconhecia a sua desilusão final com o reformismo gradualista que tinha praticado durante tanto tempo como dirigente partidário, apelando para uma reunificação entre o movimento social

34

-democrata e o movimento comunista na luta contra o fascismo.

Bauer morreu em Paris em 1938, pouco depois de ter sido obrigado a abandonar Bratislava pela assinatura do pacto de Munique. Passados poucos meses, eclodia a II Guerra Mundial e a avassaladora ocupação da Europa pelo nazismo encerrava uma época do maxismo no continente. Em 1941, Hilferding pereceu às mãos da Gestapo, em Paris. A partir de então, o post-scriptum da tradição que eles tinham encarnado

só poderia ser escrito nas periferias dos campos de batalha. Em 1943, na Suíça, Moszkowska publicou o seu último e mais radical trabalho, *Sobre a Dinâmica do Capitalismo Tardio* (<sup>23</sup>). Entretanto, nos Estados Unidos, o jovem economista americano Paul Sweezy retomava e resumia, num trabalho de exemplar clareza, *A Teoria do Desenvolvimento Capitalista* (<sup>24</sup>), a história dos debates marxistas sobre as leis do desenvolvimento do capitalismo, desde Tugan-Baranovsky a Grossman, aderindo ele próprio à última tese de Bauer sobre o problema do subconsumo. Contudo, o livro de Sweezy, escrito na altura do «New Deal», renunciava implicitamente a afirmar que as crises de desproporcionalidade e subconsumo fossem inultrapassáveis no modo de produção capitalista, e aceitava que as intervenções anti-cíclicas do Estado, preconizadas por Keynes, poderiam ter uma certa eficácia e assegurar a estabilidade interna do imperialismo. Pela primeira vez se atribuía a desintegração final do capitalismo a uma determinante puramente exterior: às realizações económicas superiores da União Soviética e dos países que se esperava seguissem o seu caminho no

---

<sup>23</sup> Zur Dynamic des Spatkapitalismus, Zurique 1943.

<sup>24</sup> Sweezy tinha trinta e dois anos quando ele foi publicado, em 1942.

fim da Guerra, cujo «efeito de persuasão» podia eventualmente tornar possível uma transição pacífica para o socialismo nos próprios Estados Unidos (<sup>25</sup>). Com esta concepção, A Teoria do Desenvolvimento Capitalista marcou o fim de uma época intelectual.

35

---

<sup>25</sup> The Theory of Capitalist Development, Nova Iorque 1968 (reedição), pp. 348-62.

## 2. O ADVENTO DO MARXISMO OCIDENTAL

---

A seu tempo, a maré da II Guerra Mundial chega ao Volga e reflui. As vitórias do Exército Vermelho sobre a Wehrmacht em 1942-3 garantiram a libertação da Europa da dominação nazi. Em 1945, o fascismo tinha sido derrotado em toda a parte, excepto na região ibérica. A URSS, cujo prestígio e poder se tinham reforçado enormemente no plano internacional, era senhora dos destinos da Europa oriental, à excepção das regiões mais meridionais dos Balcãs. Em breve regimes comunistas se estabeleciam na Prússia, na Checoslováquia, na Polónia, na Hungria, na Bulgária, na Roménia, na Jugoslávia e na Albânia; as classes capitalistas locais foram expropriadas e instaurou-se o modelo soviético de industrialização. Agora, um «campo socialista» integrado cobria metade do continente. A outra metade foi salva para o capitalismo pelos exércitos americano e inglês. Contudo, na França e na Itália, o

papel dirigente que tiveram na Resistência fez dos partidos comunistas destes países, pela primeira vez, organizações maioritárias da classe operária. Em contrapartida, na Alemanha Ocidental, como não houvera uma experiência de resistência comparável àquela e o país se encontrava dividido, foi possível eliminar, com êxito, no proletariado a tradição comunista do período anterior à Guerra e restaurar o Estado burguês, sob a protecção da ocupação anglo-americana. Os vinte anos que se seguiram exibiram um modelo económico e político diametralmente oposto ao do período entre as duas guerras. Em nenhum dos principais países da Europa ocidental

37

se assistiu ao regresso de ditaduras militares ou policiais e, pela primeira vez na história do capitalismo, a democracia parlamentar, baseada num sufrágio universal integral tornou-se estável e normal em todo o mundo industrial avançado; nem se vieram a repetir, tão-pouco, as depressões catastróficas dos anos vinte e trinta-pelo contrário, o capitalismo mundial experimentou um longo «boom» de dinamismo sem precedentes e a mais rápida e

próspera fase de expansão da sua história. Entretanto, e após a morte de Estaline, os regimes burocráticos repressivos que tutelavam o proletariado na União Soviética e na Europa oriental atravessaram crises e reajustamentos uns atrás dos outros, mas não sofreram qualquer alteração fundamental na sua estrutura. Abandonou-se o terror como arma sistemática, do Estado, mas a coacção armada continuou a dominar as revoltas populares nesta zona. Com pontos de partida relativamente baixos, o crescimento económico foi rápido, mas não representou uma ameaça política à estabilidade. do bloco capitalista.

Foi neste universo modificado que a teoria revolucionária completou a mutação que produziu aquilo a que hoje podemos chamar, retrospectivamente, «marxismo ocidental». Com efeito, o conjunto da obra dos autores de que nos passaremos a ocupar constitui uma configuração intelectual inteiramente nova no desenvolvimento do materialismo histórico. Nas suas mãos; o marxismo tornou-se, em certos aspectos fundamentais, um tipo de teoria muito diferente de tudo o que a tinha precedido. Em particular, os temas e os problemas característicos de todo o conjunto de teóricos que

tinham adquirido maturidade política antes da I Guerra Mundial sofreram uma radical mudança de eixo, determinada tanto pela geração como pela sua localização geográfica.

A história deste deslocamento foi longa e complexa, e a sua gestação iniciou-se já no período entre as duas guerras, coexistindo com o declínio da tradição antecedente. A maneira mais clara de abordar este problema será talvez começar por um quadro cronológico e de distribuição geográfica dos teóricos agora sob discussão:

38

Lukács	1885-1971	Budapeste
Korsch	1886-1961	Todstedt (Saxónia ocidental)
Gramsci	1891-1937	Ales (Sardenha)
Benjamin	1892-1940	Berlim
Horkheimer	1895-1933	Estugarda (Suàbia)
Della Volpe	1897-1968	Imola (Romagna)
Marcuse	1898-1979	Berlim
Lefebvre	1901	Hagetmau (Gasconha)
Adorno	1903-1969	Frankfurt
Sartre	1905-1980	Paris

Goldmann	1913-1970	Bucareste
Althusser	1918	Birmandreis (Argélia)
Colletti	1924	Roma

As origens sociais destes pensadores não diferiam das dos seus predecessores <sup>(26)</sup>. Geograficamente, contudo, este grupo manifesta um contraste radical com o dos intelectuais marxistas que se notabilizaram depois de Engels. Como vimos, quase todos os teóricos importantes das duas gerações que se sucederam à dos fundadores do materialismo histórico provinham da Europa oriental e centro-oriental; nos impérios germânicos, inclusivamente foram Viena e Praga, mais do que Berlim, que forneceram os principais pensadores da II Internacional. Em

---

<sup>26</sup> Lukács era filho de um banqueiro, Benjamin de um negociante de obras de arte, Adorno de um comerciante de vinhos, Horkheimer de um industrial têxtil, Della Volpe de um proprietário de terras, Sartre de um oficial da Marinha, Korsch e Althusser de directores de bancos, Colletti de um bancário, Lefebvre de um empregado de escritório, Goldmann de um advogado. Somente Gramsci foi educado em condições de verdadeira pobreza. O seu avô tinha sido coronel na polícia mas a carreira de seu pai como pequeno funcionário foi arruinada quando da sua prisão por corrupção. Desde aí, a família passaria a viver em condições económicas muito difíceis.

contrapartida, do fim da I Guerra Mundial em diante, a posição inverteu-se. À exceção de Lukács e do seu discípulo Goldmann, todas as figuras fundamentais da tradição acima indicada eram de origem mais ocidental. O próprio Lukács

39

formou-se em Heidelberg e, do ponto de vista cultural, foi sempre mais alemão do que húngaro, ao passo que Goldmann viveu toda a sua vida adulta em França e na Suíça. Dos dois alemães que nasceram em Berlim, Benjamin adoptou notória e conscientemente uma orientação cultural francesa, ao passo que Marcuse recebeu a sua formação fundamentalmente em Freiburg, na Suábia (<sup>27</sup>). Podem estabelecer-se

---

<sup>27</sup> A Alemanha do sudoeste parece ter desempenhado um importante papel como zona cultural distinta nesta tradição. Aí nasceram Adorno e Horkheimer e aí fizeram os seus estudos Lukács e Marcuse. Após a época do II Reich, Heidelberg e Freiburg mantiveram relações filosóficas muito estreitas. Relativamente à francofilia de Benjamin, já ele mesmo dizia em 1927: «Na Alemanha, sinto que estou muito isolado nos meus esforços e interesses em relação às pessoas da minha geração, ao passo que em França existem certas forças (...) em que vejo a trabalhar aquilo que me interessa também» (II luminations, Londres 1970, p. 22).

dois grupos de gerações dentro desta tradição (<sup>28</sup>). O primeiro grupo de intelectuais é constituído pelos que se formaram politicamente na própria experiência da I Grande Guerra, ou na da Revolução Russa, que ocorreu antes de a Guerra ter acabado. Cronologicamente, Lukács era três anos mais velho do que Bukharine, e Korsch dois anos mais velho. Mas o que os separava da geração anterior à Guerra era o facto de terem chegado ao socialismo revolucionário muito mais tarde; enquanto Bukharine era já um activo e experimentado braço-direito de Lenine mesmo antes de 1914, eles começaram a radicalizar-se por efeito da Grande Guerra e das revoltas de massa que se lhe seguiram, surgindo como marxistas depois de 1918. Gramsci, em contrapartida, já era militante do PSI no dealbar da I Guerra Mundial, mas era ainda jovem e imaturo, e a sua inexperiência levou-o a cometer graves erros quando

---

<sup>28</sup> É óbvio que qualquer classificação dos teóricos marxistas por gerações deve basear-se em intervalos de, aproximadamente, vinte anos: o problema é saber onde colocar as rupturas históricas relevantes na continuidade biológica de uma vida, em qualquer época. Não é este o lugar adequado para examinar tal questão; contudo, neste caso, as linhas de divisão estão suficientemente traçadas através dos sucessivos levantamentos políticos da época.

aquela rebentou (nessa altura esteve a pontos de defender a intervenção italiana no

40

holocausto, num momento em que o seu partido o denunciava vigorosamente). Marcuse foi mobilizado para o exército alemão antes dos vinte e um anos, aderindo, por um breve período, ao USPD, em 1917-18; Benjamin fugiu ao serviço militar mas foi radicalizado pela Guerra. Em contrapartida, o segundo «lote» das gerações que entroncam na tradição do marxismo ocidental era constituída por homens que atingiram a maturidade bastante depois da I Guerra Mundial e que foram formados politicamente pelo avanço do fascismo e pela II Guerra Mundial. Destes, o primeiro a descobrir o materialismo histórico foi Lefebvre (figura sob muitos aspectos fora do comum neste grupo), que aderiu ao Partido Comunista Francês em 1928. Adorno, mais novo uma década que Marcuse ou Benjamin, parece ter-se virado para o marxismo só depois da tomada do poder pelos nazis, em 1933. Sartre e Althusser, embora de idades bastante diferentes, parecem ter-se radicalizado, ao mesmo tempo, pelo impacto da Guerra Civil

espanhola, pelo descalabro francês de 1940 e pela prisão na Alemanha. Ambos completaram a sua evolução política depois de 1945, durante os primeiros anos da guerra fria; Althusser aderiu ao PU em 1948, enquanto Sartre, por seu turno, se juntou ao movimento comunista internacional em 1950. Goldmann foi atraído pela obra de Lukács antes e durante a II Guerra Mundial, encontrando-o na Suíça depois da Guerra, em 1946. Della Volpe constitui uma excepção cronológica que, não obstante, confirma o modelo político da geração: embora no que diz respeito ao grupo de idades seja membro da primeira geração, em nada foi tocado pela I Guerra Mundial, estando mais tarde comprometido com o fascismo italiano, e só tardiamente se moveu em direcção ao marxismo, em 1944-45, no fim da II Guerra Mundial, já perto dos cinquenta anos. Finalmente, descortinamos um único caso que possa delimitar uma terceira geração: Colletti, que era demasiado novo para ser marcado profundamente pela II Guerra Mundial, e se tornou discípulo de Della Volpe no período posterior à Guerra, aderindo ao PCI em 1950.

Veremos que, sobretudo desde o princípio dos anos vinte em diante, o marxismo europeu se encontrou

cada vez mais na Alemanha, na França e na Itália-três países em que,

41

tanto antes como depois da II Guerra Mundial, a existência de um partido comunista que chamava a si a confiança dos principais sectores da classe operária se combinava com uma «intelligentsia» numerosa e radical. A ausência de tanto uma como outra destas condições bloqueou o surgimento de uma cultura marxista desenvolvida fora desses países. Na Grã-Bretanha, uma larga radicalização atravessou os intelectuais no período entre as duas guerras, mas a massa da classe operária manteve-se firmemente fiel ao reformismo social-democrata. Em Espanha, o proletariado mostrou possuir um temperamento mais revolucionário do que o de qualquer outra classe operária no continente nos anos trinta, mas neste país havia poucos intelectuais no movimento operário.

Neste período, nenhum destes dois países produziu qualquer teoria marxista importante como tal <sup>(29)</sup>.

---

<sup>29</sup> O caso da Espanha continua porém a ser um importante enigma histórico. Porque razão não produziu a Espanha um Labriola ou um Gramsci –apesar da extraordinária combatividade do seu proletariado e do seu campesinato, superior à dos da Itália, e da herança cultural que provinha do século XIX, que, embora menos considerável do que a italiana, está longe de poder ser considerada insignificante? Impõe-se toda uma série de investigações neste sentido. A sua solução poderia dar origem a uma mais ampla análise das condições que determinaram a origem e o desenvolvimento do materialismo histórico como teoria. Cingir-nos-erros aqui a dizer, relativamente ao problema das respectivas heranças culturais, que enquanto Croce estudava e difundia a obra de Marx em Itália durante a década de 90, a seu mais próximo parceiro intelectual em Espanha, Unamuno, convertia-se também ao marxismo. Realmente, Unamuno, ao contrário de Croce, participara activamente na organização do Partido Socialista Espanhol em 1894-97. Contudo, enquanto a ligação de Croce ao materialismo histórico iria ter profundas consequências no desenvolvimento do marxismo em Itália, a actividade de Unamuno não deixou quaisquer vestígios em Espanha. O enciclopedismo do italiano, tão diverso do ensaísmo do espanhol, foi seguramente uma das causas da diversidade dos seus legados teóricos. Unamuno foi um pensador de muito menor envergadura. Num plano mais geral, as suas limitações eram sintomaticas da ausência, muito mais marcada em Espanha, de qualquer importante tradição do pensamento filosófico sistemático –algo que sempre faltou à cultura espanhola, desde os tempos da Renascença até ao Iluminismo, apesar de todo o virtuosismo da sua literatura, da sua

As datas históricas e a distribuição geográfica do «marxismo ocidental» fornecem o quadro formal preliminar que permite situá-lo no contexto da evolução do pensamento socialista no seu conjunto. Continuam por identificar os traços específicos importantes que o definem e demarcam como tra(ção integrada. A primeira e mais fundamental das suas características foi o divórcio estrutural entre este marxismo e a prática política. A unidade orgânica

---

pintura ou da sua música. Foi talvez a ausência deste elemento catalizador que impediu o aparecimento de qualquer trabalho marxista digno de nota no movimento operário espanhol do século XX. Um facto da mesma ordem poderá também contribuir para explicar o curioso malogro do marxismo como inspirador de um corpo teórico original em Inglaterra, com a sua tradição local do empirismo (que se acentuou com notável incidência após 1900), enquanto, por outro lado, produzia um corpo notável de historiografia. A importância de um elemento filosófico no seio da síntese social complexa necessária para a criação de um marxismo vivo em qualquer formação nacional foi, é claro, sublinhada por Engels. Este factor deverá ser tomado em consideração na crítica do predomínio da filosofia no marxismo ocidental em outros países da Europa, que analisaremos seguidamente; o que não significa, contudo, que essa crítica deva ser rejeitada em bloco.

entre a teoria e a prática operada pela geração de marxistas anterior à I Guerra Mundial, que desempenharam uma função político-intelectual inseparável dos seus partidos respectivos da Europa central e oriental, ver-se-ia cada vez mais afectada na metade do século que decorreu de 1919 a 1968, na Europa ocidental. A ruptura não foi imediata nem espontânea, no novo contexto histórico e geográfico do marxismo após a I Guerra Mundial. Foi-se antes operando lenta e progressivamente por pressões históricas massivas, que só levaram a cabo a ruptura final entre a teoria e a prática durante os anos trinta. Contudo, no período que se seguiu à II Guerra Mundial a distância entre elas era tão grande que parecia quase inerente à própria tradição. Com efeito, os primeiros três teóricos importantes da geração pós-1920 – Lukács, Korsch e Gramsci, os verdadeiros progenitores de todo o modelo do marxismo ocidental-foram todos inicialmente importantes dirigentes políticos nos seus respectivos partidos. Todos eles tomaram também parte activa nas insurreições revolucionárias de massa desse tempo e foram seus organizadores directos; realmente só neste contexto político se pode compreender o surgimento das suas teorias.

Lukács foi Comissário do Povo para a Educação na República Soviética Húngara em 1919, e combateu no seu exército revolucionário, na Frente do Tisza, contra o ataque da Entente àquela região. Exilado na Áustria durante os anos 20, foi membro dirigente do Partido Comunista Húngaro e, depois de uma década de lutas fraccionais no seio da organização, tornou-se, por um breve período, secretário-geral do Partido em 1928. Korsch foi Ministro da Justiça comunista do governo da Turíngia em 1923, e encarregado dos preparativos para-militares da região para a insurreição organizada pelo KPD para esse ano, na Alemanha central, que foi desbaratada pela Reichswehr. Tornou-se então destacado deputado pelo Partido ao Reichstag, director do seu jornal teórico e um dos dirigentes da sua fracção de esquerda em 1925. Como é óbvio, Gramsci desempenhou um papel de longe mais importante do que qualquer um deles na luta de massas da época imediata ao pós-guerra. Organizador e teórico central dos conselhos de fábrica de Turim e director de *L'Ordine Nuovo*, em 1919-20, foi um dos fundadores do PCI no ano seguinte, e tornou-se pouco a pouco o principal dirigente do partido em 1924, data

em que este conduzia uma luta defensiva difícil contra a consolidação do fascismo em Itália. O destino de cada um destes três homens simbolizou as forças que haveriam de provocar uma profunda cisão entre a teoria marxista e toda e qualquer prática de classe nos anos subsequentes. Korsch foi expulso do KPD em 1926 por negar que o capitalismo se tivesse estabilizado, por exigir que fosse dada uma renovada importância à agitação nos conselhos operários, e por criticar a política externa soviética por acomodação ao capitalismo mundial. Tentou então, durante dois anos, manter um grupo político independente, e mesmo depois da sua dissolução manteve-se activo nos círculos intelectuais marxistas e proletários até 1933, quando a vitória do nazismo o levou da Alemanha empurrando-o para o exílio e para o isolamento na Escandinávia e nos Estados Unidos (<sup>30</sup>). Lukács, por outro lado, delineou as teses oficiais para o Partido Comunista Húngaro em 1928,

---

<sup>30</sup> Sobre a trajectória seguida por Korsch, ver Hedda Korsch, «Memories of Karl Korsch», *Neu, Left Review*, nO 76, Novembro-Dezembro 1972, pp. 42-44.

que, implicitamente, rejeitavam as perspectivas catastróficas recém adoptadas no VI Congresso do Comentem – a famosa linha do «Terceiro Período», que atacava violentamente as organizações operárias reformistas como «social-fascistas», e negava, de uma maneira nihilista, qualquer distinção entre regimes democrático-burgueses e ditaduras militares e policiais como instrumentos da dominação capitalista<sup>(31)</sup>. O facto de Lukács ter tentado esboçar uma tipologia distintiva dos sistemas políticos capitalistas na nova conjuntura, e o facto de ter posto a tónica na necessidade de palavras-de-ordem democráticas transitórias na luta contra a tirania de Horthy na Hungria, foi violentamente denunciado pelo secretariado do Comintern, que o ameaçou de expulsão sumária do Partido. Para evitar a expulsão, ele publicou uma retratação (sem modificar as suas ideias pessoais); mas pagou por isso um preço: o de uma renúncia permanente às responsabilidades organizativas quer no Partido quer na Internacional. De 1929 em diante, Lukács deixou de ser um

---

<sup>31</sup> Ver as passagens fundamentais das chamadas «Teses de Blum» (segundo o pseudónimo adoptado por Lukács durante a clandestinidade) em Georg Lukács, *Political Writings 1919-1929*, Londres NU 1972, pp. 240-51.

militante político, limitando-se à crítica literária e à filosofia no seu trabalho intelectual. Depois de um breve período em Berlim, a tomada do poder pelos nazis forçou-o também ao exílio, como Korsch, mas no campo oposto, na URSS, onde permaneceu até ao fim da II Guerra Mundial.

O destino de Gramsci foi mais sombrio. Preso por ordem de Mussolini em Roma, em 1926, quando o fascismo italiano consumou a sua ditadura sobre o país, passou nove anos terríveis na prisão, em condições que acabaram por ocasionar a sua morte em 1937. Como, devido à reclusão, se encontrava impedido de participar na vida clandestina do PCI, viu-se ao abrigo de confrontos directos com as consequências da estalinização do Comintern. Mesmo assim, o seu último acto político antes de ter sido preso consistiu em escrever um áspero protesto a Togliatti, então em Moscovo, contra a supressão, por parte deste, da carta do Partido Italiano ao Comité Central do PCUS em que se defendia uma maior tolerância nas suas

disputas internas, nas vésperas da expulsão da Oposição de Esquerda na Rússia; mais tarde, também se opôs categoricamente da prisão à linha do «Terceiro Período» iniciada em 1930, defendendo posições não muito diferentes das que Lukács adaptara em 1928, posições que sublinhavam a importância de reivindicações democráticas transitórias nos regimes fascistas, e a necessidade vital de conquistar o concurso do campesinato para derrubar esses regimes <sup>(32)</sup>. Nessa altura, o clima no seio da III Internacional era tal que o seu irmão, a quem confiou as suas opiniões para este as transmitir às instâncias superiores do Partido, fora da Itália, nada disse para evitar a Gramsci o perigo da expulsão. As duas grandes tragédias que de tão diferentes maneiras submergiram o movimento operário europeu no período entre as duas guerras – o fascismo e o estalinismo – conjugaram-se assim para dispersar e destruir os portadores potenciais de uma teoria marxista autóctone unida à prática de massas do proletariado do Ocidente. A solidão e a morte de Gramsci em Itália, o isolamento e o exílio de Korsch e de Lukács nos Estados Unidos e na URSS, marcaram

---

<sup>32</sup> Ver Giuseppe Fiori, Antonio Gramsci, Londres NLB 1970, pp. 249-58.

o fim da fase em que o marxismo ocidental se mantinha ainda ligado às massas. Daí em diante, passaria a falar uma linguagem com um código muito próprio, distanciando-se cada vez mais da classe cujo destino procurou servir ou a que buscou ligar-se.

A modificação profunda que iria agora ocorrer teve a sua primeira expressão na Alemanha, no Instituto de Investigação Social de Frankfurt, cujas origens e desenvolvimento já vimos. Embora a sua concepção como centro académico de investigação marxista no seio de um Estado capitalista constituísse um novo ponto de partida na história do socialismo. que implicava uma separação institucional da política, que Rosa Luxemburgo, por exemplo, jámais teria aceitado antes da Guerra, aquele Instituto consagrou-se, durante toda a década de vinte, aos problemas tradicionais do movimento operário, combinando um sólido trabalho empírico com uma análise

teórica séria. No discurso de fundação, o seu director lançou uma advertência específica contra os perigos que corria o Instituto de se tornar numa escola de «mandarins», e aos seus quadros pertenciam membros activos de partidos proletários da República de Weimar, especialmente do KPD (<sup>33</sup>). A revista do Instituto publicou trabalhos de Korsch e de Lukács, lado a lado com ensaios de Grossman e de Riazanov. Ele constituiu assim o ponto de confluência das correntes «ocidental» e «oriental» existentes no seio do marxismo durante os anos vinte. Por conseguinte, a sua trajectória teria uma importância fundamental para a evolução da teoria marxista no seu conjunto, na Europa no período entre as duas Guerras. Em 1929, Grünberg, o historiador marxista austríaco que a dirigira desde a sua fundação, retirou-se. Em 1930, Horkheimer tornou-se o novo director do Instituto, um ano depois de Lukács ter sido silenciado, no ano em que Gramsci foi censurado, para a sua própria segurança, mesmo na prisão. Horkheimer era filósofo, enquanto Grünberg tinha sido historiador; na sua primeira comunicação, pôs a tónica numa importante reorientação do trabalho do Instituto, que deixaria de

---

<sup>33</sup> Jay, *The Dialectical Imagination*, pp. 11-17.

preocupar-se com o materialismo histórico como «ciência», passando a orientar-se para o desenvolvimento da «filosofia social», complementada por investigações empíricas. Em 1932, o Instituto deixou de publicar a revista Arquivar para a História do Socialismo e do Movimento Operário; a sua nova revista intitulava-se inocentemente Revista de Investigação Social. No breve período que antecedeu a contra-revolta fascista de 1933, Horkheimer congregou no Instituto um grupo diversificado e talentoso de jovens intelectuais, dos quais os mais importantes iriam ser Marcuse e Adorno. Contrariamente a Grünberg ou a Grossman, Horkheimer nunca fora membro destacado de qualquer partido operário, embora tivesse outrora admirado Rosa Luxemburgo e ainda se mantivesse politicamente radicalizado, numa posição crítica, relativamente tanto ao SPD como ao KPD. Marcuse, que tinha sido membro de um conselho de soldados em 1918, tinha mantido algumas ligações com o movimento operário organizado, nomeadamente com a ala esquerda do

SPD; nos anos imediatamente antecedentes à tomada do poder por Hitler, foi colaborador do jornal teórico de Hilferding *Die Gesellschaft*. Adorno, por outro lado, como benjamim do trio, não tinha quaisquer laços pessoais com a vida política socialista. O cepticismo da nova equipa do Instituto em relação às perspectivas da luta de classes na Alemanha, num momento em que tanto o partido social-democrata como o comunista ostentavam a sua confiança no futuro, revelou-se logo desde a tomada de funções de Horkheimer, quando os seus fundos foram transferidos para a Holanda, em 1933, e quando se estabeleceu na Suíça uma secretaria externa (<sup>34</sup>).

A vitória nazi de 1933 exilou assim o Instituto mas não o destruiu como centro de trabalhos. Horkheimer pode negociar a sua transferência oficial para os Estados Unidos em 1934, onde foi integrado na Universidade de Colúmbia, Nova Iorque; e antes do eclodir da Guerra todos os seus colegas mais chegados se lhe juntaram na América. A emigração do Instituto para os Estados Unidos transferiu-o para um ambiente político privado de um movimento operário

---

<sup>34</sup> Jay, *The Dialectical Imagination*, pp. 11-17.

comprometido com o socialismo, sequer formalmente, e de uma substancial tradição marxista. No seu novo meio, o Instituto como tal gravitou firmemente no sentido de uma adaptação à ordem burguesa local, censurando o seu próprio trabalho passado e presente para se conformar com as susceptibilidades académicas ou associativas locais, e conduzindo investigações sociológicas com um carácter positivista convencional. Para se camuflar no seu novo ambiente de vida, procedeu a uma quase total retirada da política. Em privado, Horkheimer e Adorno continuaram a manter uma hostilidade acerba relativamente à sociedade dos Estados Unidos, hostilidade essa que depois da Guerra se tornou manifesta no seu trabalho conjunto *Dialéctica da Razão* (prudentemente publicado na Holanda), com uma linha básica de raciocínio que colocava efectivamente ao mesmo nível o liberalismo norte-americano e o fascismo alemão. O regresso do Instituto a Frankfurt em 1949-50 não pode, contudo, alterar a mudança fundamental na sua função social e na sua orientação ocorrida nos Estados Unidos. A Alemanha Ocidental

do pós-Guerra era agora, cultural e politicamente, o mais reaccionário dos países capitalistas da Europa ocidental; a sua tradição marxista fora extirpada pelo chauvinismo nazi e pela repressão norte-americana e o seu proletariado encontrava-se de momento passivo e inactivo. Foi neste meio, de onde o KPD seria banido e onde o SPD abandonaria oficialmente qualquer conexão com o marxismo, que se completou a despolitização do Instituto; e se no mundo académico dos EUA ele tinha sido um enclave isolado, foi oficialmente festejado e apadrinhado na Alemanha Ocidental. A «teoria crítica» advogada por Horkheimer nos anos trinta renunciava agora explicitamente a qualquer ligação com a prática socialista. O próprio Horkheimer caiu em ignominiosas apologias do capitalismo na altura em que se retirou <sup>(35)</sup>. Adorno, que se tornou director do Instituto em 1958, por outro lado, e que produziu a parte mais significativa do seu trabalho após a II Guerra Mundial, nunca seguiu este caminho; o seu grande alheamento em relação à política, sempre maior que o dos seus colegas, preservou-o de tal. Marcuse, pelo contrário, que tinha mantido uma

---

<sup>35</sup> Ver a entrevista a Der Spiegel, 6 de janeiro de 1970.

posição secundária nos Estados Unidos, iria preservar uma posição individual intransigentemente revolucionária, no meio de um grande isolamento intelectual e institucional, nos anos 50 e 60. Mas a tensão objectiva provocada por esta situação teve o seu preço no seu pensamento. Fiel aos ideais políticos do marxismo clássico, já completamente separado de qualquer força social activa que por eles lutasse, Marcuse, na América, acaba por teorizar a «integração» estrutural da classe operária no capitalismo desenvolvido, e assim a impossibilidade de transpor o fosso entre o pensamento socialista-que agora, mais uma vez, se tornava inevitavelmente «utópico» – e a acção proletária na história contemporânea. A ruptura entre a teoria e a prática, que começara a desenvolver-se discretamente na Alemanha nos últimos anos da década de vinte, foi ruidosamente consagrada em teoria no meio da década de sessenta, com a publicação de O Homem Unidimensional.

Antes da vitória do nazismo, a Alemanha era o único grande país europeu, à excepção da Rússia, a ter um partido

comunista de massas. Depois dela, a França foi a primeira a possuir um movimento comunista com proporções de massa, durante o período da Frente Popular. Ais a II Guerra Mundial, enquanto o KPD estava praticamente extinto na Alemanha Ocidental, o PU tornou-se a organização maioritária da classe operária em França. Esta dupla transformação modificou todo o equilíbrio da cultura marxista na Europa. Desde a época da II Internacional que o movimento operário francês-no começo do século XIX o primeiro do continente quanto a militância política e a criatividade intelectual andava teoricamente muito atrás dos seus congéneres da Europa central e oriental, e mesmo da Itália. O marxismo nunca tinha penetrado profundamente, nem na SFIO, nem na CGT. As razões deste atraso cultural na III República foram essencialmente duas: por um lado, a força da tradição indígena pré-marxista (proudhonismo, blanquismo, anarco-sindicalismo) no seio do próprio proletariado, e, por outro, o vigor persistente do radicalismo burguês (de um tipo de jacobinismo tardio) que ainda mantinha a «intelligentsia» local presa à sua própria classe.

Quando uma confluência entre estas duas correntes tinha lugar, como aconteceu com dirigentes do tipo de Jaurès, o resultado era uma doutrina social de pronunciado idealismo e provincianismo. A França não deu qualquer contribuição importante para os grandes debates marxistas do período que antecedeu 1914. O Capital era um livro fechado para o Partido Socialista Francês, em todos os sentidos do termo; significativamente, nenhuma obra teórica importante escrita após Marx e Engels foi traduzida em França antes da I Guerra Mundial. A vitória da Entente em 1918, protegendo a dominação da burguesia francesa e difundindo na classe operária o terror da derrota, atrasou ainda muito mais o crescimento do marxismo como força real no país. O Partido Comunista Francês, depois de um começo na aparência triunfante em 1920, cedo se reduziu a proporções relativamente modestas, contando cerca de 50.000 membros no fim da década; os intelectuais que atraiu eram principalmente personalidades literárias que tinham uma relação mais sentimental do que científica com a herança das ideias socialistas.

Foi preciso chegar o ano de 1928 para que o primeiro grupo de intelectuais mais jovens que se interessavam realmente pelo marxismo entrassem para o Partido. Este grupo incluía Nizan, Lefebvre, Politzer, Guterman e Friedman; consolidara-se na revolta contra a esterilidade e o tacanho espírito paroquial, bairrista, da filosofia oficial francesa, tendo originalmente simpatizado com o surrealismo (<sup>36</sup>). A sua entrada para o PCF, contudo, coincidiu com o processo final de estalinização do movimento comunista internacional, durante o «Terceiro Período». Por conseguinte, desde o começo que os seus trabalhos teóricos foram sujeitos a pressões políticas estritas, pois por essa altura todas as questões principais relacionadas com a análise do desenvolvimento capitalista e com a condução da luta de classes eram do domínio reservado do próprio Comintern, instalado na Rússia, não sendo sequer acessíveis à direcção nacional do Partido em França. O campo de actividade intelectual no seio do marxismo tinha-se assim restringido grandemente no interior das fileiras dos partidos comunistas europeus. Politzer, após uma tentativa pioneira de uma crítica

---

<sup>36</sup> Sobre os antecedentes deste grupo, ver Henri Lefebvre, *La Somme et le Reste*, Paris 1959, pp. 389-414.

marxista da psicanálise (<sup>37</sup>), tornou-se pouco mais que um obediente funcionário cultural do PCF. O estilo polémico de Nizan foi tenazmente sufocado pelas pressões organizativas, até que acabou por se rebelar contra o pacto nazi-soviético e foi expulso do partido (<sup>38</sup>). Só Lefebvre manteve um nível e um volume relativamente altos de produção escrita e a pública afirmação da sua fidelidade ao PCF. Pode fazê-lo graças a uma inovação táctica que se tornaria mais tarde amplamente característica dos teóricos marxistas que lhe sucederam na Europa ocidental: dar a César o que é de César – lealdade política, combinada com um trabalho intelectual suficiente-

51

mente dissociado dos problemas centrais da estratégia revolucionária de forma a escapar ao controle ou à

---

<sup>37</sup> Critiques des Fondements de la Psychologie, Paris 1928. Pulitzer tinha sido testemunha da Comuna Húngara durante a sua juventude, o que deixa perceber as suas ténues ligações com o marxismo da Europa Central.

<sup>38</sup> Consultar o brilhante prefácio de Sartre na reedição do livro de Nizan Aden-Arabie, Paris 1960; os dois eram amigos muito chegados.

censura directa. Os mais importantes escritos de Lefebvre nos anos trinta eram de carácter fundamentalmente filosófico, a um nível de abstracção que poderia ser contido no interior dos limites da disciplina do partido. A publicação da sua obra mais importante, *O Materialismo Dialéctico*, adiada três anos após a sua composição, foi acolhida oficialmente com suspeição <sup>(39)</sup>; pelo seu tom e pelas suas preocupações, pode situar-se algures entre o estilo directo original dos primeiros tempos de Lukács, com os seus apelos explícitos à «história», e o estilo evasivo contemporâneo de Horkheimer, com os seus cada vez mais ilusórios apelos à «crítica teórica». Embora lido em Paris por Benjamim (com quem compartilhou a simpatia pelo surrealismo) <sup>(40)</sup>, Lefebvre permaneceu internacionalmente isolado nos últimos anos da década de trinta; na própria França o seu exemplo foi único.

---

<sup>39</sup> Para este episódio, ver o relato autobiográfico de Lefebvre em *La Somme et le Reste*, p. 47.

<sup>40</sup> Ver o ensaio de Benjamim Eduard Fuchs, *der Sanimler and der Historiker*, em *Angelus Novus*, Frankfurt 1966, pp. 326, 41. Os contactos de Benjamim em Paris constituem um importante assunto a ser mais tarde investigado.

Foi a ocupação alemã de 1940-44 que inverteu todo o universo político e cultural da III República, e que, pela primeira vez, produziu as condições para a generalização do marxismo como corrente teórica em França. O PCF, que tinha crescido até se transformar num partido de massas com mais de 300.000 membros nos últimos anos da Frente Popular, tornou-se a força popular dominante na Resistência no período que se seguiu a 1941, e saiu da Guerra enormemente fortalecido. Após 1945, a sua superioridade organizativa no movimento operário francês era avassaladora, daí resultando o rápido crescimento do seu poder de recrutamento e de atracção de intelectuais. Politzer tinha sido morto durante a resistência; Nizan tinha morrido em Dunquerque. Lefebvre ficou como o mais destacado e prolifero filósofo do Partido nos dez anos que se seguiram. Durante esse período, o aumento da massa de intelectuais entrados no PCF produziu, comparati-

52

vamente, um diminuto trabalho teórico no seu interior, porque este foi largamente neutralizado pela intensificação extrema do controle cultural no seio do

Partido com a investida da Guerra Fria, e pela violenta coacção do jdanovismo imposto pela direcção do PCF no auge daquela. Assim, o novo fenómeno mais importante da primeira década após a Guerra foi o impacto do marxismo nos meios existencialistas que tinham começado a aparecer durante a ocupação e que atingiriam uma ampla irradiação cultural após ela, com os trabalhos de Sartre, Merleau-Ponty e Simone de Beauvoir. Este impacto foi mediado pela influência de Alexandre Kojève, o primeiro filósofo académico a introduzir Hegel sistematicamente em França antes da Guerra e cuja interpretação «existencial» de *A Fenomenologia do Espírito* abriu a Sartre e a Merleau-Ponty um caminho directo para o marxismo após o termo do conflito (<sup>41</sup>). Em 1946, os dois homens fundaram uma revista socialista independente, *Les Temps Modernes*, cuja ampla variedade de contribuições a nível filosófico, político, literário,

---

<sup>41</sup> As conferências feitas antes da Guerra por Kojève foram por fim publicadas em 1947 sob o título *Introduction à la lecture de Hegel*. Alexandre Kojève (Kozhevnikov), nascido na Rússia em 1902, estudou filosofia na Alemanha de 1921 a 1927, sob a influência de Jaspers e Heidegger. Foi em seguida para França, onde Alexandre Koyré, um outro emigrado russo, o levou a interessar-se por Hegel, sobre a qual fez conferências, sucedendo a Koyré na *Ecole Pratique des Hautes Études* de 1934 até à Segunda Guerra Mundial.

antropológico e psicanalítico, depressa a tornou a publicação teórica mais influente no país. Nem Merleau-Ponty nem Sartre se sentiram tentados a aderir ao PU, mas ambos procuraram posteriormente manter um empenhamento revolucionário activo a seu lado, articulando ideias políticas que o próprio Partido se recusava a admitir, sem a ele se oporem e não o atacando. Esta relação ambígua que se baseava na convicção de que a maior parte da classe operária francesa estava inabalavelmente organizada por um partido que sufocava o trabalho intelectual no seu seio, levou finalmente Sartre, em 1952-54, à extraordinária tentativa de realizar uma teorização directa da prática política do PCF vista de fora, na série de ensaios intitulada Os Comunistas e a Paz. Evidentemente, uma

53

tal unidade «excêntrica» entre a teoria e a prática veio mostrar-se impossível. A revolta húngara de 1956 levou Sartre a uma espectacular ruptura com o PCF, e daí em diante desenvolveu o seu trabalho teórico fora de qualquer enquadramento ou referência partidária, como filósofo e jornalista individual claramente

desligado das massas. Entretanto, no próprio Partido Comunista, as repercussões do XX Congresso do PCUS e da revolta húngara tinham levado finalmente Lefebvre a uma oposição activa, sendo excluído do Partido em 1958. Estes anos viram o nadir da passividade política do PCF durante a Guerra da Argélia.

Contudo, a limitada liberalização do regime interno do Partido nos anos sessenta revelou que novas forças intelectuais tinham estado em gestação oculta no seu interior. A publicação da biografia de Marx e de Engels por Cornu, em vários volumes, a partir de 1955, iniciou em França um regresso à tradição de Mehring e de Riazanov.<sup>(42)</sup> Mas foi a publicação da obra de Louis Althusser, de 1960 a 1965, que assinalou uma mudança decisiva ao nível do debate intelectual no seio do Partido. Pela primeira vez, foi articulado, dentro do enquadramento organizativo do comunismo francês, um sistema teórico importante, sistema cujo poder e originalidade foram reconhecidos mesmo pelos seus mais determinados

---

<sup>42</sup> Auguste Cornu, Karl Marx et Friedrich Engels, Paris, 1955-70: até agora foram publicados quatro volumes, que abrangem o período até 1846.

opositores. A influência de Althusser espalhou-se muito rapidamente após 1965, tanto dentro como fora das fileiras do PCF, dando-lhe uma posição única na história do Partido (<sup>43</sup>). Contudo, o paradoxo desta ascensão foi ter-se desenvolvido em sentido contrário à corrente da evolução política do próprio PCF. O carácter marcadamente moderado do comunismo ocidental nos anos sessenta atingiu, com efeito, a sua expressão mais desenvolvida no programa do partido para uma «democracia avançada» em França, enquanto, a nível internacional, o PU se distinguiu pelo seu grau de hostilidade em relação à China e pelo seu alinhamento em relação às posições russas no con-

54

flito sino-soviético. Contrariamente, o trabalho de Althusser definia-se explicitamente como anti-humanista, numa altura em que a doutrina oficial do partido francês exaltava as virtudes do humanismo como laço comum entre parceiros contratuais

---

<sup>43</sup> As duas principais obras de Althusser, *Pour Ma-x* e *Lire Le Capital*, foram publicadas, com alguns meses de intervalo, em 1965.

(comunistas, socialistas, católicos) na construção de uma democracia avançada, e num momento em que o partido soviético proclamava «Tudo para o homem!» como palavra-de-ordem de massas, enquanto as suas simpatias pela China eram dificilmente encobertas. Assim, uma vez mais, as relações entre teoria e partido no PCF foram distorcidas; mas enquanto anteriormente o partido tinha imposto com rigor a «ortodoxia» contra as tendências «liberais» da teoria, invertiam-se agora os papéis e a teoria proclamava silenciosamente o seu rigor contra a lassidão do Partido. Contudo, na nova situação, a própria liberalização do PCF, que visava tranquilizar os seus aliados e parceiros, combinou-se com a prudência pessoal de Althusser em evitar qualquer choque frontal. A este respeito, a sua posição no partido francês tornou-se idêntica à de Lukács no partido húngaro depois da intervenção soviética de 1956. Em ambos os casos, importantes intelectuais com uma ligação profunda, durante as suas vidas, ao movimento comunista, recusaram abandonar os partidos ou romper com eles, estabelecendo um acordo tácito com o seu partido no sentido de guardarem silêncio sobre a política desde que os seus trabalhos intelectuais fossem deixados relativamente

em paz (quaisquer que fossem as suas implicações práticas últimas). A viabilidade desta mútua acomodação pressupunha um prestígio pessoal considerável da parte de cada um destes teóricos, que tornava possível uma coexistência táctica cuja continuação a organização do partido não estava interessada em deter. A ambiguidade e as tensões inerentes a este tipo de relação não eram menos evidentes, particularmente no caso de Althusser, devido à ausência de pressões coercivas no PCF em França.

A extraordinária amplitude e velocidade da difusão do marxismo em Itália após a Libertação, enquadrando não somente o crescimento do PCI mas também o do PSI e de amplos sectores não organizados da «intelligentsia», não teve paralelo em outro país europeu. Conjuntamente com a aceita

ção que o materialismo histórico teve em França após a Guerra, ela garantiu que o eixo principal da cultura marxista se mudasse, após 1945, da zona germânica

para a zona latina, pela primeira vez no século. Mas, nas duas décadas seguintes, o desenvolvimento do marxismo italiano iria ter uma evolução bastante diferente da do marxismo francês. A Itália dispunha de uma tradição marxista indígena que remontava à época de Engels, no século XIX. A herança de Labriola fora retomada na geração seguinte por Mondolfo, outro filósofo ex-hegeliano que, por sua vez, exerceu uma influência directa na geração de Gramsci (<sup>44</sup>). O longo interlúdio do fascismo tinha então incubado os escritos da prisão do próprio Gramsci, que foram agora descobertos e publicados pela primeira vez em 1947-49 e tiveram um impacto enorme, quer dentro do PCI quer muito para além dele. A presença desta herança marxista autóctone, que culmina na grande e enorme obra empreendida por Gramsci, ajudou assim a imunizar o comunismo italiano contra os danos mais nefastos da Guerra Fria: a resistência ao jdanovismo foi muito maior no PCI do que no PCF em França. A direcção do Partido, ainda largamente composta por homens que tinham sido contemporâneos e colegas de Gramsci, amenizou a

---

<sup>44</sup> Sobre o papel desempenhado por Mondolfo, ver Christian Riechers, Antonio Gramsci. Marxismus in Italien, Frankfurt 1970, pp. 21-24.

grande repressão cultural típica do período do Cominform, e permitiu uma certa liberdade de expressão intelectual no seio da organização, desde que isolada da actividade política do Partido. Por outro lado, a figura de Gramsci foi convertida pelo partido num ícone oficial, invocado publicamente sempre que a ocasião se proporcionava, enquanto os seus verdadeiros escritos eram manipulados ou negligenciados: vinte e cinco anos após o fim da Guerra, o PCI não tinha sequer ainda feito uma edição crítica séria dos seus trabalhos. Assim, o perfume misto de incenso e pó que envolvia os Escritos da Prisão levou ao resultado inesperado de a mais importante tendência teórica que se desenvolveu no seio do marxismo italiano após a II Guerra Mundial representar uma reacção contra toda a filiação filosófica de Labriola a Gramsci.

56

O fundador da nova escola foi Galvano Della Volpe, filósofo que aderiu ao PCI em 1944 e que produziu uma série de influentes trabalhos de 1947 até 1960. Della Volpe, tal como a maioria dos intelectuais académicos italianos no período que antecedeu a

época, da Guerra, tinha tido os seus compromissos com o fascismo. Formalmente absolvido do seu passado pela adesão ao PCI após o golpe de Badoglio a sua história impediu-o, não obstante, de granjear autoridade política no seio do partido; as mesmas características pessoais que o tinham conduzido a aceitar e a justificar o Estado corporativo, levaram-no a uma conformidade inamovível à política da direcção do PCI. Assim, embora a sua orientação teórica fosse manifestamente divergente da ortodoxia prevalecente no Partido, faltou ao seu trabalho qualquer intenção política autónoma. O filósofo mais eminente do partido foi também o mais marginal em relação a ele. Em duas décadas de militância no partido não se desenvolveu qualquer atrito sério entre este e Della Volpe; de igual maneira poucos favores lhe concedeu o aparelho cultural do partido. Contudo, sob a influência de Della Volpe apareceu um grupo de jovens intelectuais que formou a escola mais coerente e mais produtiva no seio do PCI-Pietranera, Colletti, Rossi, Merker, Cerroni e outros. Destes, o mais dotado e vigoroso foi Colletti que aderiu ao Partido por volta dos seus 25 anos, em 1950. Após o XX Congresso do PCUS e a revolta húngara, o jornal teórico do PCI, *Società*, alargou o seu grupo de

colaboradores a Della Volpe e a Pietranera, entre outros, juntando-se-lhes Colletti, no ano seguinte. Neste período, os temas filosóficos da escola começaram a ter implicações políticas entre alguns dos membros mais jovens do grupo. Em particular, a insistência filosófica na importância da «determinação da abstracção científica», característica do trabalho de Della Volpe, podia ser entendida como implicando a necessidade de uma análise da sociedade italiana em termos de categorias «puras» do capitalismo desenvolvido, com os correspondentes objectivos políticos «avançados», a prosseguir, no seu interior, pela classe trabalhadora. Isso contrastava com a ortodoxia do PCI, que acentuava o carácter atrasado e híbrido da sociedade italiana, o que exigiria que se avançassem reivindicações «democráticas», em vez de socialistas, como politicamente

57

mais apropriadas para essa situação <sup>(45)</sup>. As tensões teóricas no seio da Società acabaram por levar à

---

<sup>45</sup> Ver Franco Cassano (ed.), *Marxismo e Filosofia in Italia*, Bari 1973, pp. 7-8, 14-19, 180-1. Este volume inclui os textos dos

supressão da revista pelo PCI no começo de 1962, seguida por um debate filosófico a todos os níveis na publicação semanal do Partido, *Rinascità* – lançado com uma acusação contra a escola de Delia Volpe, a que Colletti respondeu mordazmente. Dois anos mais tarde, descrente de qualquer democratização real na URSS ou nos partidos comunistas de leste desde 1956, Colletti abandonou o PCI (<sup>46</sup>). O seu principal trabalho foi realizado na década seguinte fora de qualquer enquadramento organizativo.

Assim, desde 1924 a 1968, o marxismo não «parou», como pretendia Sartre mais tarde, mas avançou por

---

principais debates teóricos no seio do PCI nos anos 50 e 60, incluindo a controvérsia de 1962 à qual faremos alusão.

<sup>46</sup> [No que diz respeito a este episódio, ver agora o próprio relato de Colletti em «A Political and Philosophical Interview», *Neu, Left Review*, n.º86, Julho-Agosto 1974, pp. 13-9. Este texto notável é de uma grande importância para toda uma série de problemas teóricos e políticos analisados neste ensaio. Com efeito, um certo número das suas conclusões são semelhantes a algumas teses aqui avançadas – ainda que, naturalmente, investidas do seu próprio grau de autoridade. Nenhum outro pensador importante da tradição do marxismo ocidental demonstrou uma tal lucidez sobre a sua natureza e limites do que Colletti. Escusado será dizer que não há qualquer razão para afirmar que ele estará de acordo com numerosos argumentos ou juízos particulares deste ensaio].

um desvio sem fim afastado de toda e qualquer prática política revolucionária. O divórcio entre ambos foi determinado por toda a época histórica. No seu nível mais profundo, o destino do marxismo na Europa radicou na ausência de qualquer grande levantamento revolucionário após 1920, com a exceção dos que se sucederam nas zonas culturais periféricas da Espanha, Jugoslávia e Grécia. Resultou também, e inseparavelmente, da estalinização dos partidos comunistas, herdeiros formais da Revolução de Outubro, que tornava impossível um trabalho teórico genuíno no campo da política mesmo na ausência

58

de qualquer levantamento revolucionário – levantamento que por sua vez ajudou a evitar. A característica oculta do marxismo ocidental no seu todo é assim o de ser produto da derrota. O facto de ter falhado o alastramento da revolução socialista para fora das fronteiras da Rússia, causa e consequência da sua degenerescência no interior dessas fronteiras, serve de pano de fundo comum a toda a tradição teórica deste período. Os seus mais importantes trabalhos foram produzidos, sem exceção, em

situações de isolamento político e de desespero. História e Consciência de Classe, de Lukács (1923), foi escrito no exílio em Viena, enquanto o terror branco mostrava toda a sua violência na Hungria após a supressão da Comuna Húngara. Os Escritos da Prisão de Gramsci nasceram numa cela perto de Bari, depois da repressão definitiva do movimento operário italiano pelo fascismo triunfante. Os dois mais importantes trabalhos da Escola de Frankfurt foram publicados no momento de pior reacção política na Alemanha Ocidental e nos Estados Unidos, depois da Guerra: o livro de Adorno Mínima Moralía (1951) no ano em que se iniciou o processo formal de extinção do KPD, na Alemanha Ocidental; Eros e Civilização, de Marcuse (1954), durante a histeria do maccarthysmo na América. Em França, a Crítica de Razão Dialéctica de Sartre (1960) foi publicada após o sucesso do golpe gaulista de 1958, e no período mais agudo da Guerra da Argélia, quando a maior parte da classe trabalhadora francesa (dirigida pelo PCF) se mantinha passiva e inerte, enquanto os ataques terroristas da OAS se abatiam sobre os poucos indivíduos que resistiam activamente à Guerra. Foi também nestes anos que Althusser iniciou a produção dos seus primeiros e mais originais estudos:

Contradição e Sobredeterminação (1962), o mais significativo de entre eles, coincidiu com a instalação autoritária do Governo presidencialista e com a total consolidação política da V República. Esta lista ininterrupta de derrotas políticas para a luta operária e para o socialismo não podia deixar de exercer profundos efeitos na natureza do marxismo constituído nesta época.

Ao mesmo tempo, a estalinização dos partidos criados pela III Internacional, burocraticamente organizados a partir dos anos vinte e subordinados ideologicamente à política da

59

URSS, imprimiram-lhe uma marca muito mais forte e profunda. As consequências da II Guerra Mundial, como se viu, provocaram uma mudança profunda no modelo geográfico do marxismo como cultura actuante na Europa, com o quase desaparecimento do comunismo como força viva entre a classe operária da Alemanha Ocidental, e com a ascensão e preponderância de Partidos comunistas de massa na

França e na Itália. Estas diferentes situações conduziram a uma variedade de respostas ao problema de como relacionar a teoria marxista com a política proletária nas zonas citadas, mas não à sua solução. A incorporação formal nos partidos operários (Lukács, Della Volpe, Althusser), o abandono destes (Lefebvre, Colletti), o diálogo fraterno com eles (Sartre), ou a renúncia explícita a qualquer ligação (Marcuse, Adorno), todas estas vias se mostraram igualmente incapazes de unir a teoria marxista e a luta de massas. Relativamente a todos estes teóricos, pode dizer-se que o movimento comunista oficial representou o ponto central ou exclusivo de relação com a prática socialista organizada, quer eles a tenham aceite ou rejeitado. Duas grandes opções se poderiam adoptar no quadro desta relação. Ou bem que estes teóricos aderiam a um partido comunista e aceitavam o rigor da sua disciplina, e nesse caso poderiam ter mantido um certo nível nominal de contacto com a vida da classe operária dos seus países (para o que o partido era, apesar de tudo, a única ponte) e, pelo menos, uma continuidade filológica com os textos clássicos do marxismo e do leninismo (cujo estudo era obrigatório no seio do partido). O preço desta proximidade, embora relativa, com as realidades da

luta quotidiana da classe operária, foi o silêncio sobre a sua real condição. Nenhum intelectual (ou operário) que militasse num partido comunista de massas deste período, e que não estivesse integrado na sua direcção, podia fazer a mínima declaração independente sobre as questões políticas mais importantes, excepto de uma forma mais encoberta. Lukács ou Althusser exemplificam esta opção. A segunda posição, contrária à primeira, era a de permanecerem fora de qualquer organização partidária, qualquer que esta fosse, como intelectuais independentes. Neste caso, não havia qualquer controle institucional sobre as formas de expressão política;

60

mas, em contrapartida, não havia também qualquer ligação profunda no seio da classe social fora da qual não resta ao trabalho teórico marxista qualquer significado fundamental. Sartre e Marcuse representam, de maneiras diversas, variantes desta posição. O primeiro manteve uma quantidade sem par de intervenções a título pessoal pela causa do socialismo revolucionário- escrevendo importantes

estudos sobre a França, Hungria, Argélia, Cuba, Congo, Vietname, Checoslováquia numa altura em que não possuía ainda um conhecimento profundo da herança clássica do marxismo ou impacto na classe operária do seu próprio país. Marcuse possuía um enraizamento superior nas tradições marxistas anteriores, e escreveu extensos volumes, na maneira indirecta que lhe era própria, tratando quer dos EUA quer da URSS (O Homem Unidimensional e O Marxismo Soviético); desenvolveu porém uma teoria que nega peremptoriamente qualquer potencial socialista activo à classe operária. Uma última alternativa era abandonar tanto qualquer empenhamento partidário como qualquer discurso político, via seguida por Adorno na Alemanha depois da Guerra.

A consequência deste impasse seria o estudado silêncio do marxismo ocidental relativamente às áreas mais importantes das tradições clássicas do materialismo histórico: exame das leis económicas da evolução do capitalismo como modo de produção, análise da máquina política do Estado burguês, estratégia da luta de classes necessária para o derrubar. Gramsci é a única excepção a esta regra – e

é este o grande sinal do seu enorme valor, que lhe confere um lugar à parte relativamente às outras personalidades da sua tradição. É lógico que assim seja: só ele incorporou na sua pessoa uma unidade revolucionária da teoria e da prática, do tipo definido pela herança clássica. A experiência da insurreição operária italiana de 1919-20, e a experiência organizativa no seio do PCI de 1924 a 1926 foram sempre fontes inspiradoras do seu pensamento, durante a longa prisão que o isolou das consequências intelectuais da estalinização fora de Itália, enquanto o matava lentamente. Mesmo os seus escritos, contudo, revelam as rupturas e os limites da luta de classes de que nasceram, assim como as circunstâncias materiais do seu cativo. Após

61

Gramsci, nunca outro marxista da Europa ocidental voltou a atingir a sua envergadura de realização teórica. O facto de o espaço para o trabalho teórico se ter reduzido à alternativa estreita entre a obediência institucional e o isolamento individual mutilou qualquer possibilidade de relação dinâmica entre o materialismo histórico e o combate socialista, e

obstruiu todo e qualquer desenvolvimento directo dos temas fundamentais do marxismo clássico. No seio dos partidos comunistas, toda a discussão sobre a economia imperialista do pós-Guerra, sobre os sistemas de Estado do Ocidente, e sobre a discussão da estratégia da luta de classes, eram estritamente reservadas às cúpulas burocráticas destas organizações, elas próprias condicionadas por uma total obediência às posições oficiais soviéticas. Fora das fileiras do comunismo organizado não existia qualquer suporte aparente no seio da classe operária a partir do qual se pudesse desenvolver uma análise ou estratégia revolucionária inteligíveis-quer devido à predominância comunista no proletariado local (França, Itália), quer devido à sua dominante lealdade ao reformismo (Alemanha, EUA). A geração de teóricos que tinha sido formada pela experiência dupla do fascismo e da II Guerra Mundial permaneceu assim paralisada – quer porque deixassem de ter qualquer esperança na classe operária (os alemães, que não conheceram qualquer experiência do tipo da Resistência), quer porque a identificassem inevitavelmente com a sua representação comunista (os franceses e os italianos, que tinham conhecido a Resistência). É provavelmente significativo que o

membro mais novo do grupo aqui discutido, Colletti, o único cuja principal formação política data de depois do fascismo e da Resistência, seja também o único teórico desta geração que se mostrou capaz de escrever sobre problemas políticos e económicos do período após a Guerra, tanto com liberdade intelectual como com rigor profissional –desde o seu abandono do PCI (<sup>47</sup>). Mas mesmo as contribuições de Colletti foram essencialmente recapitulações expositórias do balanço dos debates clássicos, mais

62

do que inovações substanciais autónomas. Durante mais de vinte anos após a II Guerra Mundial, a produção intelectual do marxismo ocidental no domínio da teoria política ou económica–no que toca à produção de obras importantes tanto num campo como noutra –foi quase inexistente.

---

<sup>47</sup> Ver em particular os seus ensaios *The Question of Stalin*, em *New Left Review*, n.º 61, Maio-Junho 1970; e *Introduzione* em C. Napolitano e L. Colletti (eds.), *Il Futuro del Capitalismo –Crollo o Sviluppo?*, Bari 1970, pp. LXXI–CXII.

As proibições institucionais, representadas pela reacção do fascismo ou pelos limites constrangedores do comunismo do pós-Guerra, não foram, contudo, as únicas razões da esterilidade da teoria marxista nestes domínios, no palco oeste-europeu. Com efeito, este período foi também uma época de consolidação objectiva sem par do capital em todo o mundo industrial avançado. Do ponto de vista económico, o dinamismo global do longo «boom» dos anos cinquenta e sessenta foi maior do que o de qualquer outro período da história do capitalismo. O crescimento geral e massivo registado neste período inaugurou efectivamente uma nova fase no desenvolvimento do modo de produção como tal, contrariando aparentemente as previsões clássicas da sua decadência ou crise eminente, e colocando problemas radicalmente novos à análise científica. A tradição da economia marxista que foi encerrada pela Teoria do Desenvolvimento Capitalista de Sweezy, em 1942, tinha sido efectivamente relegada para o passado no fim desse trabalho, devido ao sucesso visível da renovação keynesiana da economia dos Estados Unidos. Quando, vinte anos mais tarde, Sweezy e Baran tornaram ao assunto com um trabalho de vulto, O Capital Monopolista, rejeitaram em

grande medida o enquadramento ortodoxo das categorias económicas marxistas (<sup>48</sup>). A amplitude e a força da expansão imperialista

63

das forças de produção, tanto na sua zona atlântica como na zona do Pacífico, apresentou por si só um

---

<sup>48</sup> A rejeição, por Sweezy e Baran, do conceito de mais-valia, pedra de toque de O Capital de Marx, é bem conhecida. Contudo, Monopoly Capital (Nova Iorque 1966), se bem que rejeite os conceitos de mais-valia ou de composição orgânica do capital, conduz-se, no entanto, por meio de deslocamentos em função de analogias mais vagas, frequentemente de origem de alguma maneira keynesiana, mais do que por meio de uma crítica directa. É neste sentido que a obra se situa, em larga medida, fora da terminologia e do processo do marxismo clássico. É necessário salientar que Baran passou um ano de estudo (em 1930) na ambiência que caracterizava o Instituto de Investigação Social de Frankfurt; os últimos capítulos de Monopoly Capital revelam alguns sinais notórios dessa influência. Sweezy, pela sua parte, sublinhou recentemente que não considera que a noção de «excedente» em Monopoly Capital esteja em contradição com a noção de «mais-valia» usada em D Capital. Ver as suas próprias declarações a este respeito em Monthly Review, janeiro 1974, pp. 31-2. De uma forma geral, poder-se-á dizer que após a publicação de Monopoly Capital (Baran morreu pouco antes) as análises do capitalismo americano publicadas por Sweezy na Monthly Review usam uma formulação mais ortodoxa.

formidável desafio teórico ao desenvolvimento do materialismo histórico: a tarefa, em todas as suas dimensões, não foi nunca assumida no seio da tradição do marxismo ocidental (<sup>49</sup>). Ao mesmo

---

<sup>49</sup> A carreira enigmática do polaco Michal Kalecki representa talvez a mais profunda ligação do marxismo europeu desta época com as principais transformações do capitalismo avançado. Nascido em Lodz em 1899, Kalecki – engenheiro por formação, sem qualificação oficial em economia – antecipou a maior parte das ideias de Keynes no seu *Essay in Business Cycle Theory*, em 1933, dois anos antes da publicação de *The General Theory of Employment, Interest and Money*. Tendo emigrado para Inglaterra via Suécia em 1935, tornou-se em seguida o primeiro economista a predizer o esquema do pós-guerra da organização da procura contra-cíclica no Ocidente, com o seu artigo «The Political Aspects of Full Employment» (*The Political Quarterly*, n.º 4, 1943). Em 1955, voltou à Polónia, onde ocupou diversos cargos na Universidade e no planeamento económico até pouco antes da sua morte, em 1970. A ambiguidade do trabalho de Kalecki reside, obviamente, na natureza indeterminada das suas ligações ao marxismo. Será necessário fazer investigações biográficas mais amplas no que diz respeito a este assunto, Redactor anónimo dos jornais socialistas da Polónia semi-ditatorial dos coronéis nos anos trinta, Kalecki parece ter sido acusado pelo Partido Comunista Polaco de «luxemburguismo», devido ao seu interesse pelos problemas de procura efectiva e níveis de investimento. Na Inglaterra e na América, os seus trabalhos – jamais ligados a categorias marxistas clássicas – foram considerados como uma forma de keynesianismo de esquerda. Ainda não se pronunciou o veredicto final. A obra de Kalecki coloca a questão de saber se não terá existido durante este século uma tradição especificamente polaca de

tempo, o período que se seguiu à II Guerra Mundial assistiu também ao estabelecimento, pela primeira vez na história da

64

ordem burguesa, de democracias representativas baseadas no sufrágio universal como estruturas normais e estáveis do Estado em todos os principais países capitalistas- Alemanha ocidental, Japão, França, EUA, Inglaterra e Itália. A novidade desta ordem política como sistema durável e uniforme a uma escala internacional é muitas vezes esquecida no mundo anglo-saxónico, devido à relativa antiguidade das suas tradições locais, em Inglaterra e nos EUA (<sup>50</sup>). Podemos-lo avaliar pela ausência de qualquer teorização central ou persuasiva sobre este assunto no marxismo clássico: o Estado democrático-burguês como tal nunca foi objecto de qualquer trabalho

---

economia marxista proveniente de Rosa Luxemburgo –à qual Grossman, Moszkowska e Kalecki podem muito bem ter pertencido, se bem que de diferentes maneiras.

<sup>50</sup> Na própria Inglaterra, o início do sufrágio universal data apenas de 1929. Em França, na Itália e no Japão ele foi introduzido pela primeira vez em 1945.

importante, nem por parte de Marx, que não viveu o suficiente para presenciar a sua realização, nem por parte de Lenine, cujo inimigo foi um tipo de Estado radicalmente distinto, na Rússia czarista. Assim, os problemas que envolve o desenvolvimento de uma teoria política capaz de apreender e analisar a natureza e os mecanismos da democracia representativa, como forma amadurecida do poder burguês, foram quase tantos como os que foram levantados pelo rápido avanço da economia do mundo capitalista nas primeiras décadas após a Guerra. Tanto uns como outros estão ausentes também dos principais trabalhos marxistas no Ocidente.

### 3. MODIFICAÇÕES FORMAIS

---

O abandono progressivo das estruturas económicas ou políticas como problemas centrais da teoria foi acompanhado por uma alteração profunda do centro de gravidade do marxismo europeu, que se deslocou para a filosofia. O facto mais saliente de toda a tradição que vai de Lukács a Althusser, de Korsch a Colletti, é o da predominância total de filósofos profissionais no seu seio. Do ponto de vista social, esta alteração deu origem a que a teoria produzida nesta nova situação acentuasse cada vez mais a sua condição académica. Na época da II Internacional, tanto Rosa Luxemburgo como Kautsky estiveram unidos no seu desprezo pelos Kathedersozialisten («socialistas de cátedra»), que ensinavam nas universidades e não tinham compromissos partidários. Os intelectuais marxistas da geração anterior à I Guerra Mundial nunca tinham estado integrados nas estruturas universitárias da Europa do centro e do

leste, pois o tipo de unidade política entre a teoria e a prática que representavam era incompatível com qualquer posição académica. Ao invés, foram quase sempre professores em escolas do Partido ou em cursos livres para trabalhadores, o que para eles não passava de uma actividade entre outras numa vida de militância. Hilferding e Rosa Luxemburgo ensinaram economia política na escola do SPD em Berlim, enquanto Lenine e Riazanov faziam conferências para trabalhadores bolcheviques em Longjumeau e Bauer dava cursos no centro do OSPD em Viena. Os primeiros teóricos do marxismo ocidental conheceram ainda esta actividade tradicional: Lukács

67

ensinou no Círculo Galileu (extrema-esquerda) em Budapeste, durante a I Guerra Mundial, e Korsch deu conferências na Karl Marx Schule, de Berlim, nos anos vinte. A criação do Instituto de Investigação Social em Frankfurt- instituição independente, embora ligada à Universidade do Estado localmarcou uma fase de transição na República de Weimar. Contudo, antes do fim da II Guerra Mundial, a teoria marxista tinha migrado quase completamente para as

universidades –baluartes simultaneamente de refúgio e de exílio das lutas políticas do mundo exterior. Neste período, Lukács, Lefebvre, Goldmann, Korsch, Marcuse, Della Volpe, Adorno, Colletti e Althusser ocuparam todos cargos de professores universitários (<sup>51</sup>); Sartre, que dava os primeiros passos na carreira universitária, abandonou-a após ter tido êxito como escritor. Em todos os casos, a disciplina que ensinaram profissionalmente foi a filosofia.

A sombria história deste período, que determinou a transferência da actividade teórica marxista das sedes dos partidos para os estabelecimentos universitários, deslocou também os seus centros de interesse dos temas económicos e políticos para os temas filosóficos. Mas esta alteração nunca poderia ter ocorrido de modo tão drástico e generalizado se não tivesse existido também uma determinante interna

---

<sup>51</sup> Lukács em Budapeste, Korsch em Nova Iorque, Marcuse em Brandeis e La Jolla, Lefebvre, Goldmann e Althusser em Paris, Adorno em Frankfurt, Della Volpe em Messina, Colletti em Roma. Só Gramsci e Benjamin – as duas vítimas do fascismo – viveram sempre fora das universidades.

poderosa e activa no seio da própria cultura marxista. Neste aspecto, o acontecimento decisivo foi a revelação tardia do primeiro trabalho importante de Marx, os Manuscritos de 1844, que foram publicados pela primeira vez em Moscovo, em 1932. O seu impacto imediato foi silenciado pela vitória do nazismo em 1933, na Alemanha país onde certamente teria o acolhimento mais entusiástico de todos os registados nessa época – e pelo início abrupto das purgas de 1934, na Rússia. (Riazanov, que tinha preparado os Manuscritos para publicação na sua edição crítica da Obra de Marx e de Engels, foi demitido do Instituto de Mos-

68

covo, pouco antes do seu aparecimento). Não obstante, exerceram uma profunda e persistente impressão nos três pensadores dessa altura, cada um por seu lado. No seu exílio em Moscovo, Lukács trabalhou pessoalmente sob a direcção de Riazanov na decifração dos Manuscritos, em 1931, experiência que, segundo ele próprio afirmou, transformou para

sempre a sua interpretação do marxismo (<sup>52</sup>). Em Berlim, Marcuse saudou a sua publicação em 1932, com um estudo, em *Die Gesellschaft*, estudo esse que abria com uma declaração altissonante: os Manuscritos davam «uma nova base a toda a teoria do socialismo científico», e sublinhou particularmente a sua opinião de que eles demonstravam a importância –chave dos fundamentos filosóficos do materialismo histórico, a todos os níveis do trabalho de Marx (<sup>53</sup>). Em Paris, Lefebvre foi responsável pela primeira tradução dos Manuscritos numa língua estrangeira-a sua edição daquele corpo de textos, preparada em colaboração com Gutermann, apareceu em 1933; mas o primeiro trabalho teórico importante a formular uma nova reconstrução do trabalho de Marx como um todo à luz dos Manuscritos de 1844 foi *O Materialismo Dialético de Lefebvre*, escrito em 1934-5 (<sup>54</sup>).

---

<sup>52</sup> Ver a entrevista «Lukács on His Life and Work», *New Left Review*, n.º68, Julho-Agosto 1971, pp. 56-7; e o Prefácio de 1967 a *History and Class Consciousness*, Londres 1971, p. XXXVI.

<sup>53</sup> Ver Marcuse, *Studies in Critical Philosophy*, London NLB 1972, pp. 3-4, cujo primeiro ensaio é uma tradução deste texto chave, *The Foundations of Historical Materialism*.

<sup>54</sup> *Le Materialisme Dialectique*. A primeira edição, publicada em Paris em Maio de 1940 (Alcan, gNouvelle Encyclopédie

Contudo, foi no período após a II Guerra Mundial que se fizeram sentir no seio do marxismo contemporâneo todos os efeitos da descoberta dos primeiros trabalhos de Marx e da sua incorporação no conjunto do seu pensamento. Em Itália, Della Volpe inaugurou o seu ingresso teórico no materialismo histórico com a primeira tradução e análise em italiano dos textos recém-aparecidos do jovem Marx – não apenas dos Manuscritos de 1844, mas mais especialmente da Crítica da Filosofia do Direito de Hegel

69

(1947-50) (<sup>55</sup>). Também neste caso, toda a concepção do marxismo segundo Della Volpe, que veio inspirar uma vasta escola, assentou numa selecção e interpretação particulares dos primeiros escritos filosóficos de Marx, interpretação essa que, não

---

Philosophique»), foi apreendida e destruída no fim deste mesmo ano por ordem do ocupante nazi.

<sup>55</sup> Ver *La Teoria Marxista dell'Emancipazione Umana* (1945) e *La Libertà Comunista* (1946), que se baseiam fundamentalmente nos Manuscritos de 1844, e *Per Ia Teoria d'un Umanesimo Positivo* (1847), que se ocupa da Crítica da Filosofia do Direito de Hegel. A tradução destes dois textos de Marx por Della Volpe foi publicada em 1950.

obstante, foi muito diferente da de Lukács, de Marcuse ou de Lefebvre. Também em França, foram os textos recentemente surgidos do jovem Marx que contribuíram de forma determinante para que Merleau-Ponty e Sartre se voltassem para o marxismo, após a Libertação; a primeira abordagem de vulto feita por Sartre aos problemas da teoria marxista, *Materialismo e Revolução* (em 1947), reivindicava-se essencialmente da autoridade dos Manuscritos de 1844 (<sup>56</sup>). Nos fins da década de 50 estava-se no auge da influência exercida pelos escritos filosóficos do jovem Marx –os seus temas difundiam-se à mais ampla escala por toda a Europa. A tal ponto que quando Althusser lavra, nos seus primeiros ensaios, a rejeição destes textos, que considera de todo alheios ao materialismo histórico, é ainda aos mesmos textos que por força se tem que reportar como ponto de partida de todo o discurso sobre o marxismo contemporâneo (<sup>57</sup>). Mesmo sob forma negativa, esses ensaios circunscreviam o terreno de base da discussão. Para além disso, a própria forma

---

<sup>56</sup> Ver *Literary and Philosophical Essays*, Londres 1955.

<sup>57</sup> Em particular, Feuerbach's 'Philosophical Manifestoes', *On the Young Marx*. e *The 1844 Manuscripts of Karl Marx*, in *For Marx*, Londres 1969.

como foram rejeitados os primeiros escritos de Marx continuava prisioneira de uma profunda alteração dos pontos cardiais do marxismo, alteração essa que a sua descoberta tinha tornado possível, pois a teoria positiva enunciada por Althusser contra as primeiras interpretações de Marx neles baseadas tendia a situar-se num plano filosófico especializado, desconhecido antes da descoberta desses escritos.

70

Assim, como um todo, o marxismo ocidental inverteu paradoxalmente a trajetória do próprio desenvolvimento de Marx. Enquanto o fundador do materialismo histórico passou progressivamente da filosofia para a política e depois para a economia, tendo sido este o grande terreno do seu pensamento, os seus sucessores, pertencentes à geração que surgiu após 1920, passaram progressivamente da economia e da política para a filosofia, abandonando a ligação directa com o que tinham sido as preocupações principais do Marx da maturidade quase tão completamente quanto este tinha posto de parte o prosseguimento das reflexões da sua juventude. Neste sentido, parecia que a roda dos ventos dera uma volta

completa. É óbvio, contudo, que não se deu uma mera inversão, nem ela se poderia ter dado. O empreendimento filosófico de Marx tinha começado por um ajuste de contas com Hegel e com os seus principais herdeiros e críticos alemães, especialmente Feuerbach. O objecto teórico do seu pensamento foi essencialmente o sistema hegeliano. Em contrapartida, para o marxismo ocidental, apesar de um reflorescimento importante dos estudos hegelianos no seu seio, o principal objecto teórico tornou-se o próprio pensamento de Marx. Evidentemente que a discussão sobre este tema nunca se confinou exclusivamente aos primeiros escritos filosóficos. A imponente presença das obras políticas e económicas de Marx obstou a que tal acontecesse. Contudo, em geral, considerou-se que o conjunto da obra de Marx era a fonte de onde se podiam extrair, por meio de uma análise filosófica, os princípios epistemológicos para um uso sistemático do marxismo -- princípios esses que Marx nunca explicitou de modo completo. Nenhum filósofo da tradição marxista ocidental afirmou que o objectivo principal e o último do materialismo histórico fosse a teoria do conhecimento, mas eles partiam praticamente do pressuposto de que a teoria preliminar da investigação teórica do

marxismo consistia em joeirar os princípios de análise social descobertos por Marx, soterrados ainda nos temas particulares do seu trabalho e, se necessário, em completá-los. Resultou daí que um considerável volume da produção do marxismo ocidental se tenha tornado um extenso e complexo Discurso do Método. Em todas as fases da evolução de Marx, a primazia dada a

71

esta tarefa era-lhe completamente estranha. Pelos títulos dos trabalhos mais característicos pode verificar-se até que os temas epistemológicos dominaram toda esta tradição. Marxismo e Filosofia de Korsch foi o primeiro da lista. O volume correspondente de Lukács, publicado no mesmo ano, abria com um ensaio intitulado «O que é o marxismo ortodoxo?», que concluía com a afirmação convicta de que a expressão se referia «exclusivamente ao método» (<sup>58</sup>s). Este preceito haveria posteriormente de encontrar reflexo fiel no metodologismo obsessivo das obras obedientes aos cânones em vigor: livros

---

<sup>58</sup> History and Class Consciousness, p. 1.

intitulados sucessivamente Razão e Revolução (Marcuse), A Destruição da Razão (Lukács), A Lógica como Ciência Positiva (Della Volpe), O Problema do Método e Crítica da Razão Dialéctica (Sartre), Dialéctica Negativa (Adorno), Ler O Capital (Althusser).

A natureza secundária do discurso desenvolvido por estes trabalhos-mais sobre o marxismo do que propriamente marxistas- teve um outro corolário. A linguagem em que eram escritos tornou-se cada vez mais especializada e inacessível. A teoria tornou-se, por todo um período histórico, uma disciplina esotérica cujo idioma altamente técnico media a sua distância em relação à política. Nem sempre fora fácil, evidentemente, abordar conceptualmente a obra do próprio Marx, quer para os leitores do seu tempo quer para os que se lhe seguiram. Mas tanto os seus primeiros textos filosóficos como os seus posteriores trabalhos económicos (as partes mais difíceis da sua obra) deviam os seus sistemas terminológicos iniciais aos conjuntos teóricos já existentes –essencialmente de Hegel e de Ricardo-que procuraram criticar e ultrapassar, pela produção de novos conceitos mais claros e mais próximos da realidade material: menos

«hipostasiados» (no vocabulário do jovem Marx), menos «teológicos» (no do Marx da maturidade). Além disso, embora nunca escondesse as dificuldades intrínsecas que um leitor sentia para dominar qualquer disciplina científica, Marx, após 1848, procurou sempre apresentar o seu pensamento numa maneira tão simples e lúcida quanto possível, para aumentar a sua inteligibilidade pela classe operária

72

para quem tinha sido concebido. É bem conhecido o cuidado que, por força deste desígnio, Marx pôs na tradução francesa de O Capital.

Ao invés, a extrema dificuldade da linguagem de muito do marxismo ocidental no século XX nunca foi controlada pelo esforço de relação directa ou activa com uma audiência proletária. Pelo contrário, a excessiva complexidade verbal, superior ao quociente mínimo necessário, era indício do seu divórcio relativamente a qualquer prática popular. O esoterismo peculiar da teoria marxista ocidental iria assumir numerosas formas: em Lukács, uma dicção

enfadonha e abstrusa, repleta de academismo; em Gramsci, uma fragmentação teórica dolorosa e enigmática, imposta pela prisão; em Benjamin, uma brevidade esquemática e tortuosa; em Della Volpe, uma sintaxe impenetrável e auto-remissiva; em Sartre, um labirinto hermético e inflexível de neologismos; em Althusser, uma retórica sibilina e artilosa (<sup>59</sup>). A maior parte destes escritores seriam capazes de comunicar com clareza e objectividade. Alguns deles – Sartre, Adorno, Benjamin-foram eles próprios importantes artistas da literatura. Contudo, nos mais importantes trabalhos teóricos que lhes deram fama, praticamente nenhum deles falou uma linguagem igual e isenta de contorsões. Nenhuma explicação individual ou subjectiva poderá explicar este repetido fenómeno colectivo. O exemplo de Gramsci

---

<sup>59</sup> A dificuldade da escrita destes autores iria ser frequentemente criticada pelos seus contemporâneos. Em 1920, a publicação de *Ordine Nuovo* por Gramsci foi atacada, pela sua «dificuldade», por *L'Humanité*. Gramsci respondeu com uma longa justificação, segundo o estilo que lhe era próprio, no *Ordine Nuovo* de 10 de janeiro de 1920. Lukács foi acusado de xaristocratismo literário» por Revai em 1949: ver Jozsef Révai, *Lukács and Socialist Realism*, Londres 1950, pp. 18-19. A terminologia de Sartre foi atacada com particular vigor por Lucien Sève, em *clean-Paul Sartre et Ia Dialectique*», *La Nouvelle Critique*, n.º123, Fevereiro 1961, pp. 79-82.

simboliza, pela excepção que constituiu, a dominação histórica que regeu este afastamento da teoria em relação à linguagem marxista clássica. Os Cadernos da Prisão, a obra mais importante de toda esta tradição, foram escritos por um dirigente revolucionário da classe operária, não por um filósofo profissional, com uma origem social muito mais pobre

73

e mais baixa do que a de qualquer intelectual marxista importante da Europa, tanto ocidental como oriental, surgido quer antes quer depois da Primeira Guerra Mundial. Ainda assim, esses escritos contêm numerosos enigmas, muitos dos quais ficaram por resolver pelos estudiosos contemporâneos, devido à censura e privação total ocasionadas pela sua detenção, que forçaram Gramsci a recorrer mais a códigos alusivos do que a exposições coerentes (<sup>60</sup>).

---

<sup>60</sup> O facto de terem sido escritos na prisão não justifica contudo todas as dificuldades dos Escritos. A linguagem de Gramsci, como vimos, foi criticada mesmo em Turim pela sua complexidade injustificável; para mais, pelo menos alguns dos enigmas presentes nos Escritos poderão ser atribuídos às suas próprias contradições e incertezas

Esta reclusão física, consequência da derrota na luta de classes, constituiria uma imagem premonitória do isolamento que envolveu os teóricos que se seguiram – mais livres do que Gramsci mas mais afastados das massas. Neste sentido, a linguagem do marxismo ocidental sofreu uma bem mais ampla censura histórica: o abismo entre o pensamento socialista e o terreno da revolução popular, que durou cerca de cinquenta anos.

Este longo divórcio, que modelou a forma teórica do marxismo ocidental, exerceu outro interessante efeito sobre ele. Tudo se passou como se a ruptura da unidade política entre a teoria marxista e a prática de massas resultasse numa irresistível deslocação do eixo que as devia ter ligado para uma outra situação. Na ausência de um polo de atracção criado por um movimento revolucionário de classe, a tendência de toda a tradição voltou-se progressivamente para a cultura burguesa. A relação original entre a teoria marxista e a prática revolucionária foi subtil mas firmemente substituída por uma nova relação entre a

---

intelectuais ao abordar problemas para os quais nunca encontrou uma resposta satisfatória ou inequívoca.

teoria marxista e a teoria burguesa. É claro que as razões históricas para esta reorientação não residem apenas na ausência da prática revolucionária de massas no Ocidente. Mais do que isso, foi a obstrução de qualquer avanço socialista nas nações de capitalismo avançado que, por si, determinou toda a cenfiguração cultural no seio destas

74

sociedades, em certas formas fundamentais. Acima de tudo, a restabilização bem sucedida do imperialismo, conjugada com a estalinização do movimento comunista, significaram que os sectores mais importantes do pensamento burguês ganharam de novo uma vitalidade e uma superioridade relativas sobre o pensamento socialista. A ordem burguesa no Ocidente não tinha exaurido o seu tempo de vida histórico: a sua capacidade de sobreviver a duas guerras mundiais, para se erguer economicamente, mais dinâmica do que nunca, nas duas décadas seguintes, reflectiu-se inevitavelmente na sua capacidade de transformação e de desenvolvimento culturais. Ela concitava ainda a lealdade dos mais vastos e experimentados estratos intelectuais do

mundo, que (com grandes variações nacionais) continuavam a produzir importante trabalho criativo em novos domínios que não paravam de se suceder. Naturalmente, esta façanha não transpôs certos limites, ditados pela situação de decadência do capitalismo a uma escala global, numa época que apesar de tudo viu uma terça parte do mundo libertar-se dele pela força. Mas, no balanço geral, a debilidade a todos os níveis da cultura socialista, deteriorada ou paralisada pelas repressões oficiais do estalinismo e pelo confinamento da revolução internacional às zonas mais distantes da Euro-Ásia, foi muito maior durante todo este período. Após 1920, o marxismo no seu conjunto avançou menos rapidamente, num grande número de assuntos, do que a cultura não-marxista. Esta amarga realidade exerceu uma pressão fulcral e constrangedora sobre o carácter do trabalho que foi levado a cabo no quadro do materialismo histórico na Europa ocidental.

A mais notável particularidade do marxismo ocidental como tradição comum é talvez a presença constante e a influência que sobre ele exerceram as sucessivas formas de idealismo europeu. A evolução da relação entre os dois foi sempre complexa, envolvendo

assimilações e rejeições, apropriações e críticas mútuas. A combinação exacta destas diferentes reacções variou de caso para caso, mas o modelo básico manteve-se imperturbavelmente similar desde os anos 20 até aos anos 60. Lukács escreveu *História e Consciência de Classe* enquanto estava ainda profundamente marcado pelo impacto cultural da sociologia de Weber e de Simmel, e da filosofia

75

de Dilthey e de Lask. Particularmente, as suas categorias-chave de «racionalização» e de «consciência adstrita» derivavam de Weber; o tratamento que deu à «reificação» foi profundamente marcado por Simmel; ao passo que a sua hostilidade às ciências naturais-algo completamente estranho a toda a literatura marxista anterior-foi largamente inspirada por Dilthey e pela concepção do vitalismo alemão (*Lebensphilosophie*) em geral (<sup>61</sup>). Gramsci elaborou os seus *Escritos da Prisão* em larga medida

---

<sup>61</sup> Estas influências são amplamente demonstradas no ensaio de Gareth Stedman Jones, *The Marxism of the Early Lukács*, *New Left Review*, n.º70, Novembro-Dezembro 1971. Weber foi, antes da I Guerra Mundial, amigo pessoal e colega de Lukács.

como um diálogo mantido com Croce e como uma crítica sistemática deste – adoptando a terminologia e as preocupações do filósofo idealista que dominava então a cena cultural em Itália, particularmente nas suas relações com a história ético-política <sup>(62)</sup> – ao mesmo tempo que desenvolveu secundariamente ideias e abordagens teóricas do crítico literário De Sanctis, que pertence a uma geração anterior. Após os anos trinta, o trabalho colectivo da escola de Frankfurt foi impregnado pelos conceitos e pelas teses da psicanálise de Freud, considerados como ponto de referência em torno do qual se articulava um grande volume da sua própria investigação teórica. Marcuse daria ao seu principal trabalho, *Eros e Civilização*, a designação explícita de «análise filosófica de Freud», e todo o seu vocabulário, como, por exemplo, «repressão» e «sublimação», «princípio da realidade» e «princípio do prazer», «eros» e «thanatos», deslocaram-no para o universo do discurso deste

---

<sup>62</sup> No que diz respeito à complexidade da atitude de Gramsci em relação a Croce e à sua admiração pela categoria criada por este de «história-ético política», que ele pensava dever ser tomada como um «cânone empíricos para a investigação histórica, ver *II Materialismo Storico*, Turim 1966, pp. 201-2, onde Gramsci chega a comparar Croce a Lenine, como teóricos da questão da hegemonia, tendo cada um à sua maneira rejeitado o economismo.

último. O caso de Sartre é um exemplo especial, na medida em que ele próprio foi o mais destacado filósofo existencialista de França, e havia sido formado por Heidegger e Husserl, antes de se passar para o marxismo.

76

Levou assim consigo, para os seus escritos marxistas, o seu passado intelectual, com os seus instrumentos e invenções característicos. Em resultado disso, muitos conceitos de O Ser e o Nada foram transportados para a Crítica da Razão Dialéctica: a noção de «facticidade» conduzia à de «escassez», a de «inautenticidade» à de «serialidade», a instabilidade do «para-si-em-si» transformava-se na de «grupo fundido» (<sup>63</sup>). Contudo, as duas fontes do sistema existencialista original de Sartre continuaram paralelamente a fazer sentir a sua influência activa no pensamento posterior do filósofo; no seu longo estudo sobre Flaubert, publicado dez anos após a Crítica da

---

<sup>63</sup> Para um estudo completo sobre as continuidades conceptuais entre O Ser e o Nada e a Crítica da Razão Dialéctica, ver o notável estudo de Frederic Jameson, *Marxism and Form*, Princeton 1971, pp. 230-74 –de longe a melhor análise crítica sobre este assunto.

Razão Dialéctica, abundam os apelos ou as alusões a Husserl e a Heidegger. Althusser concebeu o seu trabalho como uma polémica aberta e radical com os seus mais importantes predecessores — principalmente Gramsci, Sartre e Lukács. Mas o seu sistema teórico também ficou a dever muitos dos seus termos organizativos a três diferentes pensadores idealistas: as noções de «corte epistemológico» e de «problemática» foram tomadas de empréstimo a Bachelard e a Canguilhem, um filósofo e um historiador da ciência, ambos de pronunciado pendor psicologista, as ideias de «leitura sintomática» e de «estrutura descentrada» foram tomadas de Lacan, psicanalista que combinava a ortodoxia freudiana com as implicações heideggerianas, enquanto a invenção da «sobredeterminação» foi, naturalmente, importada de Freud (<sup>64</sup>). Estas correlações culturais respectivas — que orientaram as coordenadas do pensamento de Lukács, Gramsci, Marcuse, Sartre e Althusser — são apenas os conjuntos de correspondências mais importantes e

---

<sup>64</sup> Sobre as declarações do próprio Althusser no que diz respeito à sua dívida para com Bachelard, Canguilhem e Lacan, ver *Pour Marx*, p. 168, e *Lire le Capital*, p. 13. Foi Bachelard o director da tese de Althusser.

proeminentes no seio do marxismo ocidental <sup>(65)</sup>. O papel fulcral desempenhado na obra de Goldmann pela psicologia de Piaget (com quem trabalhou na Suíça durante a guerra) é um exemplo típico. Até fora dos quadros desta tradição propriamente dita a mesma regra tem tendência a aplicar-se: a relação entre Sweezy e Schumpeter na teoria económica é disso exemplo <sup>(66)</sup>. Da mesma maneira, a influência de um só pensador idealista poderia estender-se a diferentes teóricos marxistas. Bachelard, por exemplo, não inspirou apenas Althusser: foi também admirado por Lefebvre, Sartre e Marcuse, que retiraram outros ensinamentos bem diferentes do seu trabalho <sup>(67)</sup>.

---

<sup>65</sup> A exceção mais importante é constituída pela escola de Della Volpe em Itália. O próprio Della Volpe tomou muita coisa de empréstimo à linguística de Hjelmslev para a sua teoria estética na *Crítica del Gusto*, mas a escola no seu conjunto permaneceu relativamente liberta de influências não-marxistas, se as compararmos às suas homólogas. Esta ausência esteve provavelmente ligada à falta de inovações temáticas importantes que a distinguiu igualmente das outras, como mais tarde veremos.

<sup>66</sup> Ver *The Theory of Capitalist Development*, p. IX.

<sup>67</sup> Ver *La Somme et le Reste*, pp. 142-43; *Being and Nothingness*, Londres 1957, pp. 600-3; *Eros and Civilization*, Londres 1956, pp. 166 e 209 e *One-Dimensional Man*, pp. 249-50. Estes autores foram

Freud, sobretudo, foi descoberto simultaneamente não apenas por Adorno e Marcuse mas também por Althusser e Sartre – embora também aqui cada um deles adaptasse ou interpretasse o seu legado segundo diferentes orientações (<sup>68</sup>). Esta confluência constante com sistemas de pensamento exteriores ao materialismo histórico, murtas vezes manifestamente antagónicos a ele, era algo que a teoria marxista desconheceria no período

78

---

atraídos sobretudo pela poética de Bachelard, mais do que pela sua epistemologia.

<sup>68</sup> Cf. Adorno, «Sociology and Psychology», *New Left Review*, n.º 46-47, Novembro, 1967-Feveireiro 1968; Marcuse, *Eros and Civilization* passim; Althusser, «Freud et Lacan», *La Nouvelle Critique*, n.1 161-162, Dezembro 1964- Janeiro 1965, versão revista e corrigida em *Lenine and Philosophy and other essays*, Londres NLB 1971; Sartre, «Entretien à Prague sur la notion de décadence», *La Nouvelle Critique*, n.º 156-157, Junho-Julho 1964, pp. 71-84.

anterior à I Guerra Mundial (<sup>69</sup>). Ela foi uma novidade específica e distintiva do marxismo ocidental como tal.

Os modelos tipo da correspondência entre os principais teóricos desta geração e os pensadores modernos pertencentes à cultura não-marxista constituem, por assim dizer, o eixo horizontal das referências intelectuais do marxismo ocidental. Contudo, ao mesmo tempo, ele teve também o seu eixo vertical de referência, de um tipo em grande

---

<sup>69</sup> O impacto do darwinismo na época da Segunda Internacional fornece talvez o equivalente mais próximo. Contudo, a autoridade do evolucionismo era a de uma ciência natural, que não influencia directamente o domínio social do materialismo histórico. Poderia portanto ser aprovado ou adoptado sem que provocasse modificações internas reais no seio deste último. Mesmo no caso de Kautsky, provavelmente o teórico mais susceptível à influência do darwinismo, não lhe são característicos quaisquer empréstimos por ele tomados a Darwin para o seu principal trabalho do período anterior à Guerra. Um exemplo mais flagrante deste tipo foi, obviamente, o apelo de Mach a alguns intelectuais bolcheviques, sobretudo Bogdanov, que levou Lenine a escrever *Materialismo e Empírio-Criticismo*. Ainda aqui, foram os desenvolvimentos das ciências físicas que exerceram uma pressão passageira sobre as tendências marxistas. Nenhuma personalidade importante da terceira geração do marxismo clássico foi, apesar disso, afectada por elas.

medida estranho às tradições marxistas anteriores, a saber, a elaboração invariável de uma genealogia filosófica que remontasse no tempo até antes de Marx. A este respeito, todos os sistemas teóricos mais importantes do marxismo ocidental revelaram o mesmo mecanismo espontâneo. Recorreram todos, sem excepção, a filosofias pré-marxistas para legitimar, explicar ou complementar a própria filosofia de Marx. Este retorno compulsivo ao passado, no propósito de aceder a um posto de observação de onde fosse possível reinterpretar o significado da própria obra de Marx, constituiu também uma indicação sugestiva da situação histórica básica em que se encontrava o marxismo ocidental. A nova dominação dos filósofos no seio desta tradição, que constitua um facto novo, foi, como vimos, um dos indícios do novo clima em que mergulhou o marxismo ocidental após 1920. Esta genealogia histórica que o marxismo ocidental passava a reivindicar para Marx e para si próprio devia muito

79

a estes seus antecedentes profissionais. Com efeito, Marx não deixara qualquer trabalho sistemático sobre

filosofia, num sentido clássico. Abandonando as suas primeiras teses filosóficas a manuscritos não publicados, nunca voltou a aventurar-se, na sua maturidade, no terreno puramente filosófico. Mesmo o seu mais importante estudo de método, feito posteriormente, a Introdução aos Grundrisse, de 1857, nunca passou dum fragmento programático que ficou para sempre por completar e não foi preparado com vista a publicação. Para os seus sucessores imediatos, a natureza latente e parcial da produção filosófica de Marx foi compensada pelos estudos posteriores de Engels, sobretudo o Anti-Dühring. Mas estes caíram num descrédito geral após 1920, quando se foi tornando cada vez mais evidente a incompatibilidade de alguns dos seus temas fulcrais com os problemas e as descobertas das ciências naturais. De facto, o marxismo ocidental começou por uma dupla rejeição da herança filosófica de Engels – por Korsch e Lukács em *Marxismo e Filosofia e História e Consciência de Classe*, respectivamente. Posteriormente, a aversão aos últimos textos de Engels tornar-se-ia comum a todas as correntes do marxismo ocidental, de Sartre a Colletti, de Althusser a Marcuse (<sup>70</sup>). Contudo, uma

---

<sup>70</sup> A única excepção a esta regra foi o marxista italiano Sebastiano Timpanaro, que defendeu o legado filosófico de Engels cQm

vez posto de parte o contributo de Engels, o próprio legado de Marx aparecia mais limitado que antes, e mais premente a necessidade de o completar. Podemos considerar que ao recorrerem para isso a autoridades filosóficas anteriores do pensamento europeu levavam a cabo, num certo sentido, uma regressão teórica relativamente a Marx. Não foi por acaso que a afirmação peremptória com que o próprio Marx encerrou as suas contas com os seus antecessores

80

intelectuais («Os filósofos têm-se limitado a interpretar o mundo, de variadas maneiras; trata-se porém, de o transformar») teve tão pouco eco no marxismo ocidental, cujos filósofos, pelo seu estatuto,

---

dignidade e autoridade no seu livro *Sul Materialismo* (Pisa 1970, pp. 1-122). Devido à sua envergadura, a obra de Timpanaro merece ser citada em qualquer conjunto do marxismo ocidental desta época. Contudo, ela foi tão abertamente dirigida contra todas as escolas do marxismo ocidental, e representa uma posição tão particular, que uma simples inclusão dela aqui poderia parecer gratuita. Apesar disso, mesmo este trabalho, que se caracterizou pela sua originalidade, não escapou a algumas determinações comuns ao marxismo ocidental. Cf. adiante capítulo 4, nota 40.

se encontravam excluídos da unidade revolucionária entre a teoria e a prática exigida pela décima primeira tese sobre Feuerbach. Por outro lado, uma única frase não pode pôr de parte séculos de pensamento. Por si só, a simples afirmação de Marx nunca poderia bastar para fornecer uma nova filosofia ao materialismo histórico, ou sequer para fazer o balanço dos filósofos que o precederam. Além disso, a própria cultura filosófica de Marx não era de maneira alguma exaustiva. Radicada essencialmente em Hegel e em Feuerbach, não se caracterizava por um conhecimento muito íntimo de Kant ou Hume, Descartes ou Leibniz, de Platão ou de Tomás Aquino, para não falar em outras figuras menores; e por isso, num outro sentido, um retorno cronológico para lá de Marx não era necessariamente uma regressão filosófica, precisamente porque o próprio Marx nunca tinha procedido a uma avaliação de todas as éticas, metafísicas ou estéticas anteriores, nem as superara directamente, nem havia sequer tocado em numerosas questões básicas da filosofia clássica. Por outras palavras, havia uma certa legitimidade nas sucessivas tentativas levadas a cabo no seio do marxismo ocidental, no sentido de estabelecer uma genealogia intelectual de Marx. Qualquer desenvolvimento

criativo da filosofia de Marx como tal deveria inevitavelmente ter-se orientado por um questionamento da complexa história do conhecimento, que o próprio Marx ignorou ou negligenciou. Ao mesmo tempo, não será necessário relembrar os perigos acarretados por um prolongado recurso às tradições filosóficas pré-marxistas: é sobejamente conhecido o peso dominante de temas idealistas ou religiosos no seu interior.

A primeira grande reinterpretação do marxismo que fez uso de um sistema pré-marxista para construir o seu próprio discurso teórico foi o tratamento dado a Hegel por Lukács em *História e Consciência de Classe*. Hegel nunca tinha sido aplicadamente estudado na Segunda Internacional; todos os seus principais pensadores o viam como um remoto precursor de Marx, mas que já não tinha relevância e era menos impor-

tante do que Feuerbach (<sup>71</sup>). Lukács inverteu radicalmente esta apreciação, elevando Hegel, pela primeira vez, a uma posição absolutamente dominante na pré-história do pensamento de Marx. Esta reavaliação de Hegel havia de exercer profunda e duradoura influência em toda a tradição posterior do marxismo ocidental – quer os pensadores ulteriores estivessem ou não de acordo com ela. Mas, ao apelar assim para Hegel, Lukács ultrapassou de longe esta atribuição genealógica. Duas das mais fundamentais teses teóricas de História e Consciência de Classe derivavam mais de Hegel do que de Marx: a noção do proletariado como o «sujeito-objecto idêntico da história», cuja consciência de classe superava por isso o problema da relatividade social do conhecimento; a tendência para conceber a «alienação» como uma objectificação externa da objectividade humana, cuja reaproximação constituiria um regresso a uma primitiva subjectividade interior- permitindo a Lukács identificar a aquisição pela classe operária de uma

---

<sup>71</sup> Ver os próprios comentários de Lukács em *History and Class Consciousness*, p. XXI. A principal excepção é constituída por Labriola, que tinha sido um filósofo hegeliano anteriormente ao seu encontro com o marxismo. Daí a súbita revelação da «descoberta» de Hegel, após o descrédito da Segunda Internacional, em 1916.

verdadeira consciência de si com a realização de uma revolução socialista. Quarenta anos mais tarde, Lukács descreveria estas suas teses características como mais «hegelianas do que o próprio Hegel» (<sup>72</sup>). Contudo, a reavaliação da importância de Hegel para o marxismo, iniciada por História e Consciência de Classe, teve muitos sucessores. O próprio Lukács procurou, mais tarde, redescobrir as categorias fundamentais do pensamento de Marx no de Hegel, mais do que introduzir categorias hegelianas no marxismo. O seu estudo O Jovem Hegel (1938) foi um empreendimento muito mais erudito com vista a estabelecer uma continuidade directa entre Hegel e Marx, baseada na leitura que Lukács fizera dos Manuscritos de 1844, em Moscovo, e no papel de conceitos económicos como o de trabalho nos primeiros escritos de Hegel (<sup>73</sup>).

82

Três anos mais tarde, Marcuse publicou Razão e Revolução, em Nova Iorque, com o subtítulo Hegel e

---

<sup>72</sup> History and Class Consciousness, p. XXIII.

<sup>73</sup> Devido à Guerra, Der Junge Hegel não foi publicado até 1948.

o Nascimento da Teoria Social – a primeira tentativa de análise marxista de todo o desenvolvimento do pensamento de Hegel, em todas as suas fases, como preparação e condição prévia do trabalho de Marx. A fidelidade de Marcuse a esta concepção de Hegel nunca sofreu oscilações. Não obstante, Adorno, muito mais crítico do Idealismo Objectivo como «filosofia da identidade» do que Lukács ou Marcuse, baseou explicitamente o seu trabalho mais importante nos métodos da Fenomenologia do Espírito: «O método de Hegel –declarou ele-instruiu o de Minima Moralia»<sup>(74)</sup>. Em França, por outro lado, embora aceitando que se atribuisse a Hegel uma importância fulcral na formação de Marx, Sartre iria inverter a sua avaliação e enaltecer a contribuição antitética de Kierkegaard como correctivo filosófico a Hegel no marxismo. Embora defendesse que o próprio Marx tinha ultrapassado a antinomia de Kierkegaard e de Hegel, afirmava que o marxismo no século XX tendia a tornar-se um neo-hegelianismo petrificado, revalidando dessa maneira o protesto do existencialismo contra um sistema objectivista universal em nome da experiência individual, que

---

<sup>74</sup> Minima Moralia, Londres NLB 1974, p. 16.

K:erkegaard havia sido o primeiro a formular (<sup>75</sup>). A reinterpretação do processo histórico como tal por Sartre, na *Crítica da Razão Dialéctica*, tomou o indivíduo como ponto de partida irreduzível, concebendo-o, para o efeito, como termo final de todas as classes sociais. Mesmo após a *Crítica*, o único filósofo a quem dedicou um estudo especial foi a Kierkegaard (<sup>76</sup>).

Em Itália, Della Volpe e a sua escola foram desde o início resolutamente anti-hegelianas, tão firmemente negativos na sua avaliação da própria filosofia de Hegel como positivos na sua afirmação de que o pensamento de Marx representava uma ruptura completa com Hegel. O próprio Della Volpe explicou Marx por meio de uma evolução que tinha origem em Aristóteles e ia até Hume, passando por Galileu: segundo preten-

---

<sup>75</sup> *The Problem of Method*, Londres 1973, pp. 8-14.

<sup>76</sup> Ver o importante ensaio «Kierkegaard: The Singular Universal», em *Between Existentialism and Marxism*, pp. 146-69.

dia, todos eles tinham levado a cabo críticas da hipóstase que no seu tempo haviam sido semelhantes às tentadas por Marx em relação a Hegel (<sup>77</sup>). Contudo, foi o seu discípulo Colletti quem escreveu o principal ataque sistemático ao hegelianismo no marxismo ocidental: Hegel e o Marxismo, obra concebida como demonstração exaustiva de que Hegel era um filósofo intuitivo cristão, que tinha por propósito teórico fundamental aniquilar a realidade objectiva e depreciar o intelecto, pondo-os ao serviço da religião e que, por conseguinte, se situava nos antípodas de Marx. Colletti, ao invés, defendia que o verdadeiro antecessor de Marx era Karit que, ao realçar a realidade independente do mundo objectivo para lá de todos os conceitos cognitivos dele, prefiguraria a tese materialista da irreduzibilidade do ser ao pensamento. A epistemologia de Karit era assim uma antecipação da de Marx, embora esta última ,nunca tivesse reconhecido a extensão da sua dívida à primeira (<sup>78</sup>). Identicamente, tanto para Della

---

<sup>77</sup> Logica Come Scienza Positiva, Messina 1950.

<sup>78</sup> Hegel and Marxism, Londres NLB 1963, especialmente pp. 113-38. Na época da Segunda Internacional, Mehring e outros (Adler) sofreram a atracção da ética de Kant, mas nenhuma construção

Volpe como para Colletti, a teoria política de Marx possuía um antecedente decisivo de que Marx não se apercebera: a obra de Rousseau. As limitações filosóficas de Karit tinham-no levado a aceitar os princípios de troca da sociedade capitalista liberal: foram precisamente estes princípios que Rousseau repudiou, numa crítica democrática radical do Estado representativo burguês, coisa que, mais tarde, nos seus aspectos essenciais, Marx se limitaria a repetir (<sup>79</sup>).

A obra de Althusser e da sua escola operou uma alteração da genealogia de Maré: muito mais radical, embora com-

84

pletamente diferente. Menos explícita filologicamente, foi, de uma forma substancial, a mais impetuosa absorção retroactiva de toda uma filosofia

---

filosófica sistemática do tipo da de Colletti ligou alguma vez a epistemologia de Kant à de Marx.

<sup>79</sup> Ver Della Volpe, Rousseau e Marx, Roma 1964, pp. 72-7; e para um exemplo extremo desta perspectiva, cf. a «Introdução» de Colletti a Karl Marx, Early Writings, Penguin NLR Library, Londres 1974.

pré-marxista pelo marxismo. Neste caso, o antepassado atribuído a Marx foi Spinoza. Realmente, para Althusser a «filosofia de Spinoza introduziu uma revolução teórica sem precedentes na história da filosofia, provavelmente a maior revolução filosófica de todos os tempos»<sup>(80)</sup>. Quase todos os dias os novos conceitos e a nova linguagem do marxismo de Althusser, para lá daqueles que importou de disciplinas contemporâneas, foram com efeito directamente colhidos em Spinoza. A distinção

---

<sup>80</sup> Lire le Capital, tomo I, p. 128. O papel implicitamente atribuído a Spinoza através de Marx tinha, com efeito, um importante precedente, neste caso no seio da Segunda Internacional. Plekhanov pensava que o marxismo era essencialmente uma «variedade de spinozismo», escrevendo que Ko spinozismo de Marx e de Engels é a forma moderna de materialismo»; Fundamental Problems of Marxism, Londres 1929, pp. 10-11. Estas afirmações foram tenazmente atacadas por Cplletti, para quem °Plekhanov era um daqueles que viam Marx como uma mera extensão e aplicação de Spinoza: ver From Rousseau to Lenine, Londres NLB 1972, p 71. Na URSS dos anos vinte, Deborine e os seus alunos seguiram Plekhanov, olhando Spinoza como um MMarx sem barba». Um ponto a salientar é que, enquanto Marx estava pouco familiarizado com as obras de Kant ou de Descartes, ele tinha lido Spinoza com bastante atenção durante a sua juventude: contudo, nada prova que ele tivesse sido alguma vez influenciado por ele. Apenas um punhado de referências a Spinoza, e das mais banais, pode ser encontrado no trabalho de Marx.

conceptual entre «objectos de conhecimento» e «objectos reais» foi directamente tomada da famosa separação entre *idea* e *idearum*, estabelecida por Spinoza (<sup>81</sup>). O monismo oculto que unia os dois polos deste dualismo derivava também de Spinoza: a «essência geral da produção» althusseriana, comum tanto ao pensamento como à realidade, não era mais do que uma tradução da máxima spinoziana *ordo et connexio idearum rerum idem est, acordo ed connexio rerum* («A ordem e a conexão das ideias são iguais à ordem

85

e à conexão das coisas») (<sup>82</sup>). A radical eliminação do problema filosófico das garantias do conhecimento ou da verdade operada por Althusser segue também o enunciado de Spinoza *veritas norma sui et falsi* – consequência lógica de qualquer monismo rigoroso

---

<sup>81</sup> Lire le Capital (tomo I, p. 46) é muito explícito quanto a este assunto. Para Spinoza, *Idea vera est diversum quid a suo ideato: nem aliud est circulus, aliud idea circuli* (De Emendatio Intellectus).

<sup>82</sup> Comparar Pour Marx, pp. 168-9, Lire le Capital, tomo II, pp. 69-71, e Ethic II, proposição VII.

(<sup>83</sup>). Similarmente, o conceito fulcral de «causalidade estrutural» de um modo de produção, em *Ler O Capital*, era uma versão secularizada da concepção spinoziana de Deus como causa immanens (<sup>84</sup>). Acima de tudo, o ataque apaixonado de Althusser contra as ilusões ideológicas da experiência imediata como opostas ao conhecimento científico, único conhecimento que seria próprio da teoria, e contra todas as noções que considerassem os homens ou as classes como sujeitos conscientes da história, em vez de «suportes» involuntários das relações sociais, era uma reprodução exacta da denúncia de Spinoza da experiência vaga como fonte de todos os erros e da sua permanente insistência em que a desilusão arquétipa era a crença dos homens de que, de qualquer forma, eram livres na sua vontade, quando de facto eram regidos por leis de que não tinham consciência: «A sua ideia de liberdade não é mais do que a

---

<sup>83</sup> Lire le Capital, tomo I, 66-7, 71. «A verdade é o seu próprio critério e o do falso» (Ethica II, prop. XLIII, Scholium).

<sup>84</sup> Lire le Capital, tomo II, pp. 65-7. Deus est omnium rerum causa immanens, non vera transiens: «Deus é a causa imanente mas não transitória de todas as cosas» (Etica I prop. XVIII).

ignorância dos motivos e as suas acções» (85). O determinismo implacável de Spinoza fechava com a conclusão de que nem na menos opressiva sociedade se poderia eliminar a preponderância da ilusão: «Os que acreditam que um povo ou homens divididos por assuntos políticos podem ser induzidos a viver apenas segundo a razão, sonham com a Idade de

86

Ouro do poeta ou com um conto de fadas» (86). Althusser adaptaria também esta opinião final: mesmo numa sociedade comunista, os homens continuariam imersos nos fantasmas da ideologia como mediação necessária da sua experiência espontânea. «Todas as sociedades humanas segregam ideologia como seus verdadeiros elementos e atmosfera, indispensáveis à

---

<sup>85</sup> Haec est eorum libertatis idea quodum actionum, — nullam cognoscant causam (Ethica II, prop. XXXV, Scholium). A quarta parte da Ethica intitula-se obviamente De servitute humana, seu de affectum viribus — Da servidão humana ou da força dos sentimentos», tema central em toda a obra de Althusser, desde que se substitua «sentimentos» por «ideologia». Ver Pour Ma-x, pp. 238-43, e Lire le Capital, t. II, p. 63.

<sup>86</sup> Spinoza, Tractatus Theologico-Politicus, I, 5.

sua respiração e vida histórica» (<sup>87</sup>). A introdução sistemática de Spinoza no materialismo histórico por parte de Althusser e dos seus discípulos foi a mais audaciosa tentativa intelectual para architectar uma ascendência filosófica para Marx, em ordem a desenvolver abruptamente, com base nela, novos caminhos teóricos para o marxismo contemporâneo (<sup>88</sup>). Num só aspecto importante se virou Althusser para outro lado, na procura de apoios significativos na história da filosofia. A relativa indiferença de Spinoza em relação à história conduziu Althusser a suplementar a sua genealogia de Marx com uma segunda linha a partir de Montesquieu, numa relação muito semelhante à que ia de Kant a Rousseau na genealogia de Colletti. Althusser atribuiu ao Espírito das Leis de Montesquieu a descoberta capital do conceito de uma

---

<sup>87</sup> Pour Marx, p. 238.

<sup>88</sup> [Após a redacção deste parágrafo, Althusser reconheceu, pela primeira vez, a sua dívida em relação a Spinoza. (Ver Eléments d'Autocritique, Paris 1974, pp. 65-83). Contudo, o que ele disse a esse respeito mantém-se vago e geral, carecendo, constantemente, de referências textuais e de correspondências específicas. O seu livro não nos elucida por isso quanto à extensão e unidade reais da transposição do mundo de Spinoza para o seu trabalho teórico. Estudos filológicos mais profundos não teriam dificuldade em documentar este facto]

totalidade social «determinada em última instância» por um nível preponderante no seu seio, que Marx, mais tarde, estabelecerá em *O Capital* (<sup>89</sup>).

Estes sucessivos regressos a um período anterior a Marx constituíram as características mais evidentes e decisivas do marxismo ocidental. Contudo, os que já referimos não esgotam a lista. Goldmann, como sobejamente se sabe, escolheu Pascal

87

como precursor-chave da teoria dialéctica em *O Deus Oculto* (<sup>90</sup>). Lefebvre, na juventude, optou por Schelling como progenitor filosófico (<sup>91</sup>). De uma

---

<sup>89</sup> *Politics and History*, Londres NLB, 1973, pp. 52-3 ss.

<sup>90</sup> *The Hidden God*, Londres 1964, pp. 243-4, 251-2, 300-2. Goldmann tinha previamente visto em Kant o precursor central da noção marxista de totalidade: ver Immanuel Kant, Londres NLB, 1971.

<sup>91</sup> *La Somme et le Reste*, pp. 415-424; este episódio, sem grande interesse em si mesmo para os trabalhos ulteriores de Lefebvre, é, por outras razões, particularmente revelador quanto ao esquema de conjunto desta tradição. Lefebvre narra que Politzer e ele próprio se ressentiram bastante da inexistência de um antecedente histórico válido, e que se empenharam, portanto, conscientemente, em

maneira mais profunda e oculta, Adorno e Horkheimer inspiraram-se provavelmente também em Schelling, ao introduzirem no marxismo a noção de «natureza decaída» (<sup>92</sup>). Por seu lado, Marcuse socorreu-se do esteticismo de Schiller para elaborar a sua concepção de uma futura sociedade comunista (<sup>93</sup>). Também aqui, em alguns casos, um só filósofo serviria de referência a diversos pensadores da tradição do marxismo ocidental. Nietzsche, por exemplo, anátema para Lukács, iria ser paradoxalmente acolhido por Adorno e Sartre, por Marcuse e por Althusser (<sup>94</sup>). Mas talvez a prova mais gritante de uma invisível regularidade que atravessaria todo o corpo do marxismo ocidental, por mais agudas que sejam as diversidades internas ou as oposições no

---

procurar para si um que lhes pudesse convir, tendo-o por fim encontrado em Schelling.

<sup>92</sup> O reaparecimento desta noção oculta na cultura da esquerda alemã continua a ser um problema a investigar. Foi, provavelmente, Ernst Bloch quem primeiro se interessou por ele.

<sup>93</sup> Eros and Civilization, pp. 185-93.

<sup>94</sup> Comparar Lukács, *Der Zerstörung der Vernunft*, Berlim 1953, pp. 244-317 (o único tratamento extenso), com as observações de Adorno em «Letters to Walter Benjamin», *New Left Review*, n.º 81, Setembro-Outubro 1973, p. 72; Sartre, *Saint Genet*, NRF, Paris 1952, pp. 321-25. Marcuse, *Eros and Civilization*, pp. 119-24; Althusser, *Lenin and Philosophy*, p. 181.

seu seio, seja o caso de Gramsci. Gramsci foi o único teórico destacado do Ocidente que não foi filósofo, mas sim político. Nenhum interesse puramente profissional o poderia ter impelido a procurar uma linha de ascendência anterior a Marx. Também ele articulou

88

o seu mais original trabalho fundamentalmente em torno de um precursor –Maquiavel. Para Gramsci, o antepassado evidente do período pré-marxista não era necessariamente um filósofo clássico, mas sim um homem que já de si era um teórico político. Mas a extensão e o tipo das coisas que Gramsci tomou por empréstimo a Maquiavel apresentam uma completa homologia com os outros teóricos do marxismo ocidental. Também ele foi buscar directamente, do sistema anterior do florentino, temas e termos para o seu trabalho. Nos Cadernos da Prisão, o próprio partido revolucionário se torna uma versão moderna do «Príncipe», para cujo poder unitário Maquiavel apelava. O reformismo é interpretado como uma perspectiva «corporativa» comparável à das cidades italianas, cuja tacahez sectária Maquiavel

invektivava violentamente. O problema do «bloco histórico» entre o proletariado e o campesinato é visto através da prefiguração dos planos de Maquiavel para uma «milícia» popular florentina. Os mecanismos do governo burguês são inteiramente analisados no processo duplo de «força» e de «fraude», as duas formas do Centauro de Maquiavel (<sup>95</sup>). A tipologia dos sistemas de Estado deriva da tríade «território», «autoridade» e «consentimento», por ele elaborada. Para Gramsci, ao pensamento de Maquiavel «podia também chamar-se ‘filosofia da praxis’» (<sup>96</sup>) – que é a nomenclatura que, na prisão, Gramsci atribuiu ao marxismo. Assim, mesmo o maior e o menos típico dos seus representantes confirma as regras generativas do marxismo ocidental.

É claro que a unidade operativa que delimitou o campo do marxismo ocidental como um todo, com os deslocamentos globais dos seus eixos centrais, não excluiu divisões subjectivas e profundos antagonismos no seu seio. Aliás, estes estiveram na origem de muita da vitalidade e da variedade internas

---

<sup>95</sup> Gramsci, *Prison Notebooks*, Londres 1971, esp. 125-43, 147-48, 169-75.

<sup>96</sup> *Prison Notebooks*, p. 248.

desta tradição, uma vez que os seus limites exteriores foram historicamente determinados. Contudo, é

89

marxismo ocidental o facto de nunca ter dado origem a qualquer cartografia adequada e precisa do seu próprio panorama intelectual. Esta lacuna foi consequência lógica de uma das mais notáveis e paradoxais feições da nova cultura teórica que se desenvolveu após 1920 – a sua ausência de internacionalismo. Tal facto marca igualmente um afastamento radical relativamente ao modelo canónico do marxismo clássico. Viu-se como os próprios Marx e Engels se corresponderam e discutiram com socialistas de toda a Europa, e mesmo fora dela. Os teóricos da Segunda Internacional tinham raízes muito mais firmes nos seus contextos políticos nacionais do que os fundadores do materialismo histórico: mas formaram também, simultaneamente, um terreno comum para debate entre os socialistas a nível internacional. Na geração seguinte a Marx e Engels, o acolhimento dado ao trabalho de Labriola dá-nos talvez o exemplo mais eloquente de comunicação entre os países do continente nessa altura. Primeiro

teórico marxista que apareceu na zona esquecida e politicamente atrasada da Europa meridional, Labriola tornou-se conhecido com uma rapidez extraordinária de Paris a S. Petersburgo. Na realidade, o seu primeiro ensaio de vulto foi encomendado por Sorel para publicação em *Le Devenir Social*, em França, em 1895; passado um ano, o jornal *Die Neue Zeit*, de Kautsky, na Alemanha, tomou dele conhecimento e saudou o seu aparecimento; em 1897, Plekhanov publicou um longo estudo sobre os escritos de Labriola, no *Novoe Slovo*, na Rússia; alguns meses mais tarde, Lenine encarregou a sua irmã de os traduzir para russo. A geração seguinte de marxistas foi, se é que é possível, uma comunidade ainda mais internacionalista de pensadores e de militantes, cujos apaixonados debates teóricos foram em larga medida influenciados por um estudo completo e íntimo dos trabalhos de cada um dos seus elementos. A polémica sobre *A Acumulação do Capital*, de Rosa Luxemburgo, é disso exemplo evidente. Foi neste panorama que a criação disciplinada da Terceira Internacional se veio inserir, como culminância da experiência histórica anterior do movimento operário no continente, e como ruptura com ela.

Com a vitória do «socialismo num só país» na URSS, contudo, seguida da burocratização progressiva do Comintern,

90

e com as perspectivas nacionalistas adoptadas pelo comunismo europeu durante e após a Segunda Guerra Mundial, o quadro que até então dominava no que diz respeito à discussão marxista sofreu uma alteração fundamental. Ela processava-se agora cada vez mais numa forma distanciada não só da militância política, mas também de todo e qualquer horizonte internacional. Gradualmente, a teoria fragmentou-se em compartimentos nacionais isolados entre si pela indiferença ou ignorância recíprocas. Esta evolução foi tanto mais estranha quanto a grande maioria dos novos teóricos – como vimos – foram especialistas académicos aos mais altos níveis dos seus sistemas universitários, encontrando-se em princípio em condições ideais de apetrechamento tanto em termos de capacidade de leitura como em termos de tempo livre para atingirem um conhecimento e procederem a um estudo sério dos sistemas intelectuais fora das fronteiras dos seus próprios países. Com efeito, os

filósofos desta linhagem – que no seu próprio idioma eram complexos e recônditos, como nunca se viram-encontravam-se, quase sem exceção, inteiramente desfasados e desinformados quanto às culturas teóricas dos países vizinhos. Espantosamente, não existe, em todo o corpo do marxismo ocidental, uma única avaliação séria e crítica fundamentada feita por um teórico sobre o trabalho de um outro, e que revele conhecimento íntimo dos textos ou o mínimo de cuidado analítico no seu tratamento. Quando muito, existem exposições apressadas ou comentários imprecisos, que padecem quer de uma deficiente informação quer de superficialidade. Exemplos típicos deste desfasamento mútuo são as escassas e vagas notas que Sartre dirige a Lukács, os àpartes dispersos e anacrônicos de Adorno sobre Sartre, as invectivas violentas de Colletti contra Marcuse, a confusão plena de amorismo que Althusser estabeleceu entre Gramsci e Colletti, a rejeição peremptória de Althusser por Della Volpe (<sup>97</sup>). Tudo isto não passa de

---

<sup>97</sup> Sartre, «Question de méthode», Critique de la Raison Dialectique, pp. 24-5, 30, 42; Adorno, Negative Dialectic, Londres 1973, pp. 49-51; Colletti, From Rousseau to Lenin, pp. 128-40; Althusser, Lire le Capital, tomo 1, pp. 167-75; Della Volpe, Critica dell'Ideologia Contemporanea, Roma 1967, pp. 25-6n., 37n.

simples comentários ocasionais em obras que, em grande

91

medida, tinham outros assuntos por principal desígnio. Não existe um único caso no marxismo ocidental nem de uma total ligação teórica nem de um total conflito teórico entre dois pensadores ou duas escolas-para já não falar de uma mestria perfeita do conjunto internacional desta tradição. Mesmo nos casos de uma relação entre o mentor e o discípulo, também isto se verifica: por exemplo, a lealdade de Goldmann à obra de juventude de Lukács nunca foi acompanhada pelo mínimo interesse crítico ou pelo menor estudo dos seus últimos trabalhos. Em resultado deste bairrismo generalizado e desta ignorância em relação aos conjuntos de pensamentos extra-nacionais haveria de tornar-se impossível qualquer tomada de consciência coerente ou lúcida da própria produção do marxismo ocidental como um todo. O alheamento de cada um dos teóricos relativamente ao trabalho dos outros manteve o sistema real de relações entre eles em total obscuridade.

Não quer isto dizer que não tenha havido tentativas de levantar linhas de demarcação claras no seio do marxismo ocidental. Houve, pelo menos, duas nos anos sessenta, levadas a cabo por Althusser e por Colletti. Ambas se baseavam numa amálgama indiscriminada de todos os sistemas diferentes dos seus num único bloco filosófico e na rejeição desse conjunto com o argumento de que descendia de Hegel e por ele estava viciado – isto a par com a reivindicação de que só o seu próprio trabalho estabelecia uma ligação directa com Marx. No entanto, por outro lado, as duas teses sobre o desenvolvimento do marxismo nos anos vinte eram reciprocamente incompatíveis, já que as categorias de Althusser incluíam explicitamente Colletti na tradição hegeliana que o último repudiava, enquanto a lógica de Colletti atribuía a Althusser a herança hegeliana que este denunciava. Destas duas reinterpretações retrospectivas do marxismo, a de Althusser era mais vasta e exaustiva. Para ele, os trabalhos de Lukács, Korsch, Gramsci, Sartre, Goldmann, Della Volpe e Colletti eram todos susceptíveis de serem classificados como variantes do «historicismo»:

ideologia na qual a sociedade se transforma numa totalidade «expressiva» circular, a história num fluxo homogêneo de tempo linear, a filosofia numa auto-consciência do processo

92

histórico, a luta de classes num combate de «sujeitos» colectivos, o capitalismo num universo essencialmente definido pela alienação, o comunismo num estado de verdadeiro humanismo para lá da alienação (<sup>98</sup>). A maior parte dessas teses – sustentava Althusser – provinham de Hegel, mediadas por Feuerbach e pelos escritos do jovem Marx; a teoria científica do materialismo histórico foi fundada numa ruptura radical com tais teses, realizada por Marx em *O Capital*. Em contrapartida, a reinterpretação de Colletti era mais restrita, embora de maior alcance: para ele, Lukács, Adorno, Marcuse, Horkheimer e Sartre estavam unidos por um ataque comum contra a ciência e por uma rejeição do materialismo, negação inerente à afirmação segundo a qual a contradição é um princípio da realidade mais do que da razão – ao

---

<sup>98</sup> Lire le Capital, tomo 1, pp, 150-84.

passo que o materialismo dialéctico a que aderiram Lukács (numa fase posterior) e Althusser não era mais do que uma versão naturalista do mesmo idealismo dissimulado. Ambos decorriam da crítica metafísica do intelecto de Hegel, cujo objectivo era o aniquilamento filosófico da matéria (<sup>99</sup>). Infelizmente Engels tinha compreendido erradamente esta crítica e adoptá-la-ia no Anti-Dühring, fundando assim uma linha de filiação que marcaria uma total separação relativamente ao materialismo científico e racional de Marx, exemplificado no método lógico de O Capital.

Que validade se poderá atribuir a cada uma destas teses? É bastante claro que tanto a escola de Della Volpe como a escola de Althusser se tinham distinguido por certas caracte rísticas comuns que as afastaram dos outros sistemas do marxismo ocidental. A sua hostilidade em relação a Hegel –que o sistema de Della Volpe desenvolveu mais, cedo e mais completamente- demarcou-as de forma mais óbvia

---

<sup>99</sup> Marxism and Hegel, pp. 181-98. A adesão de Althusser à dialéctica da natureza, como sendo o único aspecto válido a retomar de Hegel, uma vez crismado «processo sem sujeito», situa-o inteiramente no terreno da crítica de Colletti: ver Lenin and Philosophy, pp. 117-19.

numa tradição que, por outro lado, se encontrava predominantemente virada para

93

Hegel. Conjuntamente, eles partilharam uma insistência muito marcada no carácter científico do marxismo, na proeminência de *O Capital* no seio da obra de Marx, e na subsequente importância vital do pensamento político de Lenine. Ambos representaram uma veemente reacção contra as tendências teóricas anteriores, que negavam ou ignoravam muito do que afirmava a tradição clássica. Mas estas características não são suficientes para dividir todo o terreno do marxismo europeu desde 1920 em dois campos antitéticos. As polaridades simples propostas por Althusser ou Colletti são demasiado imperfeitas e esquemáticas e baseiam-se num estudo comparativo demasiado embrionário para que possam constituir um guia de orientação sério em relação à complexa constelação das tendências filosóficas no marxismo ocidental, incluindo as suas próprias. Rigorosamente, não poderia sequer falar-se de um espectro contínuo de sistemas em vez de uma polaridade rígida entre eles, pois as atitudes dos diferentes teóricos, embora

partindo de posições muito diversas, manifestaram muitas vezes certas coincidências ou sobreposições, amiúde por formas desconcertantes, o que nos impede de os alinharmos segundo uma qualquer perspectiva filosófica linear. O carácter irreconciliável das tipologias apresentadas por Colletti e por Althusser é por si próprio indicação da sua aporia comum. Assim, Althusser estigmatizou o tema da alienação como arqui-hegelano, e considerou que a sua rejeição era uma condição prévia do materialismo histórico-ao passo que Colletti, cujo ataque a Hegel foi mais radical e mais documentado do que o de Althusser, manteve o conceito de alienação como fundamental na obra do Marx da maturidade e no materialismo histórico como ciência. Inversamente, Colletti concentrou o seu fogo mais intenso sobre a dialéctica da matéria de Hegel, considerando-a a pedra de toque religiosa do seu idealismo e afirmando que ela era o que de mais pernicioso fora legado ao pensamento socialista posterior –enquanto Althusser salientou o mesmo aspecto da obra de Hegel como sendo o único núcleo científico viável que o marxismo herdara dele.

Para mais, o entrecruzar das linhas estende-se bem para lá destes dois protagonistas. Muito do sistema de

Althusser foi elaborado contra o de Sartre, que dominava localmente

94

em França, no fim dos anos sessenta; ao passo que muita da polémica de Colletti era dirigida contra a Escola de Frankfurt, que dominou temporariamente em Itália no fim da mesma década. Nenhum deles parece ter travado um conhecimento íntimo com o principal adversário do outro, donde resultou que nenhum se tenha apercebido de certas semelhanças indirectas com eles. O facto de Colletti se preocupar cada vez mais com a dualidade do marxismo como «ciência ou revolução», como teoria tanto das leis objectivas do capitalismo como da capacidade subjectiva do proletariado para derrubar o modo de produção de que estruturalmente faz parte (<sup>100</sup>), encontrava-se com efeito muito perto do ponto de partida metodológico básico da investigação de Sartre. A correspondência involuntária entre Althusser e Adorno – que à primeira vista apresentariam as menores possibilidades de constituição de pares entre

---

<sup>100</sup> Ver, por exemplo, From Rousseau to Lenin, pp. 229-36.

teóricos – era ainda mais notável. Logo quando se começou a formar, a Escola de Frankfurt já se encontrava mais impregnada de influências hegelianas do que qualquer outra na Europa. O marxismo de Adorno representou nos anos sessenta uma versão extrema da sua rejeição de qualquer discurso sobre as classes ou a política-precisamente aqueles objectos a que o marxismo de Althusser atribuía um papel primordial. No entanto, a Dialéctica Negativa de Adorno, cuja elaboração começou com umas conferências em Paris em 1961, tendo sido completada em 1966, reproduz toda uma série de temas que podemos encontrar em Por Marx e Ler O Capital de Althusser, publicados em 1965, para não falar de outros temas de Hegel e o Marxismo de Colletti, publicado em 1969. Assim, entre outros temas, Adorno afirma explicitamente a primazia epistemológica absoluta do objecto, a ausência de um sujeito geral em história, a vacuidade do conceito de «negação da negação». Atacou a preocupação filosófica com a alienação e a reificação considerando-a como uma ideologia «em moda», susceptível de uso religioso; o culto dos trabalhos do jovem Marx em detrimento de O Capital; as concepções antropocêntricas da história e a retórica

emoliente do humanismo que as acompanha; os mitos do trabalho como única

95

fonte de riqueza social, abstraindo da natureza material, que é um seu componente irreduzível<sup>(101)</sup>. Adorno haveria mesmo de retomar exactamente os preceitos de Althusser, segundo os quais a teoria é um tipo específico de prática («prática teórica»), e a noção de prática tem ela própria que ser definida pela teoria. «A teoria é uma forma de prática», escreveu Adorno, e «a própria prática é um conceito eminentemente teórico»<sup>(102)</sup>. O teoricismo provocador destas teses, que suprimem todo o problema material da unidade entre a teoria e a prática como relação dinâmica entre o marxismo e a luta revolucionária de massas, proclamando a sua identidade lexical à partida, pode ser considerado

---

<sup>101</sup> Ver *Negative Dialectic*, pp. 183-4, 304, 158-60, 190-2, 67, 89, 177-8. Deve-se sublinhar que a persistência de Adorno sobre a primazia do objecto é, pelo menos, tão tenazmente defendida como a de Colletti, o que torna em grande parte inúteis os ataques gerais que este último lança sobre este ponto à Escola de Frankfurt.

<sup>102</sup> *Stichworte*, Frankfurt 1968, p. 171; *Negative Dialectic*, p. 144.

como um leitmotiv do marxismo ocidental da época que se seguiu à Segunda Guerra Mundial. Ele indica o substracto comum compartilhado pelas mais diversas posições intelectuais do marxismo ocidental.

Evidentemente, os sistemas teóricos de Althusser e de Adorno eram, por outro lado, notoriamente dissimilares quanto à problemática e quanto à orientação. O curioso entrecruzar de certos temas significativos nas suas obras apenas vem provar que uma vaga oposição binária entre as escolas hegeliana e anti-hegeliana é totalmente inadequada para definir a localização exacta das diferentes correntes no marxismo ocidental e as suas relações mútuas. A própria multiplicidade das filiações que atrás analisamos – e que incluem não apenas Hegel mas também Kant, Schelling, Spinoza, Kierkegaard, Pascal, Schiller, Rousseau, Montesquieu e outros – impede qualquer polarização desse tipo. As ligações colaterais de cada teórico com variados sectores da cultura burguesa contemporânea vêm complicar ainda mais o problema das suas afinidades e dos seus antagonismos mútuos que, por seu lado, foram condicionados e regidos por diversas situações

políticas nacionais. Por outras palavras, é perfeitamente evidente que cada sistema

96

individual nesta tradição recebeu a influência de uma pluralidade de determinações, decorrentes de diferentes níveis e horizontes das estruturas sociais e ideológicas do seu próprio tempo e do passado, produzindo uma ampla heterogeneidade de teorias dentro dos parâmetros da conjuntura histórica que delimitava a tradição como tal. Não cabe aqui investigar a distribuição real de relações no seio deste campo em toda a sua complexidade. Para o nosso propósito actual, é mais importante considerar a originalidade evidente de cada sistema relativamente ao legado clássico do materialismo histórico na época anterior. Em qualquer balanço da produção do marxismo ocidental, o desenvolvimento de novos conceitos ou o nascimento de novos temas fornece a melhor bitola crítica da sua natureza e do seu poder como tradição.

96

## 4. INOVAÇÕES TEMÁTICAS

---

Podemos desde já discernir alguns aspectos gerais. O marxismo europeu, como vimos, inibiu-se progressivamente de qualquer confronto teórico com os principais problemas políticos ou económicos a seguir aos anos 20. Gramsci foi o último destes pensadores que, nos seus textos, abordou directamente as questões fundamentais da luta de classes. Contudo, também ele nada escreveu sobre a economia capitalista propriamente dita, no sentido clássico de analisar as leis de movimento do modo de produção como tal (<sup>103</sup>). Após ele, um mesmo silêncio passou a

---

<sup>103</sup> Foi total o silêncio de Gramsci no que diz respeito aos problemas económicos. Contudo, irónica e misteriosamente, um dos seus amigos mais chegados e mais duradouros, foi Piero Sraffa – que transmitiu a sua correspondência para o PCI, então fora da Itália, durante os seus últimos anos de prisão, e que foi, provavelmente, o último a ter discutido política internacional com Gramsci, alguns meses antes da sua morte, em 1937. Existe um certo simbolismo nesta estranha relação entre o maior pensador político marxista no Ocidente e o mais original teórico da economia do pós-guerra, com a sua mistura de intimidade pessoal e de distância intelectual. Parece

encobrir a ordem política da dominação burguesa, assim como os meios de a derrubar. Daí

99

resultou que, no seu conjunto, quando o marxismo ocidental ia além das questões de método para abordar problemas de feição prática, acabava por se concentrar predominantemente no estudo das superestruturas. Para mais, os domínios estruturais específicos por que mais constantemente e mais de perto se mostrou interessado foram os de «nível mais elevado» em relação à infraestrutura económica, segundo a expressão de Engels. Por outras palavras, não foi o Estado nem a Lei que lhe forneceram os objectos típicos da sua investigação. Foi principalmente sobre a cultura que a sua atenção se debruçou.

---

não ter havido, aqui, a mais pequena relação entre os universos das suas obras respectivas. A crítica definitiva da economia neo-clássica por Sraffa iria ser mais rigorosa e mais demolidora do que todas as que foram feitas no próprio terreno marxista. Contudo, esta notável realização foi produzida a par de um retorno, para além de Marx, a Ricardo, e o sistema daí saído não foi em quase nada menos severo para a teoria do valor exposta em O Capital.

Foi sobretudo a Arte que, no domínio da própria cultura, mobilizou as energias e os talentos intelectuais mais importantes do marxismo ocidental. O que aqui se passou a este respeito merece que nos detenhamos um pouco. Lukács consagrou a maior parte da sua vida a trabalhar sobre a literatura, produzindo um conjunto de estudos críticos sobre a novela alemã e europeia, de Goethe e Scott a Mann e Soljenitsyn, culminando com uma obra monumental-Estética – a sua mais longa e ambiciosa obra publicada (<sup>104</sup>). Adorno escreveu uma dúzia de livros sobre música, incluindo tanto análises globais das transformações musicais do século vinte como interpretações de compositores individuais, tais como Wagner ou Mahler, para além de três volumes de ensaios sobre literatura; concluiu também a sua obra com uma Teoria Estética (<sup>105</sup>). O mais significativo legado teórico marxista de Benjamin foi um ensaio sobre A Arte na Era da Sua Reprodução Mecânica, e a sua principal realização crítica foi um estudo, feito

---

<sup>104</sup> Aesthetik, Berlim/Neuwied 1963.

<sup>105</sup> Aesthetische Theorie, Frankfurt 1970. Os três volumes das Noten zur Literatur foram publicados na Alemanha (Berlim e Frankfurt) 1958-1961.

nos anos trinta, sobre Baudelaire (<sup>106</sup>); a obra de Brecht foi preocupação que sempre o acompanhou (<sup>107</sup>). O princi-

100

pal trabalho de Goldmann foi uma análise sobre Racine e o jansenismo – O Deus Oculto, que ao mesmo tempo estabeleceu um princípio global de crítica literária para o materialismo histórico; os seus outros escritos investigaram o teatro moderno e a

---

<sup>106</sup> Ver *Illuminations*, pp. 219-53; e *Charles Baudelaire: a Lyric Poet in the Era of High Capitalism*, Londres NLB 1973.

<sup>107</sup> Benjamin foi, obviamente, um interlocutor privilegiado de Brecht no exílio. O próprio pensamento estético de Brecht, embora seja de uma evidente importância intrínseca na história do marxismo europeu do seu tempo, esteve sempre subordinado à sua prática como dramaturgo, e por isso cai de certa forma fora do quadro deste ensaio. Sobre as relações de Brecht com Benjamin e Lukács, ver *Understanding Brecht*, pp. 105-21, e os ensaios traduzidos em *New Left Review*, n.º84, Março-Abril 1974 (áAgainst Georg Lukács»). As críticas que Adorno endereçou a Benjamin e a Brecht, pelo seu lado, podem ser encontradas nos textos publicados pela *New Left Review*, n. 81, Setembro-Outubro 1973 (*Letters to Walter Benjamin*) e n.º 87/8, Setembro-Dezembro 1974 (*KCommitment*»). Estas trocas complexas formam um dos principais debates no desenvolvimento cultural do marxismo ocidental.

novela (Malraux) (<sup>108</sup>). Por seu turno, Lefebvre escreveu uma Contribuição à Estética (<sup>109</sup>). Della Volpe produziu uma outra teoria da estética de grande envergadura, Crítica do Gosto, além de ensaios sobre filmes e sobre poesia (<sup>110</sup>). Marcuse não escreveu obras sobre qualquer artista específico, mas considerou sistematicamente a estética como a categoria fulcral de uma sociedade livre, na qual «a arte como forma de realidade» poderia finalmente modelar os contornos objectivos do próprio mundo social-tema comum a Eros e Civilização e a Um Estudo Sobre a Libertação (<sup>111</sup>). O primeiro encontro de Sartre com o marxismo coincidiu com a publicação de O que é a Literatura?; durante a transição para o seu próprio trabalho no seio do marxismo, a sua principal produção foi sobre Genet, embora

---

<sup>108</sup> Pour une Sociologie du Roman, Paris 1964

<sup>109</sup> Contribution à l'esthétique, Paris 1953

<sup>110</sup> Critica del Gusto, Milão 1960; e Verosimile Filmico, Roma 1954.

<sup>111</sup> Sobre este ponto, as suas declarações mais explícitas encontram-se no seu ensaio «Art as a Form of Reality», New Left Review, n.o 74, Julho-Agosto 1972.

escrevesse também sobre Mallarmé e Tintoretto (<sup>112</sup>); e quando finalmente completou a sua passagem para

101

o marxismo, consagrou a década seguinte a um estudo monumental sobre Flaubert –concebido com uma amplitude e um volume maiores que a soma de todos os seus trabalhos filosóficos anteriores (<sup>113</sup>). Como de costume, Gramsci representa neste panorama um caso distinto, se bem que relacionado. Ele escreveu uma considerável quantidade de páginas sobre a literatura

---

<sup>112</sup> Os estudos sobre Mallarmé e Tintoretto, dos quais apenas foram publicados fragmentos, constituíam, de facto, dois volumes completos: ver M. Contat e M. Rybalka, *Les Écrits de Sartre*, Paris 1970, pp 262, 314-15.

<sup>113</sup> *L'Idiot de la Famille*, volumes I-III, Paris 1971-72. Existe uma estranha similaridade entre a obra de Sartre sobre Flaubert e a de Benjamin sobre Baudelaire, apesar do contraste entre o gigantismo de uma e a pequenez de outra. O estudo de Benjamin foi dividido em três partes: Baudelaire como alegorista; o mundo social de Paris no qual ele escreveu: e a mercadoria como objecto poético sintetizando o significado quer do poeta quer da capital. O estudo de Sartre está igualmente construído segundo um esquema tripartido: a formação subjectiva da personalidade de Flaubert; o Segundo Império, terreno objectivo da sua aceitação como artista; e Madame Bovary como a unidade histórica singular de um e de outro.

italiana nos Cadernos da Prisão (<sup>114</sup>); porém, o principal objecto da sua investigação teórica não foi o domínio da arte mas a estrutura e a função globais da cultura para os sistemas de poder político na Europa, a partir do Renascimento. Assim, as mais profundas e originais investigações que levou a cabo foram as suas análises institucionais da formação e da divisão históricas dos intelectuais, da natureza social da educação e do papel mediador das ideologias na cimentação de blocos entre as classes. Todo o trabalho de Gramsci se centrou, sem excepção, sobre problemas superestruturais, mas, ao contrário de todos os outros teóricos do marxismo ocidental, ele tomou a autonomia e a eficácia das superestruturas culturais como problemas políticos, que teriam que ser teorizados explicitamente como tais, na sua relação com a preservação ou com a subversão da ordem social. Por fim, também Althusser abandonou o terreno da metodologia e passou para o da análise concreta, mas apenas para explorar questões exclusivamente superestruturais: o seu mais longo

---

<sup>114</sup> Letteratura e Vita Nazionale é o mais extenso dos volumes dos Escritos da Prisão, publicados pelas edições Einaudi; mas ele compreende igualmente as primeiras críticas de Gramsci sobre teatro, feitas antes da sua prisão.

ensaio deste género foi sobre a ideologia e a educação, tendo o ponto de partida derivado claramente de Gramsci; textos mais pequenos deba

102

teram teatro ou pintura (Brecht ou Cremonini) e a natureza da arte: entretanto, a única aplicação desenvolvida das suas ideias, fora do campo da própria filosofia, publicada com a chancela da sua autoridade pessoal, foi uma teoria da literaratura (<sup>115</sup>). O tratamento da cultura e da ideologia pelo marxismo ocidental permaneceu assim uniformemente predominante no seu trabalho, do princípio ao fim. A estética, a ponte através da qual a filosofia se tem aproximado do mundo concreto desde o Iluminismo, exerceu para os seus teóricos uma atracção especial e

---

<sup>115</sup> Ver «Idéologie et Appareils idéologiques d'Etat (Notes pour une recherche)», *La Pensée*. Junho 1970, n.º151, pp. 3-38; e «Une Lettre sur l'art à André Daspre», *La Nouvelle Critique*, Abril 1966; «Cremonini, peintre de l'abstraction», *Démocratie nouvelle*, Agosto 1966; Pour Marx, «Le 'Picolo' Bertolazzi et Brecht»; e, na colecção *Théorie*, dirigida por Althusser, Pierre Macherey, *Pour une théorie de la production littéraire*, Paris 1966.

constante (<sup>116</sup>). A grande riqueza e variedade do conjunto dos escritos produzidos neste domínio, de longe mais rico e mais subtil do que qualquer outro no seio da herança clássica do materialismo histórico, pode provar por fim ser esta a conquista colectiva mais duradoura desta tradição.

Contudo, simultaneamente e em geral, os principais sistemas intelectuais do marxismo ocidental deram origem a temas teóricos totalmente novos, da maior importância para o conjunto do materialismo histórico. Estas concepções caracterizam-se pela sua radical novidade relativamente ao legado clássico do marxismo. Podemos defini-las pelo facto de que nos escritos do jovem Marx, quer nos do Marx da maturidade ou nos trabalhos dos seus herdeiros da Segunda Internacional não figurar qualquer indício ou antecipação das preocupações do marxismo ocidental. O critério de definição não é a validade destas inovações, ou a sua compatibilidade com os princípios básicos do marxismo: é, sim, a sua originalidade. Não é tarefa destas considerações proceder a uma

---

<sup>116</sup> É significativo que a única obra de real qualidade que domina largamente o marxismo ocidental, no seu conjunto, seja um estudo de estética: *Marxism and Form*, de Fredric Jameson.

avaliação crítica dos méritos de cada corrente, pois isso ultra-

103

passaria os seus limites. Por agora, bastará destacar os conceitos mais importantes que a distinguiram das precedentes no desenvolvimento do marxismo ocidental. Qualquer tentativa deste género tem de ser em certa medida arbitrária na sua selecção; e, particularmente no reduzido âmbito deste ensaio, não pode pôr-se a hipótese de uma apreciação exaustiva (<sup>117</sup>). Mas há certos temas característicos que ressaltam sem dúvida no corpo teórico que estamos a analisar. Podem ser tomados como um factor mínimo

---

<sup>117</sup> Ver-se-á como os principais sistemas que não se distinguem radicalmente por inovações deste tipo em relação aos cânones da teoria marxista anterior são os que Della Volpe e Lukács estabeleceram. Em ambos os casos, isso aliou-se a uma rigorosa fidelidade textual aos escritos do próprio Marx (para melhor ou para pior?). O desenvolvimento de temas como os da alienação e da reificação no jovem Lukács não podem ser considerados como inovações reais, por mais difundidos que se tenham tornado no marxismo ocidental posterior, já que eles impregnaram o pensamento do jovem Marx.

para as contribuições sui generis da tradição em questão.

A este respeito, a noção que primeiro surge e mais se destaca é a noção de hegemonia de Gramsci. O termo em si é proveniente do movimento socialista russo, onde Plekhanov e Axelrod o tinham utilizado pela primeira vez, em discussões estratégicas sobre o futuro papel dirigente da classe operária na revolução russa (<sup>118</sup>). A adopção do termo por Gramsci transformou-o de facto, de certa maneira, num conceito totalmente novo no discurso marxista, concebido precisamente para teorizar estruturas políticas do poder capitalista que não existiam na Rússia czarista. Relembrando as análises de Maquiavel sobre a força e a fraude e invertendo-as tacitamente, Gramsci formulou o conceito de hegemonia para designar a força e a complexidade decididamente maiores da dominação burguesa de classe na Europa Ocidental, denominação essa que tinha obstado a qualquer repetição da Revolução de Outubro nas zonas de capitalismo avançado no

---

<sup>118</sup> Examinar-se-á de forma detalhada a evolução e a significação do conceito de hegemonia num ensaio sobre Gramsci a ser publicado na *New Left Review*.

continente. Definia-se este sistema de poder hegemónico pelo grau de consentimento obtido nas massas populares dominadas e por uma redução

104

consequente do grau de coacção necessário para as reprimir. Os mecanismos de controle que utilizava para assegurar este consentimento residem num complexo sistema ramificado de instituições culturais –escolas, igrejas, jornais, partidos, associações-que inculcam uma subordinação passiva às classes exploradas, por intermédio de um conjunto de ideologias elaboradas desde o passado histórico e transmitido por grupos intelectuais ao serviço da classe dominante. Tais intelectuais, por seu lado, tanto podiam ser anexados pela classe dominante a partir dos anteriores modos de produção («tradicionais») como gerados no interior do seu próprio grupo social («orgânicos») como nova categoria. Por outro lado, a dominação burguesa tinha por suporte a fidelidade das classes aliadas secundárias, caldeadas num bloco social compacto, sob a sua direcção política. A hegemonia dinâmica e flexível exercida pelo capital sobre o trabalho no Ocidente através desta estrutura

consensual estratificada, representou um obstáculo para o movimento socialista mais difícil de ultrapassar do que o que tinha encontrado na Rússia (<sup>119</sup>). As crises económicas do género das que os marxistas anteriores consideravam ser a alavanca fundamental da revolução no capitalismo podiam ser contidas e atacadas por esta ordem política. Tal facto impediu todo e qualquer ataque frontal por parte do proletariado segundo os moldes russos. Seria necessária uma longa e difícil «guerra de posições» para a combater. Com este conjunto de concepções, isolado no seio dos teóricos ocidentais, Gramsci procurou descobrir directamente uma explicação teórica para o impasse histórico fundamental que constituía a origem e a matriz do próprio marxismo ocidental.

A teoria da hegemonia de Gramsci possui também uma peculiaridade no seio desta tradição; ela não tinha apenas por base a sua participação pessoal nos conflitos políticos contemporâneos, mas também uma investigação comparativa da história europeia anterior

---

<sup>119</sup> Entre as passagens chave de Gramsci sobre estas ideias, ver *Prison Notebooks*, pp. 229-39, 52-8, 5-14.

extremamente íntima. Por outras palavras, ela foi o produto do estudo científico de um material empírico, no sentido clássico em que o praticaram os fundadores do materialismo histórico. Tal não aconteceria com qual

105

quer outra inovação temática importante do marxismo ocidental. Todas as outras seriam construções especulativas, no velho sentido filosófico de construir esquemas conceptuais apriorísticos para a compreensão da história, não necessariamente incoerentes perante a evidência empírica mas por esta nunca demonstrados na sua forma de apresentação. De um modo geral, a lacuna destas concepções residiu na falta de qualquer sistema concreto de periodização que as articulasse com categorias históricas claras do tipo das que Gramsci cuidadosamente respeitou. A mais vasta e mais inesperada deste género de teorias foi a ideia da relação entre o homem e a natureza desenvolvida pela Escola de Frankfurt. As suas origens remontam à filosofia de Schelling, que, a meio da sua carreira, tinha adoptado uma metafísica contra-evolucionista, na qual se via toda a história

como uma regressão de um estado mais alto a um estado inferior de «natureza decaída», após uma «retracção» da divindade que abandonara o mundo, e anterior a uma eventual «ressurreição» da natureza mediante a reunificação da deidade e do universo (<sup>120</sup>). Adorno e Horkheimer adaptaram esta doutrina místico-religiosa e transformaram-na numa «dialéctica do iluminismo» secular. A visão marxista clássica da evolução da história, desde as comunidades primitivas até ao capitalismo, sublinhara o crescente controle do homem sobre a natureza decorrente do desenvolvimento das forças produtivas como uma emancipação progressiva da sociedade humana em relação à tirania da necessidade natural (Naturnotwendigkeit); através da divisão social do trabalho as sucessivas classes exploradoras

---

<sup>120</sup> Schelling: «Será que tudo não anuncia uma decadência da vida? Será que estas montanhas cresceram até serem o que agora são? Será que o sol que nos mantém a vida se levantou até ao seu nível actual, ou se rebaixou a ele?... Oh, as verdadeiras ruínas não são os vestígios de uma magnificência humana primitiva, que o viajante curioso vai visitar às áridas terras da Pérsia ou aos desertos da Índia. Toda a terra é uma enorme ruína, habitada pelos seus animais como por fantasmas, pelos seus homens como por espíritos, e onde muitas forças e tesouros poderosos são guardados, escondidos como por poderes invisíveis ou mágicos sortilégios». Werke, IV Erg. Bd., Munique 1927, p. 135.

confiscaram os frutos desta libertação, mas com o advento do comunismo

106

estes últimos seriam reapropriados pelos próprios produtores, criando-se por fim uma sociedade de abundância generalizada que, ao atingir o domínio final sobre a natureza, provaria ser o «reino da liberdade». Adorno e Horkheimer converteram esta concepção afirmativa numa outra radicalmente interrogativa, senão mesmo negativa. Para eles, a ruptura original do homem com a natureza, e o processo subsequente do seu ascendente cada vez maior sobre ela, não trouxe necessariamente qualquer progresso à emancipação humana. O preço da dominação da natureza, de que o próprio homem era parte inseparável, foi uma divisão social e psíquica do trabalho que infligiu ao homem uma opressão ainda mais grave, embora criasse um potencial de libertação cada vez maior. A subordinação da natureza procedeu pari passu com a consolidação das classes, e daqui com a subordinação da maioria dos homens a uma ordem social que lhes é imposta como uma implacável segunda natureza. O desenvolvimento da

tecnologia até hoje apenas aperfeiçoou os mecanismos da tirania.

Ao mesmo tempo, a estrutura da razão como pressuposto da civilização erguia-se sobre a repressão da natureza no próprio homem, criando a divisão psicológica entre o Eu e o Id, o que tornou possível o controle racional dos impulsos espontâneos. O aperfeiçoamento instrumental da razão na lógica e na ciência reduziu firmemente o mundo natural exterior ao homem a meros objectos quantificados de manipulação, e a divisão entre as coisas e os conceitos cognitivos a uma mera identidade operacional. O regresso do que havia sido reprimido, consequência fatal desta supressão da natureza, acabou por tomar com o Iluminismo uma forma filosófica em que, invertendo-se os termos, se identificou a própria Natureza com a Razão, vindo por fim a assumir uma forma política no fascismo, altura em que a barbárie ajustou contas com a civilização que a havia secretamente preservado, numa vingança selvagem da natureza sobre a razão (<sup>121</sup>). Também o

---

<sup>121</sup> Adorno e Horkheimer, *Dialectic of Enlightenment*, Londres 1973, principalmente pp. 81-119, 168-208.

aperfeiçoamento da tecnologia industrial culminaria na possibilidade de auto-destruição planetária; todos os seus artefactos estavam sujeitos à destruição por uma explosão ou pela polui

107

ção dos elementos naturais. Uma sociedade livre cessaria assim de prosseguir toda e qualquer investigação presunçosa e passa, ria a ter como desiderato histórico, não a dominação da natureza, mas a reconciliação com ela. Isto significaria o abandono da tentativa cruel e desesperada de impor uma identidade entre o homem e a natureza, pela subjugação da segunda ao primeiro, e o reconhecimento tanto da distinção como da relação entre os dois – por outras palavras, da sua vulnerável afinidade (<sup>122</sup>). A «queda» da natureza acabaria então por ser resgatada tanto sem os homens como no interior deles: mas a sua não-identidade recíproca continuaria a impedir qualquer harmonia isenta de contradições entre eles.

---

<sup>122</sup> Minima Moralia, pp. 155-7; Negative Dialectic, pp. 6, 191-2, 270.

Esta temática básica foi comum a toda a Escola de Frankfurt. Contudo, Marcuse deu-lhe uma inflexão especial. Na sua obra, tanto a natureza como a sociedade assumem uma referência mais precisa e programática. Para Marcuse, no seguimento directo de Freud, a natureza instintiva do homem era essencialmente a libido sexual-Eros. Sobrepondo-se à repressão original necessária ao homem primitivo para combater a penúria e alcançar a civilização, que Freud postulara, a estrutura da sociedade de classes gerou sucessivas formas históricas de «sobre-repressão» derivadas da desigualdade e da dominação. A riqueza tecnológica do capitalismo avançado, contudo, teria acabado por tornar possível o fim da sobre-repressão, pela inauguração de um socialismo de abundância (<sup>123</sup>). Desta maneira, o princípio do prazer conjugado com o princípio simétrico da recusa da dor (a que Freud chamara Thanatos) poderia por fim harmonizar-se com o princípio da realidade do mundo exterior, uma vez que os contrangimentos do trabalho alienado haviam sido abolidos. A emancipação humana e natural iriam então coincidir na libertação erótica. Tal não significaria apenas uma

---

<sup>123</sup> Eros and Civilization, pp. 35-7, 151-3.

libertação polimórfica da sexualidade, mas também a difusão dos investimentos libidinais nas relações de trabalho e nas próprias relações sociais – o que conferiria a toda a prática de uma existência pacificada as qualidades sensuais de um jogo estético. Neste mundo órfico

108

para lá do «princípio do lucro» do capitalismo, a sublimação deixaria de ser repressiva; a retribuição erótica [erotic gratification, no original: prémio que a Natureza dá ao homem na sua satisfação sexual pelo acto social e reprodutor, segundo Freud. Aqui deslocado para fora da órbita sexual no sentido tradicional. (N. T.)] fluiria livremente por toda a vida social; o homem e a natureza estariam por fim sintonizados numa unidade harmoniosa entre sujeito e objecto (<sup>124</sup>). Esta afirmação distingue vigorosamente Marcuse de Adorno, cujo trabalho não incorpora qualquer solução deste género. Contudo, para Marcuse, a actual evolução da história impedia aquele fim possível: o capitalismo contemporâneo realizava

---

<sup>124</sup> Eros and Civilization, pp. 164-7, 194-5, 200-8, 116.

precisamente o inverso de uma verdadeira libertação libidinal – a «de-sublimação repressiva» de uma sexualidade comercializada e pseudo-permissiva, barrando e destruindo qualquer rebelião dos impulsos eróticos a um nível mais profundo. Destino idêntico havia tido a arte, outrora crítica e agora incorporada e neutralizada numa cultura venerada pela realidade estável. A tecnologia, por seu lado, tinha cessado de possuir a possibilidade oculta de uma sociedade alternativa: o próprio avanço das forças produtivas modernas tinha-se tornado uma involução, perpetuando as relações de produção existentes. A abundância que tinham criado limitava-se agora a permitir que o capitalismo integrasse o proletariado numa ordem social monolítica de opressão e de conformismo, em que perdeu toda a consciência de si próprio como classe explorada e distinta (<sup>125</sup>). Assim, a democracia era agora o processo normal de dominação, a tolerância um suave meio de manipulação no qual as massas-privadas de qualquer dimensão de consciência negativa – elegendam mecanicamente os próprios chefes que as dominam.

---

<sup>125</sup> One-Dimensional Man, 60-78, XVI, 19-52.

Paradoxalmente, a utilização de Freud como instrumento central para desenvolver uma nova perspectiva teórica no marxismo, que é evidente na obra de Marcuse, caracterizaria também a de Althusser. Contudo, neste caso, os conceitos psicanalíticos escolhidos e transformados foram muito diferentes. Enquanto Marcuse adaptou a metapsicologia de Freud

109

para formular uma nova teoria do instinto, Althusser tomou de Freud o conceito de inconsciente para construir uma nova teoria da ideologia. A ruptura radical de Althusser com as concepções do materialismo histórico reside na sua afirmação peremptória de que «a ideologia não tem história», porque é, tal como o inconsciente, «imutável» na sua estrutura e na maneira de operar nas sociedades humanas (<sup>126</sup>). Esta afirmação baseia-se, por analogia, na autoridade da obra de Freud, para quem o inconsciente era «eterno». Para Althusser, a ideologia era um conjunto de representações místicas ou

---

<sup>126</sup> Freud and Lacan, em *Lenin and Philosophy*, op. cit., pp. 151-2.

ilusórias da realidade, que exprimiam a relação imaginária entre os homens e as suas condições reais de existência, e era inerente à sua experiência imediata: como tal, era um sistema inconsciente de determinação, mais do que uma forma de consciência como actualmente é concebida. A permanência da ideologia como um perpétuo meio de engano era, por seu lado, consequência necessária da sua função social, que consistia em ligar os homens à sociedade por meio da sua adaptação às posições objectivas que o modo de produção dominante lhes atribuía. Assim, a ideologia era o cimento indispensável de coesão social, em todos os períodos da história. Para Althusser, a razão porque a ideologia era inelutável como conjunto de falsas crenças e representações residia no facto de todas as estruturas sociais serem por definição opacas para os indivíduos que ocupavam postos no seu interior (<sup>127</sup>). Na realidade, a

---

<sup>127</sup> Ver em particular, &Théorie, Pratique Théorique et Formation théorique. Idéologie et lutte idéologique, Abril 1965. Até ao momento, este texto só é acessível em forma de livro na sua tradução espanhola: La Filosofía como Arma de la Revolución, Córdoba 1968, pp. 21-73. As suas teses são inequívocas: «Numa sociedade sem classes, tal como numa sociedade de classes, a filosofia tem por função estreitar os laços entre os homens no conjunto das formas da sua existência, sendo a relação dos indivíduos com as suas tarefas

estrutura formal de toda e qualquer ideologia era uma inversão constante desta relação real entre as formações sociais e os indivíduos a ela pertencentes: porque o mecanismo-chave de toda e qualquer ideologia foi sempre o de construir indiví-

110

duos como «sujeitos» imaginários –centros de livre iniciativa-da sociedade, bem como o de garantir a sua sujeição à ordem social, ou como seus pilares cegos ou como suas vítimas. A este respeito, a religião em geral (a «ligação» do homem a Deus), e o cristianismo em particular, constituíram sempre o arquétipo modelo dos efeitos de todas as ideologias – instilar a ilusão da liberdade para melhor assegurar os efeitos da necessidade. Spinoza tinha fornecido um tratamento completo desta operação característica da

---

estabelecida pela estrutura social (...) a deformação da ideologia é social mente necessária como função da própria natureza do conjunto social: mais precisamente, como função da sua determinação pela sua estrutura, que torna este conjunto social opaco aos indivíduos que ocupam um lugar determinado por esta estrutura. A representação do mundo necessária à coesão social é necessariamente mítica, devido à opacidade da estrutura social. (pp. 54-5).

ideologia, e precisamente no que respeita à religião mais cedo e de uma forma mais cabal do que Marx. Mas a natureza inconsciente da ideologia poderia hoje estar relacionada e articulada com o conceito científico (de Freud) de inconsciente psíquico, ele próprio «criado» pelas formas de ideologia peculiares à família como estrutura objectiva (<sup>128</sup>). Finalmente, o estatuto turas-histórico da ideologia como mediação inconsciente da experiência vivida significava que, mesmo numa sociedade sem classes, o seu sistema de erros e de ilusões sobreviveria para conferir à estrutura do próprio comunismo uma coesão vital. Também esta estrutura será invisível e impermeável aos indivíduos no seu interior (<sup>129</sup>). A ciência do marxismo nunca coincidirá com as ideias e com as crenças vividas pelas massas sob o comunismo.

As conclusões do trabalho de Sartre têm certas semelhanças curiosas e ocultas com as de Althusser. Mas o tema que define o sistema de Sartre, que o distingue de qualquer outro, é estabelecido pela categoria de «escassez». O termo propriamente dito

---

<sup>128</sup> Freud and Lacan», loc. cit., pp. 160-5.

<sup>129</sup> Pour Marx, pp. 238 e ss.; La Filosofía cano Arma de la Revolución, p. 55.

foi cunhado durante o Iluminismo pelo filósofo italiano Galiani, que foi o primeiro a formular o valor como razão entre a utilidade e a escassez (raridade) em qualquer

111

sistema económico (<sup>130</sup>); esta noção técnica passou de forma marginal para Ricardo, sendo completamente ignorada por Marx, e acabou por reaparecer como categoria fulcral na economia neo-clássica que após ele se desenvolveu. Contudo, a utilização que Sartre deu ao termo quase nada teve de comum com a de Galiani. Este último pensava que a condição original do género humano era a abundância: que os objectos

---

<sup>130</sup> Fernando Galiani, Dalla Moneta, Milão 1963: «Portanto, o valor é uma relação, e esta relação compõe-se de duas outras, expressas pelas normas de utilidade e de escassez» (p. 39). Esta sua utilização do termo foi seguidamente adoptada por Condillac. Para Ricardo: «Sendo úteis, as mercadorias vão buscar a duas origens o seu valor de troca: à sua escassez e à quantidade de trabalho necessário para as obter» (The Principles of Political Economy and Taxation, Londres 1971, p. 56). Contudo, na prática, Ricardo, na sua teoria do valor, ignorou, em grande parte, o factor escassez, pois não o considerava válido senão para categorias muito reduzidas de bens de luxo (estátuas, pinturas, vinhos).

mais úteis eram também os mais abundantes na natureza (<sup>131</sup>). Marx foi ainda mais ambíguo nas suas alusões a esta questão. Mas, embora uma vez por outra sugerisse que houvera um estado primitivo de escassez (<sup>132</sup>), subentendeu geralmente uma profusão original da natureza relativamente às restritas necessidades humanas anteriores ao advento da civilização (<sup>133</sup>). Além disso, a sua

---

<sup>131</sup> «Pacto maravilhoso da Providência, este mundo está de tal maneira constituído que os bens úteis, de maneira geral, nunca são raros (...). Aquilo de que necessitamos para sobreviver é-nos dado com uma tal profusão, em toda a Terra, que estes bens têm pouco ou nenhum valor» (Dalla Moneta, p. 47).

<sup>132</sup> Em A Ideologia Alemã, Marx escreveu que «o desenvolvimento das forças produtivas é uma premissa prática absolutamente necessária [do comunismo], porque sem ela a escassez simplesmente se generaliza (num der Mangel verallgemeinert) e com a indigência (Notdurft) recomeçaria a luta pelo necessário e, por consequência, todo o antigo caos se reproduziria». Ver Werke, volume III, pp. 34-5. Esta passagem seria retomada por Trotsky na sua análise sobre as razões do aparecimento do estalinismo na Rússia, que fez da escassez (nuzhda) uma categoria central da sua análise: ver The Revolution Betrayed, Nova Iorque 1965, pp. 56-60.

<sup>133</sup> E talvez nos Grundrisse que se encontra a passagem mais representativa: «Originalmente, os dons da natureza são abundantes, e basta apropriá-los. Desde as origens, a associação naturalmente cons tituída (família) e a divisão do trabalho e cooperação

teoria do valor não continha qualquer referência à escassez, contrariamente à utilização que Ricardo fez dela. Em contrapartida, para Sartre, a escassez era «a relação fundamental» e a «condição de possibilidade» da história humana, e constituía tanto o ponto de partida como o «motor passivo» de todo o desenvolvimento histórico. Não teria existido qualquer unidade original entre o homem e a natureza: pelo contrário, o próprio facto de a escassez existir definia a natureza como a «negação do homem» desde o princípio e a história como uma anti-natureza. A luta contra a escassez originou a divisão do trabalho e assim a luta entre as classes: dessa forma, o homem tornou-se a negação do homem. A violência, a opressão incessante e a exploração em todas as sociedades conhecidas representam por isso a

---

correspondem-lhe. Pois as próprias necessidades são limitadas no início». Grundrisse, Londres 1973, p. 612. Ao mesmo tempo, obviamente, tanto para Marx como para Engels, o «reino da liberdade» era definido pela sua superabundância material para além do «reino da necessidade», que governava tanto as sociedades sem classes como as sociedades de classes.

interiorização da escassez (<sup>134</sup>). O rígido domínio do mundo natural sobre os homens, e o antagonismo dos esforços destes para o transformar com o objectivo de preservarem as suas vidas, dão geralmente origem a colectividades seriais – conjuntos inumanos nos quais cada membro se encontra alienado em relação aos demais e a si próprio, e onde os objectivos de todos são confiscados no resultado geral das suas acções. Tal serialidade tem constituído sempre a forma de coexistência social predominante em todos os modos de produção até hoje. A sua antítese formal é o «grupo fundido», em que todos os homens pertencem a todos, unidos num empreendimento fraternal para alcançar um intento comum, dentro e contra uma situação de escassez. O exemplo supremo de um grupo fundido é um movimento de massas no instante

---

<sup>134</sup> Critique de la Raison Dialectique, pp. 200-24. A analogia feita frequentemente entre Sartre e Hobbes não tem fundamento. Para Hobbes, como para Galiani, a natureza assegurava originalmente a abundância ao homem, que tinha pouco mais a fazer do que recebê-la como os frutos da terra; ver Leviathan, XXIV, Londres 1968, pp. 294-95.

apocalíptico de um levantamento revolucionário coroado de êxito (<sup>135</sup>). Mas para preservar a sua própria sobrevivência e prosseguir um combate desigual num mundo feito de violência e de necessidades, tal grupo necessita, por um lado, de se dotar duma inércia organizativa e duma especialização funcional e, por outro, é obrigado a perder a sua fraternidade e o seu dinamismo para se tornar num grupo «institucional». Passa a estar votado à petrificação e à dispersão: o passo seguinte é transferir a unidade do grupo para uma autoridade «soberana» acima dele, alcançar uma estabilidade vertical. O Estado é a encarnação final de tal soberania e a sua estrutura invariável é a de um cume restrito e autoritário que manipula as séries dispersas situadas na base, por meio de uma hierarquia burocrática e de um terror repressivo. Com a sua consolidação, o grupo activo que o criou originalmente degrada-se de novo numa passividade serializada (<sup>136</sup>). Se, para Sartre, os grupos e as séries constituem os «elementos formais de toda e qualquer história», a história real estabelece o mapa das complexas combinações mútuas destas formas ou das suas conversões umas

---

<sup>135</sup> Critique de la Raison Dialectique, pp. 306-19, 384-96. 34

<sup>136</sup> Ibid., pp. 573-94, 608-14

nas outras. Contudo, as próprias classes nunca constituem grupos fundidos na sua totalidade: são sempre uma amálgama instável de aparelhos, grupos e séries – em que predominam normalmente estas últimas. Assim, a noção marxista clássica de «ditadura do proletariado» era uma contradição nos termos, um compromisso bastardo entre a soberania activa e a serialidade passiva (<sup>137</sup>). Nenhuma classe como tal pode coincidir com um Estado: o poder político não pode ser exercido pela totalidade da classe operária, e o Estado nunca é uma expressão sequer da maioria. A burocratização e a repressão de todos os Estados pós-revolucionários gerados pela história estão assim ligados à própria natureza e à própria condição do proletariado como corpo social, enquanto existirem a escassez e as divisões de classe. Na nossa época, a burocracia é sempre a contrapartida inelutável do socialismo e será sempre sua adversária.

114

Ver-se-á mais à frente que as sucessivas inovações de temas importantes no seio do marxismo ocidental, a

---

<sup>137</sup> Ibid., pp. 644, 629-30.

que acabamos de nos referir, reflectem ou antecipam problemas reais e fulcrais que a história colocou ao movimento socialista durante a metade de século a seguir à Primeira Guerra Mundial. O interesse absorvente de Gramsci pelo problema da hegemonia prefigurou a estabilização consensual do Estado capitalista no Ocidente, duas décadas depois de ter surgido como fenómeno duradouro e geral. Muitas das preocupações de Adorno com a natureza, que na altura pareciam um desfasamento perverso relativamente à orientação dos trabalhos da Escola de Frankfurt, reapareceram subitamente nos amplos debates posteriores sobre a ecologia no interior dos países imperialistas. As análises de Marcuse sobre a sexualidade pressagiaram o desabamento das coacções institucionais impostas ao erotismo e à sensibilidade, características de uma grande parte da cultura burguesa após 1965. A incursão principal de Althusser sobre a ideologia foi directamente inspirada pela vaga de revoltas no interior do sistema de educação superior do mundo capitalista avançado, no mesmo período. O tratamento do problema da escassez por Sartre esquematizou a cristalização universal da burocracia após todas as revoluções socialistas levadas a cabo nos países atrasados, ao

passo que a sua dialéctica das séries e dos grupos esboçava muito da evolução formal do primeiro levantamento de massas nos países desenvolvidos após a Segunda Guerra Mundial (1968 em França). O valor ou a adequação relativos das soluções dadas por cada sistema aos problemas sob a sua esfera não é nossa preocupação aqui. É mais a orientação colectiva das inovações teóricas peculiares ao marxismo ocidental que há que deduzir e sublinhar.

Com efeito, por mais heteróclitas que sejam, elas compartilham um emblema fundamental: um pessimismo comum e latente. Todas as principais inovações ou desenvolvimentos no seio desta tradição se distinguem da herança clássica do materialismo histórico pela falta de clareza dos seus corolários ou das suas conclusões. A este respeito, entre 1920 e 1960 o marxismo mudou lentamente de cores no Ocidente. A con-

fiança, o optimismo dos fundadores do materialismo histórico e dos seus sucessores desapareceu

progressivamente. Quase todos os principais temas novos da história intelectual desta época revelam a mesma diminuição da esperança e a mesma perda de certezas. O legado histórico de Gramsci dava-nos a perspectiva de uma longa guerra de atritos contra uma estrutura do poder capitalista imensamente mais forte, e muito menos vulnerável ao colapso económico do que o que haviam previsto os seus predecessores- uma luta sem qualquer luz no fim do túnel por que pudesse orientar-se e sem qualquer saída visível. Com a sua própria vida inexoravelmente ligada ao destino político da classe operária do seu tempo e do seu país, o temperamento revolucionário de Gramsci exprimiu-se com concisão na máxima: «pessimismo do intelecto, optimismo da vontade»; uma vez mais, só ele percebeu e dominou conscientemente o que iria constituir a característica de um novo e inesperado marxismo. À melancolia que impregna toda a obra da Escola de Frankfurt falta qualquer nota de força activa que se lhe possa comparar. Adorno e Horkheimer puseram em causa a própria ideia do domínio final do homem sobre a natureza como reino da –salvação para lá do capitalismo. Marcuse só evocou a potencialidade utópica da libertação da natureza como reino da salvação para lá do capitalismo. dência

objectiva real, e para concluir que a própria classe operária estava, talvez para sempre, absorvida pelo capitalismo. O pessimismo de Althusser e de Sartre teve um outro horizonte, mas não menos grave que o anterior – a própria estrutura do socialismo. Althusser afirmou que até o comunismo permaneceria opaco como ordem social para os indivíduos que nele vivessem, enganando-os com a perpétua ilusão de serem livres como sujeitos. Sartre rejeitou a própria ideia da ditadura do proletariado como impossível, e interpretou a burocratização das revoluções socialistas como produto inelutável de uma escassez cujo termo permanecia inconcebível neste século.

Estas teses substantivas específicas conjugaram-se com acentos e cadências gerais perfeitamente invulgares na história anterior do movimento socialista. Estas eram também, na sua forma menos directa, sinais inconfundíveis da alteração profunda

da ambiência histórica que passou a envolver o marxismo no Ocidente. Nenhum pensador anterior da

tradição do materialismo histórico poderia ter escrito com o mesmo tom e imagens que Adorno ou Sartre, Althusser ou Gramsci, iriam utilizar. Foi Benjamin quem melhor exprimiu a constante percepção da história pela Escola de Frankfurt, numa linguagem que teria sido quase incompreensível para Marx ou para Engels: «Eis como retratamos o anjo da história. A sua face está virada para o passado. Onde nós percebemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma única catástrofe que mais não faz do que empilhar naufrágio sobre naufrágio e os atira para diante dos pés. O anjo gostaria de permanecer nesse lugar, de acordar os mortos e reconstruir o que foi destruído. Mas uma tempestade sopra do Paraíso: tomou as suas asas com tal violência que o anjo não as pode já fechar. Esta tempestade impele-o irresistivelmente para o futuro, para o qual as suas costas estão voltadas, enquanto o amontoado de escombros que se lhe depara cresce em direcção ao céu. Esta tempestade é aquilo a que chamamos progresso». Benjamin costumava também escrever, sobre a história da luta de classes, o seguinte: «Nem mesmo os mortos estarão protegidos do inimigo se

este ganhar; e este inimigo nunca deixou de sair vitorioso» (138). Entretanto Gramsci, na prisão e na derrota, resumia, com um estoicismo desesperado, a vocação de um socialista revolucionário na época: «Algo se modificou no fundamental. Isto é evidente. O que foi, então? Anteriormente, todos queriam agarrar no arado da história, desempenhar um papel activo. Ninguém desejava ser o ‘adubo’ da história. Mas será possível arar sem primeiro adubar a terra? Assim, tanto o lavrador como o adubo são necessários. No abstracto, todos admitiam isso. Mas na prática? Adubo por adubo, mais valeria voltar para trás, regressar à sombra, à obscuridade. Agora algo mudou, pois apareceram os que se adaptam ‘filosoficamente’ para se tornarem ‘adubo’, que sabem que é isso que devem ser (...). Não se pode sequer escolher entre viver um dia como um leão, ou cem anos como

117

um carneiro. Não se vive como um leão nem por um minuto, longe disso: vive-se como algo muito inferior

---

<sup>138</sup> Illuminations, pp. 259-60, 257.

a um carneiro, durante anos e anos e sabe-se que se tem de viver dessa maneira» (<sup>139</sup>).

Benjamin e Gramsci foram vítimas do fascismo. Mas também na época do pós-guerra a característica marcante do marxismo ocidental, muitas vezes, não foi menos sombria. Talvez o mais poderoso de todos os ensaios de Althusser, por exemplo, possa descrever com uma feroz violência o desenvolvimento social desde o nascimento à infância, desenvolvimento esse que está na origem do surgimento do inconsciente como uma provação pela qual «todos os adultos passaram: eles são testemunhas que jamais esquecerão; muitas vezes, as vítimas desta vitória, suportando-a nas suas mais profundas entranhas, j.e. no que nelas há de mais clamoroso, as feridas, as fraquezas e as obstinações que resultam desta luta humana de vida ou de morte. Alguns, a maioria, saem dela mais ou menos indemnes-ou, pelo menos, assim o fazem crer. Muitos destes veteranos aguentam as marcas durante toda a vida; alguns morrerão devido à luta e, embora em algum recesso, as velhas feridas, reabrindo-se subitamente numa explosão psicótica, na

---

<sup>139</sup> Prison Notebooks, p. XCIII.

loucura, serão a compulsão última de uma ‘reacção terapêutica negativa’; outros, mais numerosos, tão ‘normalmente’ como quiserem, através de uma decadência orgânica. A humanidade apenas inscreve nos seus memoriais de combate os mortos oficiais: os que foram capazes de morrer no tempo exacto, i.e. tarde, como homens, nas guerras humanas em que apenas os lobos e os deuses humanos se dilaceraram e se sacrificam uns aos outros» (<sup>140</sup>). Também Sartre utilizaria outra metáfora violenta para descrever as relações entre os homens num universo de escassez: «Na reciprocidade modificada pela penúria, o nosso homem aparece-nos como o contra-homem, na medida em que este mesmo homem surge como radicalmente outro, quer dizer, como portador de uma ameaça de morte para nós. Por outras palavras, nós compreendemos perfeitamente os seus fins (são os nossos), os seus meios (também os compartilha-

118

mos), a estrutura dialéctica dos seus actos; mas nós compreendemo-los como se se tratasse das

---

<sup>140</sup> Freud and Lacan», loc. cit., pp. 189-90.

características de uma outra espécie, o nosso duplo demoníaco. Com efeito, nenhum ser –nem as grandes feras nem os micróbios – é tão mortal para o homem como o é uma espécie inteligente, carnívora e cruel, capaz de compreender e iludir a inteligência humana, e cujo fim é precisamente a destruição do homem. É evidente que esta espécie é a nossa própria espécie, que cada homem incarna em relação aos outros no ambiente de escassez» (<sup>141</sup>). Passagens como esta fazem parte de uma literatura fundamentalmente estranha ao mundo de Marx, de Labriola ou de Lenine e traem um pessimismo subjacente, para lá das intenções ou das teses declaradas dos seus autores (<sup>142</sup>), nenhum dos quais renunciou ao optimismo da vontade na luta

---

<sup>141</sup> Critique de la Raison Dialectique, p. 208.

<sup>142</sup> É necessário dizer aqui algumas palavras sobre os escritos de Sebastiano Timpanaro, a que fizemos alusão mais acima. Os trabalhos de Timpanaro contêm a mais coerente e eloquente recusa daquilo a que ele próprio chama o «marxismo ocidental» formulado depois da Guerra. É por isso mais surpreendente que, num certo número de aspectos importantes, os seus próprios trabalhos sejam conformes, apesar dele, ao esquema que definimos mais acima. E isto devido ao facto de os trabalhos de Timpanaro serem também essencialmente filosóficos – e não políticos ou económicos. Para

---

mais, também ele faz menção a um antepassado intelectual de Marx, através do qual o marxismo é então substancialmente reinterpretado. No seu caso, o predecessor principal é o poeta Giacomo Leopardi, cuja forma peculiar de materialismo está destinada a ser um complemento salutar e necessário ao materialismo de Marx e de Engels, devido à consciência inflexível que aquele possuía sobre os limites intransponíveis-de Tragilidade e mortalidade- impostos ao homem por uma natureza hostil. O tema mais original dos trabalhos de Timpanaro é, portanto, a inevitabilidade da vitória última, não do homem sobre a história, mas da natureza sobre o homem. Assim, o seu pensamento é, provavelmente, mais definitivamente pessimista, portador de uma tristeza clássica, do que o de todos os outros pensadores socialistas deste século. Por todas estas características, Timpanaro pode ser considerado como fazendo parte, paradoxalmente, mas sem erro possível, da tradição do marxismo ocidental que ele se opõe. Poder-se-ia defender que a importância que teve na sua formação a filologia antiga-disciplina inteiramente dominada pela erudição não-marxista, de Wilamowitz a Pasquali – corresponde igualmente ao esquema esboçado neste ensaio. Dito isto, deve-se também sublinhar que outros aspectos dos trabalhos de Timpanaro estão em contradição directa e manifesta com as normas do marxismo ocidental. As diferenças residem no facto de a filosofia de Timpanaro nunca se ter principalmente reduzido a um interesse particular pela epistemologia; pelo contrário, ele tentou desenvolver uma visão concreta do mundo através de uma fidelidade crítica à herança de Engels; a sua utilização de Leopardi nunca repousou no facto de Marx poder ter sido influenciado pelo poeta ou poder tê-lo conhecido, ou na possível homogeneidade dos dois sistemas de pensamento – Leopardi foi apresentado como fornecendo algo que faltava, e não como algo escondido, em Marx; e o seu pessimismo está claramente expresso e conscientemente exposto e defendido

contra o fascismo ou contra o capitalismo. Através deles, o marxismo enunciou pensamentos outrora inconcebíveis para o socialismo.

Podemos agora resumir o conjunto das características que circunscreve o marxismo ocidental como tradição distinta. Nascido do malogro das revoluções proletárias nas zonas desenvolvidas do capitalismo europeu após a Primeira Guerra Mundial, ele desenvolveu-se no meio de uma crescente cisão entre a teoria socialista e a prática da classe operária. O abismo entre ambas, que começou a ser cavado pelo bloqueio imperialista ao Estado Soviético, veio a ser ampliado e consumado institucionalmente pela burocratização da URSS e do Comintern, durante o tempo de Estaline. Para os expoentes do novo

---

como tal. Por fim, pode dizer-se que estas características se fazem acompanhar de um muito maior grau de liberdade em relação ao campo de forças do comunismo oficial do que o de qualquer outra individualidade do marxismo ocidental. Timpanaro, nascido em 1923, nunca foi, caso único, nem militante do partido comunista nem um intelectual gravitando à sua volta, mas militou noutros partidos operários, nomeadamente na ala esquerda do Partido Socialista Italiano (PSI), e em seguida no PSIUP.

marxismo surgido no Ocidente, o movimento comunista oficial representava a única incarnação real da classe operária internacional que para eles tinha algum significado –quer a ele tenham aderido, quer se lhe tenham aliado, quer o rejeitassem. O divórcio estrutural entre a teoria e a prática inerente à natureza dos partidos comunistas desta época impediu a consecução de um trabalho político-intelectual de conjunto do tipo do que definiu o marxismo clássico. Em con-

120

sequência disso, os teóricos refugiaram-se nas universidades, afastando-se da vida do proletariado dos seus próprios países, e a teoria abandonou a economia e a política pela filosofia. Esta especialização conjugou-se com uma linguagem cada vez mais difícil, cujas barreiras técnicas eram função da sua distância das massas. Inversamente, ela conjugou-se também com um abaixamento do nível de conhecimento mútuo ou de comunicação internacional entre os próprios teóricos de diversos países. Por outro lado, a perda de todo e qualquer contacto dinâmico com a prática da classe operária

deslocou a teoria marxista para os sistemas não-marxistas e idealistas de pensamento, tendo a primeira passado a desenvolver-se correntemente numa simbiose estreita, se bem que contraditória, com os últimos. Simultaneamente, o facto de os teóricos terem concentrado a sua atenção na filosofia profissional, conjugado com a descoberta dos primeiros escritos de Marx, conduziu a uma busca retrospectiva geral dos antepassados intelectuais do marxismo no anterior pensamento filosófico europeu e a uma reinterpretação do próprio materialismo histórico à luz desses mesmos antepassados. Este tipo de actuação teve um triplo resultado. Em primeiro lugar, assistiu-se a uma predominância notável do trabalho epistemológico, centrado essencialmente sobre os problemas do método. Em segundo lugar, o principal domínio concreto a que se aplicou o método foi a estética, ou, num sentido mais lato, as superestruturas culturais. Por fim, as principais inovações teóricas que se desenvolveram exteriormente a este campo, e que produziram fundamentalmente de uma forma especulativa –novos temas ausentes do marxismo clássico, revelaram um firme pessimismo. O método como impotência, a arte como consolação, o pessimismo como sossego-não é

difícil discernir certos elementos de tudo isto na configuração do marxismo ocidental. Aquilo que determinou esta tradição foi o se ter formado na derrota –as longas décadas de recuo e de estagnação, muitas delas realmente terríveis seja qual for a perspectiva histórica que se adopte, suportadas pela classe operária após 1920.

Mas também não podemos reduzir a tradição, como um todo, a este panorama. Apesar de tudo, os seus principais

121

teóricos mantiveram-se imunes ao reformismo (<sup>143</sup>). Apesar de se encontrarem tão apartados das massas, nenhum capitulou ao capitalismo triunfante como antes deles fizeram alguns teóricos da Segunda Internacional (caso de Kautsky, muito mais próximo da luta de classes). Para mais, por entre as suas próprias inibições e os seus mutismos, a experiência

---

<sup>143</sup> Horkheimer é o único exemplo de renegado; contudo, intelectualmente, nunca foi, na Escola de Frankfurt, senão um pensador de segundo plano.

histórica de que as suas obras eram expressão foi também, em certos aspectos particulares, a mais avançada do mundo –pois que englobava as mais altas formas de economia capitalista, o proletariado industrial mais antigo, e as mais longas tradições intelectuais do socialismo. Algo da riqueza e da complexidade deste conjunto, assim como da vitória e do fracasso, marcariam inevitavelmente o marxismo que ele produziu ou permitiu –se bem que sempre de formas indirectas e incompletas. Nos terrenos por ele escolhidos, este marxismo alcançou um apuramento maior do que o atingido por qualquer fase anterior do materialismo histórico. Mas perdeu em envergadura o que ganhou em profundidade. Se houve todavia uma radical restrição do feixe de centros de interesse, não houve nenhuma paralisação completa da energia. Hoje em dia, toda a experiência dos últimos cinquenta anos de imperialismo é um aglomerado de factos fundamental e iniludível de que o movimento operário ainda não fez o balanço. O marxismo ocidental constitui uma parte integrante dessa história, e nenhuma nova geração de socialistas revolucionários nos países imperialistas pode ignorar ou tornear esse facto. Assim, o ajuste de contas com esta tradição – aprendendo e rompendo simultaneamente com ela – é

uma das condições de uma renovação da teoria marxista hoje em dia na Europa Ocidental. Este duplo movimento necessário, de reconhecimento e de ruptura, não é, evidentemente, a única tarefa a levar a cabo, pois a própria natureza do seu objecto nos impede esta exclusividade. Com efeito, em última análise, as próprias ligações desta tradição a um meio geográfico particular estiveram também na origem da sua dependência e da sua fraqueza. O marxismo aspira por princípio a ser uma ciência universal – não mais subme

122

tida a meras imputações nacionais ou continentais do que qualquer outro tipo de conhecimento objectivo da realidade. Neste sentido, o termo «ocidental» implica inevitavelmente um juízo limitativo. A falta de universalidade é um sinal de deficiência da verdade. O marxismo ocidental foi menos do que o marxismo, pelo próprio facto de ter sido ocidental. O materialismo histórico só pode exercer todos os seus poderes quando abandonar o bairrismo, seja ele de que tipo for. E ele tem ainda que recuperar esses poderes.



## 5. CONTRASTES E CONCLUSÕES

---

Contudo, é hoje visível o advento de um novo período no movimento operário, que vem pôr termo à longa pausa que separou a teoria da prática. A revolta francesa de Maio de 1968 constitui a este respeito um profundo ponto de viragem histórica. Pela primeira vez em cerca de 50 anos, um levantamento revolucionário de massas ocorreu no interior do capitalismo avançado-em tempo de paz, numa situação de prosperidade imperialista e de democracia burguesa. A arremetida desta explosão ultrapassou o Partido Comunista Francês. Desta forma, começaram a cair pela primeira vez as duas condições fundamentais da não coincidência histórica entre a teoria e a prática na Europa Ocidental. O reaparecimento das massas revolucionárias fora de um controle de um partido burocratizado tomaram mais uma vez potencialmente concebível a unificação entre a teoria marxista e a prática da classe operária. Tal

como ocorreu, a revolta de Maio não foi evidentemente uma revolução, e a principal força do proletariado francês não tinha abandonado o PCF, quer organizativa quer ideologicamente. A distância entre a teoria marxista e a luta de classes estava longe de poder ser abolida de um dia para o outro, em Paris durante os meses de Maio e Junho de 1968; mas estreitou-se ao máximo na Europa desde a derrota da greve geral em Turim, durante a agitação de 1920. Para mais, a revolta em França não ficaria como uma experiência isolada. Nos anos que se seguiram assistiu-se a uma onda internacional cada vez mais ampla de insurreições operárias no mundo

125

imperialista, diferente de tudo o que tinha sucedido dos anos vinte para cá. Em 1969, o proletariado italiano iniciou a maior vaga de greves jamais registada no país; em 1974, a classe operária inglesa lançou a ofensiva laboral mais bem sucedida da sua história, paralisando a economia nacional; em 1973, o movimento operário japonês tomou a ofensiva através do maior ataque ao capital até à data conhecido; em 1974, a economia do mundo capitalista entrou na

maior recessão geral desde a guerra. A possibilidade de restabelecimento de uma relação íntima entre a teoria marxista e a prática das massas, resultante das lutas reais da classe operária industrial, tornava-se muito maior. As consequências de tal unificação entre a teoria e a prática poderão transformar o próprio marxismo-recriando as condições que, no seu tempo, estiveram na origem dos fundadores do materialismo histórico.

Entretanto, a série de levantamentos iniciados pela revolta de Maio teve um outro importante impacto nas perspectivas contemporâneas do materialismo histórico na zona do capitalismo avançado. O marxismo ocidental, de Lukács e Korsch a Gramsci e Althusser, ocupou a muitos títulos a vanguarda da cena em toda a história intelectual da esquerda europeia, após a vitória de Estaline na União Soviética. Mas, em todo este período, uma outra tradição de carácter inteiramente diferente subsistiu e desenvolveu-se «fora-da-cena» para ganhar, pela primeira vez, uma audiência política mais ampla durante e após os acontecimentos tempestuosos em França: trata-se da teoria e do legado de Trotsky. Como vimos, o marxismo ocidental sofreu uma

constante atracção magnética por parte do comunismo oficial, enquanto única encarnação histórica do proletariado internacional como classe revolucionária. Nunca aceitou completamente o estalinismo, embora também nunca o tenha combatido activamente. Mas fosse qual fosse o tipo de atitude que os sucessivos pensadores adoptaram em relação àquele, para todos eles não existia outra realidade nem qualquer outro meio efectivo de acção socialista fora da sua esfera. Foi todo um universo político que os separou do trabalho de Trotsky. A vida de Trotsky desde a morte de Lenine foi consagrada a uma luta prática e teórica para libertar o

126

movimento operário internacional da dominação burocrática, de forma a que pudesse retomar uma luta vitoriosa pelo derrube do capitalismo à escala mundial. Derrotado no conflito interno do PCUS nos anos vinte, e exilado da URSS como ameaça destacada ao regime simbolizado por Estaline, Trotsky iniciou no exílio o seu mais duradouro

desenvolvimento da teoria marxista (<sup>144</sup>). A sua nova obra tomou como origem a matriz do tremendo levantamento de massas que foi a Revolução de Outubro. Mas o trotskismo como ciência tem um nascimento tardio: é em grande medida posterior à Revolução, quando já desaparecera a experiência que a tinha tornado possível. Assim, a primeira mais importante produção de Trotsky no exílio foi-exemplo único para um teórico marxista da sua envergadura-um trabalho de história concreta. A sua História da Revolução Russa (1930) continua a ser hoje em dia, sob muitos pontos de vista, o exemplo mais magistral da literatura histórica marxista; e o único em que o talento e a paixão de um historiador se somam à acção e à memória de um dirigente e de um organizador político, numa grandiosa reconstrução do passado. A realização seguinte de Trotsky foi, de certa forma, ainda mais importante. isolado numa ilha turca, ele escreveu, a certa distância dos acontecimentos, uma sequência de textos sobre a ascensão do nazismo na Alemanha que, como estudos concretos de uma conjuntura política, são de uma qualidade sem par no conjunto do materialismo histórico. Neste campo, o

---

<sup>144</sup> Naturalmente, ele tinha tido as suas origens proféticas em Results and Prospects, redigido bem antes da Revolução de Outubro.

próprio Lenine nunca produziu qualquer trabalho de profundidade e complexidade comparáveis. Com efeito, os escritos de Trotsky sobre o fascismo alemão constituem a primeira análise marxista real de um Estado capitalista do século vinte – o estabelecimento da ditadura nazi (<sup>145</sup>). A natureza internacionalista da sua intervenção, concebida para armar a classe operária alemã contra o inimigo mortal que a ameaçava, manteve-se até ao fim da sua vida. Exilado

127

e perseguido de país para país, sem contacto directo com o proletariado de qualquer nação, ele continuou a produzir análises políticas do mais alto calibre sobre a situação política da Europa Ocidental. A França, a Inglaterra e a Espanha, no que toca à especificidade nacional das suas formações sociais, foram todas por ele examinadas com uma mestria que Lenine – predominantemente centrado sobre a Rússia – nunca

---

<sup>145</sup> Esta apreciação pode parecer paradoxal; voltaremos a ela noutra oportunidade. É sintomático do destino do legado de Trotsky que estes textos não tenham sido publicados na Alemanha em forma de livro senão em 1971, data da primeira edição alemã.

atingiu (<sup>146</sup>). Finalmente ele fundou uma teoria rigorosa sobre a natureza do Estado Soviético e sobre o destino da URSS sob Estaline, documentada e desenvolvida, segundo as normas da tradição clássica, com grande precisão (<sup>147</sup>). Ainda hoje é difícil de compreender a amplitude histórica das realizações de Trotsky.

Não cabe aqui explicar o legado posterior do pensamento e da obra de Trotsky. Um dia haverá que estudar em toda a diversidade dos seus canais e correntes subterrâneas esta outra tradição – perseguida, injuriada, isolada, dividida. Ela poderá surpreender futuros historiadores com os recursos que possui. Bastará aqui comentar os trabalhos de dois ou três posteriores herdeiros de Trotsky. Após este, os mais dotados elementos da geração seguinte pertenciam ambos à intelligentsia leste-europeia e

---

<sup>146</sup> Agora coligidos respectivamente em *Whither France?* (1970), *On Britain* (1973), e *The Spanish Revolution* (1973), todos publicados em Nova Iorque. Os escritos sobre a Grã-Bretanha datam principalmente da década de vinte; mas a recolha citada omite muitos textos importantes da década seguinte.

<sup>147</sup> Sobretudo, *The Revolution Betrayed; The Class Nature of the Soviet State*; e *In Defense of Marxism* (Nova Iorque 1965).

provinham dos territórios fronteiriços entre a Polónia e a Rússia. Isaac Deutscher (1907-1967), nascido perto de Cracóvia, foi militante no clandestino Partido Comunista Polaco, que rompeu com o Comintern devido à política deste em relação à ascensão do nazismo em 1933, e combateu durante cinco anos num grupo trotskista de oposição no seio da classe operária, na Polónia de Pilsudski. Nas vésperas da Segunda Guerra Mundial, rejeitou a decisão de Trotsky de organizar uma Quarta Internacional, renunciando à tentativa de manter uma unidade política entre a teoria e a prática, tentativa essa que julgava agora impossível,

128

e emigrou para a Inglaterra (<sup>148</sup>). Aí, após a Guerra, tornou-se historiador profissional, dando a lume uma longa série de trabalhos sobre a evolução e as consequências da Revolução Soviética, trabalhos pelos quais se tornou famoso em todo o mundo.

---

<sup>148</sup> Sobre os primeiros passos da carreira de Isaac Deutscher, consultar Daniel Singer, *Armed with a Pen*, em D. Horowitz (ed.), *Isaac Deutscher, the Man and his Work*, Londres 1971, pp. 20-37.

Apesar das suas divergências com Trotsky, a continuidade dos temas por ambos tratados dificilmente poderia ter sido mais íntima. Trotsky trabalhava numa obra sobre a vida de Estaline quando morreu; o primeiro trabalho de Deutscher foi uma biografia de Estaline, retomando-a onde o seu predecessor a tinha deixado. Seguidamente, o seu maior trabalho seria uma biografia do próprio Trotsky (<sup>149</sup>). O mais importante contemporâneo e colega de Deutscher foi um outro historiador. Roman Rosdolsky (1898-1967), nascido em Lvov, foi um dos fundadores do Partido Comunista da Ucrânia Ocidental. Trabalhando sob a direcção de Riazanov como membro correspondente em Viena do Instituto Marx-Engels, aderiu à crítica de Trotsky sobre a consolidação do estalinismo na URSS e sobre a política do Comintern em relação ao fascismo na Alemanha nos princípios da década de trinta. De 1934 a 1938, voltou a Lvov e trabalhou no movimento trotskista local na Galícia, ao mesmo tempo que escrevia um longo estudo da história da servidão nessa zona. Capturado pelo exército alemão durante a Segunda Guerra Mundial foi preso em campos de

---

<sup>149</sup> The Prophet Armed (1954); The Prophet Unarmed (1959); The Prophet Outcast (1963).

concentração nazis. Depois da sua libertação em 1945, emigrou para os Estados Unidos, onde trabalhou isolado como investigador em Nova Iorque e em Detroit, abandonando a actividade política directa. Aí escreveu um dos raros textos marxistas de vulto sobre o problema nacional na Europa vindos a lume desde o tempo de Lenine (<sup>150</sup>). Contudo, a sua magnum opus é constituída pelos dois volumes de análise dos Grundrisse de Marx e da relação destes com

129

O Capital – volumes que foram publicados postumamente, na Alemanha Ocidental, em 1968 (<sup>151</sup>). Esta importante reinterpretação do pensamento económico do Marx da maturidade tinha como objectivo permitir que os marxistas contemporâneos reatassem com a tradição fundamental da teoria económica no seio do materialismo histórico, cuja ligação havia sido destruída com o aparecimento do

---

<sup>150</sup> Friedrich Engels and das Problem der cGeschichtslosen Volkem, Hannover 1964. No que diz respeito à biografia de Rosdolsky, ver a nota em Quatrième Internationale, n.o 33, Abril 1968.

<sup>151</sup> Zur Entstehungsgeschichte des Mairxchen Kapitals, Frankfurt 1968.

austro-marxismo no período entre as duas guerras. Nem o próprio Trotsky havia escrito trabalho económico tão importante, contrariamente à maior parte dos teóricos da sua geração: o próprio Rosdolski, que não tinha experiência como economista, empreendeu o seu trabalho em função daquilo que pensava ser o seu dever para com as gerações futuras, como único sobrevivente da cultura leste-europeia que anteriormente havia originado o bolchevismo e o austro-marxismo (<sup>152</sup>). A sua esperança não foi vã. Quatro anos mais tarde, Ernest Mandei – trotskista belga, que tinha sido um activista da Resistência e que fora preso pelos nazis antes de se tornar membro destacado da IV Internacional, após a Guerra – publicou na Alemanha um trabalho de cariz geral sobre O Capitalismo Tardio, na mesma linha de Rosdolski (<sup>153</sup>); foi esta a primeira análise teórica do

---

<sup>152</sup> O autor não é nem economista nem filósofo de profissão. Também não teria ousado escrever um comentário aos Grundrisse se ainda hoje existisse – como no primeiro terço deste século – uma escola de teóricos marxistas, melhor equipados para esta tarefa. Contudo, a última geração de teóricos marxistas importantes foi, na sua maior parte, vítima do terror hitleriano e estalinista». Zur Entstehungsgeschichte, pp. 10-11.

<sup>153</sup> Der Spätkapitalismus (Versuch einer Erklärung), Frankfurt 1972; com dedicatória a Rosdolsky.

desenvolvimento global do modo de produção capitalista desde a Segunda Guerra Mundial, concebida no quadro das categorias marxistas clássicas.

A tradição que procedia de Trotsky constituiu assim um polo contrastante, em grande parte dos aspectos essenciais, em relação ao marxismo ocidental. Concentrou-se na política e na economia, e não na filosofia. Foi resolutamente interna-

130

cionalista, nunca se confinando nas suas preocupações ou nos seus horizontes teóricos a uma única cultura ou a um único país. Falou uma linguagem clara e urgente, cuja melhor prosa (Trotsky ou Deutscher) não deixava de possuir uma qualidade literária igual ou superior à de qualquer outra tradição. Nem tampouco ocupou cargos em universidades. Os seus membros foram perseguidos ou postos fora-da-lei. Trotsky foi morto no México. Deutscher ;e Rosdolski foram exilados, impedidos de regressar à Polónia e à Ucrânia, respectivamente. Mandel está proscrito em

França, na Alemanha Ocidental e nos Estados Unidos. Outros nomes se poderiam juntar. O preço pago pela tentativa de manter uma unidade marxista entre a teoria e a prática, mesmo nos casos a que a ela renunciaram pontualmente, foi extremamente elevado. Mas o que se ganhou em troca para o futuro do socialismo foi imenso. Hoje, esta herança teórico-política dá-nos um dos elementos fundamentais para qualquer renascimento do marxismo revolucionário a uma escala internacional. As aquisições que ela corporizou têm as suas limitações e as suas fraquezas. O desenvolvimento dado por Trotsky à fórmula particular da Revolução Russa, transformando-a numa regra geral para o mundo subdesenvolvido, continua a ser controversa; os seus escritos sobre a França e a Espanha não são tão seguros como as obras sobre a Alemanha. O seu juízo sobre a Segunda Guerra Mundial, consequência das suas análises sobre o fascismo, estava errado. O optimismo de Deutscher sobre as perspectivas de uma reforma interna na URSS após Estaline não teve qualquer fundamento. Os primeiros trabalhos de Rosdolski tiveram como fim a exposição, mais do que a investigação. O estudo de Mandel, aparecendo após tão longo silêncio nesta matéria, tinha deliberadamente o subtítulo de

Tentativa de explicação. Em geral, o progresso da teoria marxista não podia saltar por cima das condições materiais da sua própria produção – a prática social do proletariado do seu tempo. O longo isolamento forçado relativamente aos principais destacamentos da classe operária organizada em todo o mundo, e a ausência prolongada de levantamentos revolucionários de massas nos países fundamentais do capitalismo industrial, imprimiu inevitavelmente os seus efeitos no conjunto da tradição trotskista.

131

Também ela esteve sujeita às consequências da larga época de derrota histórica da classe operária no Ocidente. O seu desafio à viragem dos tempos, que a distinguiu do marxismo ocidental, custou-lhe caro. A reafirmação da validade da revolução socialista e da democracia proletária, contra tantos acontecimentos que as negavam, inclinou involuntariamente esta tradição para o conservadorismo. A preservação das doutrinas clássicas ganhou prioridade sobre o seu desenvolvimento. Um certo triunfalismo relativamente à causa da classe operária e o catastrofismo na análise do capitalismo, concepções

defendidas mais através da vontade do que da inteligência, foram, nas suas formas usuais, os vícios típicos desta tradição. Haverá que proceder a um inventário histórico das realizações e das falhas desta experiência. É mais do que necessário proceder a uma avaliação crítica sistemática do legado de Trotsky e dos seus sucessores comparável à que é já possível fazer da herança do marxismo ocidental. Simultaneamente, o crescimento das lutas entre classes a nível internacional, desde o fim da década de sessenta e pela primeira vez desde a derrota da Oposição de Esquerda na Rússia, criou uma possibilidade objectiva para o reaparecimento das ideias políticas associadas a Trotsky em áreas fundamentais de debate e de actividade da classe operária. Quando esta junção se operar, o seu valor será testado pela crítica mais ampla da prática proletária de massas.

Entretanto, a mudança de clima que se verificou desde o fim da década de sessenta para cá teve também os seus efeitos no marxismo ocidental. A eventual reunificação entre a teoria e a prática num movimento

revolucionário de massas liberto da trama burocrática significaria o fim desta tradição. Como forma histórica, ela extingui-se-á quando o divórcio que a gerou for ultrapassado. Os sinais preliminares do abandono desta tradição por uma outra são hoje visíveis: mas não constituem, de forma alguma, um processo acabado. O presente período é ainda de transição. Os grandes partidos comunistas do continente europeu, que durante todo este período foram o campo de gravitação sobre que se moveu o marxismo ocidental, nem por sombras desapareceram; a dominação que

132

exercem sobre a classe operária dos respectivos países não diminuiu de forma notória, embora o seu crédito como organizações revolucionárias tenha ficado enfraquecido no seio da intelligentsia. Muitos dos maiores teóricos do marxismo ocidental acima discutidos estão hoje mortos. Aqueles que sobrevivem mostraram, até agora, que são incapazes de responder à nova conjuntura criada após o levantamento de Maio em França com qualquer desenvolvimento digno de nota das suas teorias. Para a maioria deles, já

se esgotou provavelmente a sua evolução intelectual. Na geração mais recente, formada sob a influência desta tradição, operou-se um certo deslocamento dos centros de interesse no sentido de uma maior preocupação relativamente à teoria económica e à teoria política, para lá do perímetro filosófico dos seus antecessores (<sup>154</sup>). Contudo, esta evolução conjugou-se muitas vezes com uma alteração pura e simples do horizonte de referência, passando-se do comunismo soviético para o chinês. Por outro lado, como enquanto polo de orientação a substituição da URSS pela China é ideológica e organizativamente mais vaga, preservou-se, fundamentalmente, a heteronomia política tácita do marxismo ocidental. A passagem de alguns dos teóricos da geração mais velha – Althusser ou Sartre – mais ou menos directamente de uma para a outra, mais não faz do que confirmar a continuidade da relação estrutural entre elas (<sup>155</sup>). Orientações fundamentalmente novas no seio do marxismo

---

<sup>154</sup> Os trabalhos mais notáveis deste género são os de Nicos Poulantzas, *Pouvoir Politique et Classes Sociales* (Paris 1968 e 1971), *Fascisme et Dictature* (Paris 1970).

<sup>155</sup> A natureza e a influência do maoísmo não são da competência deste ensaio; será necessário discuti-las, mais em detalhe, noutra oportunidade.

ocidental não são previsíveis, enquanto este estiver em vigor. Seja como for, os teóricos mais velhos desta tradição que ainda existem correm o risco de ficarem confinados à repetição e ao esgotamento das suas teses filosóficas. Naturalmente, o futuro dos seus discípulos está mais aberto.

Seja qual for o seu destino nas suas áreas primitivas de implantação, assistiu-se entretanto, nos últimos anos, à penetração do marxismo ocidental (originário da Alemanha, da França e da Itália) num número cada vez maior de novas

133

regiões do mundo capitalista. As consequências desta difusão são imprevisíveis. Nenhuma destas nações possui na sua história um forte movimento comunista; e até aqui nenhuma deu origem a qualquer corpo importante de teoria marxista; no entanto, algumas delas possuem certas características específicas. Em Inglaterra, especialmente, a classe operária continuou a ser durante todo este período uma das mais poderosas do mundo industrial e a produção

historiográfica marxista foi notavelmente superior à de qualquer outro país. A envergadura relativamente modesta da cultura marxista, no sentido lato, até à data desenvolvida nesta região pode, por seu turno, sofrer rápidas e surpreendentes modificações, já que a lei do desenvolvimento desigual gera também o ritmo e a distribuição da teoria-ela pode transformar países relativamente retardatários em países de vanguarda, beneficiando das vantagens dos que chegam tarde, num período comparavelmente menor. Seja como for, pode-se dizer com uma certa confiança que antes que se tenha assenhoreado dos Estados Unidos e da Inglaterra- respectivamente, o país da mais rica classe imperialista e o país da mais antiga classe operária do mundo – o marxismo não terá posto a sua própria teoria à prova, confrontando-a com a imensa extensão de problemas que a civilização do capital lhe levanta na segunda metade do século XX. O facto de a III Internacional, mesmo no apogeu da vitalidade e do vigor de Lenine, ter sido incapaz de operar qualquer progresso sério nas potências anglo-saxónicas, quando os EUA e a Grã-Bretanha eram os dois maiores centros do capitalismo mundial, indica o grau de incompletude do materialismo histórico, mesmo no ponto mais elevado das suas realizações, como teoria

revolucionária viva. Hoje em dia, continuam em grande medida por resolver os fantásticos problemas científicos colocados ao movimento socialista pelo modo de produção capitalista, que não se encontra enfraquecido, antes está no apogeu da sua força. Neste sentido, o marxismo tem ainda que se desembaraçar das suas mais difíceis tarefas. E não é provável que lhes faça frente até se implantar finalmente nos bastiões imperiais maduros do mundo anglo-saxão.

Após o longo e tortuoso desvio da trajectória do marxismo ocidental, as questões que a geração de Lenine deixou

134

sem resposta, e a que se tornou impossível responder devido à ruptura que na época de Estaline se operou entre a teoria e a prática, continuam esperando réplica. Não são do âmbito da filosofia, têm a ver com as realidades económicas e políticas fundamentais que dominaram a história do mundo nos últimos cinquenta anos. Aqui apenas nos cabe fornecer a lista mais breve dessas questões. Primeiramente, e acima de tudo, qual

é a natureza e a estrutura real da democracia burguesa como modelo de sistema de Estado, que se tornou a forma normal do poder capitalista nos países avançados? Que tipo de estratégia revolucionária é capaz de derrubar esta forma histórica de Estado — tão distinta da da Rússia czarista? Quais seriam as formas institucionais de democracia socialista no Ocidente, para além daquela? A teoria marxista abordou estes três assuntos numa forma insuficiente, no que diz respeito às suas conexões mútuas. Qual é o significado e a situação da nação como unidade social, num mundo dividido em classes? E, sobretudo, quais são os complexos mecanismos do nacionalismo como fenómeno de massas, força essencial nestes dois últimos séculos? Nenhum destes problemas recebeu ainda uma resposta adequada, após a época de Marx e de Engels. Quais são as leis contemporâneas de desenvolvimento do capitalismo como modo de produção? E existem novas formas de crise que lhe sejam específicas? Qual é a verdadeira configuração do imperialismo como sistema internacional de dominação económica e política? A elaboração sobre estas questões recomeçou precisamente agora, num panorama muito modificado relativamente à época de Lenine ou Bauer. Por fim, quais são as características

e as dinâmicas fundamentais dos Estados burocráticos que surgiram das revoluções socialistas nos países atrasados, tanto na sua identidade como naquilo que os distingue? Como foi possível que a destruição da democracia proletária na Rússia fosse seguida por revoluções que desde o início estavam privadas da democracia proletária, na China e noutros países? E quais são os limites exactos desse processo? Trotsky iniciou a análise do que se passou na Rússia; não viveu o suficiente para ver o que se passou na China. Eis a série de questões que constituem, hoje, o principal desafio ao materialismo histórico.

135

A pré-condição da sua solução é, como vimos, a ascensão de um movimento revolucionário de massas, liberto de limitações organizacionais, nas metrópoles do capitalismo industrial. Só então será possível uma nova unidade entre a teoria socialista e a prática da classe operária, capaz de conferir ao marxismo o poder necessário para produzir o conhecimento de que hoje carece. Não se podem prever quais as formas como surgirá esta futura teoria nem quem a realizará. Seria um erro pretender que repetiriam forçosamente

os modelos clássicos do passado. Quase todos os principais teóricos do materialismo histórico que existiram até hoje, desde os próprios Marx e Engels aos bolcheviques, desde os principais personagens do austro-marxismo aos do marxismo ocidental, foram intelectuais provindos das classes possidentes e, na maioria dos casos, originários mais da alta burguesia do que da pequena burguesia (<sup>156</sup>). Gramsci é o único exemplo de alguém proveniente dum ambiente realmente pobre; mas mesmo ele nasceu longe do proletariado. É impossível não ver neste modelo uma imaturidade provisória de toda a classe operária internacional, numa perspectiva histórica mundial. Para tal, basta pensar quais as consequências que teve na Revolução de Outubro a fragilidade da Velha Guarda bolchevique, uma direcção política recrutada predominantemente no seio da intelligentsia russa, sobrepondo-se a uma classe operária em grande medida ainda não educada: a facilidade com que tanto

---

<sup>156</sup> A designação convencional de «intelectual pequeno-burguês» não se aplica à maior parte das personagens de que falamos. Um bom número delas teve origem em famílias de ricos industriais, comerciantes e banqueiros (Engels, Rosa Luxemburgo, Bauer, Lukács, Grossman, Adorno, Benjamin, Marcuse, Sweezy); de grandes proprietários de terras (Plekhanov, Mehring, Labriola); e de advogados e burocratas de alto nível (Marx, Lenine).

a Velha Guarda como a vanguarda proletária foram eliminadas por Estaline nos anos 20 não deixou de estar relacionada com a diferença social que entre elas existia. Um movimento operário capaz de alcançar uma emancipação duradoura não reproduzirá este dualismo. Os «intelectuais orgânicos» concebidos por Gramsci, gerados no seio das fileiras do próprio proletariado, não ocuparam ainda o papel estrutural no socialismo revolucionário que

136

Gramsci cria que seria o deles (<sup>157</sup>). As formas extremas de esoterismo que caracterizaram o marxismo ocidental eram sintomáticas de «intelectuais tradicionais», no sentido que Gramsci dá

---

<sup>157</sup> Até ao momento, o mais eminente pensador socialista saído da classe operária ocidental foi, talvez, um britânico: Raymond Williams. Todavia, o trabalho de Williams, embora correspondesse de uma forma muito precisa ao esquema do marxismo ocidental devido ao seu interesse pela estética e pela cultura, não foi o trabalho de um marxista. A história da sua classe-que Williams evoca com confiança e perseverança ao longo dos seus escritos- conferiu a estes certas qualidades que não se podem encontrar em lugar algum nos escritos socialistas contemporâneos, e que farão parte de qualquer cultura revolucionária futura.

ao termo, num período em que pouco ou nenhum contacto existiu entre a teoria socialista e a prática proletária. Mas a longo prazo o futuro da teoria marxista residirá em intelectuais produzidos organicamente pelas próprias classes operárias industriais do mundo imperialista, logo que desenvolvam solidamente as suas qualificações culturais e a sua auto-confiança.

Podemos dar a Lenine a última palavra. Cita-se com frequência, e correctamente, a famosa máxima em que afirma que «sem teoria revolucionária, não pode haver movimento revolucionário». Mas ele também escreveu, com igual pertinência, que «uma teoria revolucionária justa (...) só assume forma acabada em ligação estreita com a actividade revolucionária»<sup>(158)</sup>. Aqui, cada palavra é importante. A teoria revolucionária pode ver a luz do dia num relativo isolamento – Marx no Museu Britânico, Lenine isolado pela guerra em Zurique: mas só pode adquirir uma forma correcta e acabada quando inserida nas lutas colectivas da própria classe operária. A simples

---

<sup>158</sup> «Left-Wing Communism: An Infantile Disorder», Selected Works, vol. III, p. 378.

adesão formal a uma organização partidária, do tipo habitual da história recente, não basta para fornecer esse vínculo: é necessária uma ligação estreita com a actividade prática do proletariado. Nem tampouco basta a militância num pequeno grupo revolucionário: tem que existir uma ligação com as massas reais. Inversamente, a ligação com um movimento de massas não é também suficiente, porque este

137

pode ser reformista: só quando as próprias massas são revolucionárias, pode a teoria completar a sua eminente vocação. Estas cinco condições para que o marxismo se possa desenvolver com êxito nunca estiveram reunidas fosse em que parte fosse do mundo capitalista avançado desde a Segunda Guerra Mundial. Contudo, as perspectivas para o seu reaparecimento são agora finalmente e cada vez maiores. Quando um verdadeiro movimento de massas nascer a partir de uma classe operária amadurecida, a «forma final» da teoria não terá precedente exacto. Tudo o que se pode dizer é que quando as próprias massas falarem, os teóricos –do

gênero dos que o Ocidente produziu ao longo de cinquenta anos – calar-se-ão necessariamente.

## POSFACIO

---

As afirmações com que encerra o texto anterior devem inspirar-nos, hoje, certas reservas pois há que precisa-las e dar-lhes uma forma mais atenuada, sob pena de revestirem uma lógica no fim de contas reducionista. O seu tom apocalíptico é já de si um indício suspeito de dificuldades a que se escapa ou que se ignora peremptoriamente. Em ordem a investigar adequadamente estas dificuldades –para já não falar em resolvê-las – haverá que elaborar outro texto. O anais aue aqui podemos fazer é limitar-nos a indicar qual ;a debilidade fundamental da estruturação do texto precedente. Podemos determiná-la sucintamente. Afirma-se através de todo o texto, e de forma ainda mais clara para o fim, que a teoria marxista só atinge os contornos que lhe são próprios numa relação directa com um movimento revolucionário de massas. Quando este último está efectivamente ausente ou derrotado, a primeira é inevitavelmente deformada ou escamoteada. A

premissa deste tema omnipresente é, evidentemente, o princípio da «unidade entre a teoria e a prática», a que tradicionalmente se recorre para definir a epistemologia marxista enquanto tal. Sugere-se por vezes no ensaio que a relação entre as duas é mais complexa do que habitualmente se considera; mas, no seu conjunto, o texto é uma afirmação fundamentada da ligação fulcral entre ciência e classe, materialismo histórico e insurreição proletária neste século. Em parte nenhuma se examinam as condições actuais ou os horizontes precisos da unidade entre a teoria e a prática que tomamos como postulados. Daí resulta que as conclusões do ensaio con-

141

vidam a uma leitura «activista» dessas teses, o que poderá ser cientificamente insustentável e politicamente irresponsável. Existe uma objecção inultrapassável a toda e qualquer formulação do marxismo idêntica à sugerida pelas últimas páginas deste ensaio. É estranho que nunca antes tenha sido avançada com mais frequência. Se a designação correcta do marxismo é materialismo histórico, ele terá de ser-acima de tudo-uma teoria da história.

Contudo, a história é –por excelência – o passado. Evidentemente, o presente e o futuro também são históricos, e é a estes que se referem involuntariamente os princípios tradicionais do papel da prática no seio do marxismo. Mas o passado não pode ser modificado por qualquer prática presente. Os seus acontecimentos serão sempre reinterpretados e as suas épocas redescobertas pelas gerações posteriores: não podem ser alterados, seja qual for a concepção materialista que os aborde. Politicamente, o destino dos homens e das mulheres vivos-no futuro actual e no futuro previsível – é incomensuravelmente mais importante para um socialista do que qualquer outra consideração. Contudo, cientificamente, o principal domínio do conhecimento susceptível de investigação é o reino dos mortos. O passado, que não pode ser corrigido ou destruído, pode ser conhecido com maior certeza do que o presente, cujas acções têm ainda de se processar, e não só. Assim, continuará a haver uma disparidade entre conhecimento e acção, teoria e prática, para qualquer ciência possível da história. Nenhum marxismo responsável pode abdicar da tarefa de compreender o imenso universo do passado nem de pretender julgar as modalidades de uma transformação material daquele. Assim, a teoria

marxista não deve ser compreendida como uma sociologia revolucionária, apesar de todas as tentações louváveis de o fazer. Não pode ser reduzida à «análise da conjuntura actual», segundo uma terminologia em moda. Por definição, tudo o que é actual depressa passa. Confinar o marxismo àquilo que é contemporâneo é votá-lo a um esquecimento logo que ele se torna passado<sup>159</sup>.

---

<sup>159</sup> Esta doutrina não é imaginária. Diz-se numa obra recente: «O marxismo, enquanto prática teórica e política, nada ganha em se associar aos escritos históricos e à investigação histórica. O estudo da história não possui, quer científica quer politicamente, qualquer valor. O objecto da história, o passado, seja qual for a forma pela qual é concebido, não pode afectar as circunstâncias presentes. Os acontecimentos históricos não existem e não possuem realidade material no presente. As condições de existência das actuais relações sociais existem necessariamente e são constantemente reproduzidas no presente. O objecto que a teoria marxista deve elucidar e sobre o qual a prática política marxista deve actuar não é o «presente», aquilo que o passado se dignou legar-nos, mas a «situação actual». Qualquer teoria marxista, seja qual for o seu grau de abstracção, seja qual for a generalidade do seu campo de aplicação, existe para tornar possível a análise da situação actual. (...) Uma análise histórica da 'situação actual' é impossível» (B. Hindess e P. Hirst, *Pre-Capitalist Modes of Production*, Londres 1975, p. 312f. Os autores destas linhas, descendentes longínquos de Althusser, têm o mérito de proclamar com uma certa precisão as consequências últimas de uma

Poucos socialistas discordarão disto. Entretanto, e paradoxalmente, até hoje nunca se debateu de forma adequada o estatuto exacto da história no materialismo histórico. Ele é incompatível com qualquer pragmatismo filosófico. Neste sentido, o marxismo tem ainda talvez que encarar com toda a devida seriedade a sua reivindicação de constituir uma «ciência da história», pois só se pode conquistar o título digno de materialismo histórico por meio de um humilde respeito pela qualidade dos seus dois termos. Este aspecto implica a existência de um limite para a noção de unidade entre a teoria e a prática. Os grandes problemas políticos que se colocam à classe operária no século XX, cuja ausência da tradição do marxismo ocidental aqui se sublinhou, dependem certamente do estabelecimento de tal limite. Mas não se estudaram ainda correctamente as formas e as modificações exactas dessa unidade. Contudo, uma renúncia à universalidade geral e à crítica que os marxistas atribuem à união entre a teoria e a prática pode

---

lógica cujas premissas podem, frequentemente, parecer fortuitas e não se prestar a um debate nas exposições marxistas convencionais sobre a unidade da teoria e da prática no materialismo histórico.

actualmente ajudá-los a centrarem mais precisamente a atenção sobre as condições sociais particulares para o aparecimento da teoria revolucionária, e os critérios científicos para a sua validação. Isto não quer dizer que haja que distinguir dois domínios estanques e separados no materialismo histórico –um que seria a «política» activa e outro que seria a «his-

143

tória» positiva –um inteiramente regido pela prática oscilante das massas, o outro idealmente separado delas. Mas há que colocar a questão, até aqui injustificavelmente negligenciada, da relação real e potencial entre «historiografia» e «teoria» no conjunto da cultura marxista. As determinações políticas da moderna historiografia, seja ela marxista ou não-marxista, são tão conhecidas que não precisam de ser aqui reafirmada. (É evidente que não constituem uma forma de unidade entre a teoria e a prática, no sentido clássico). Já as aquisições históricas disponíveis ou necessárias para a moderna elaboração teórica nos campos da política ou da economia, no seio do marxismo, não têm sido tomadas em consideração com tanta frequência. Com efeito, deveria ser evidente

que, potencialmente, os avanços na historiografia marxista são de fulcral importância para o desenvolvimento da teoria marxista. Contudo, apesar da constituição de importantes escolas de historiografia marxista em quase todos os países capitalistas avançados, não se pode dizer que o materialismo histórico, como sistema teórico, tenha daí retirado qualquer benefício palpável. Até hoje, a integração das descobertas da história marxista na política ou na economia marxistas foi relativamente diminuta. Esta anomalia é tanto maior quanto nos recordamos da inexistência de qualquer historiografia profissional na época do marxismo clássico e quanto, simultaneamente, o seu surgimento numa época ulterior não exerceu muitos efeitos visíveis no marxismo pós-clássico. Dada a sua novidade, está ainda por estudar a natureza da sua importância para a estrutura do materialismo histórico como um todo. Pelo menos, podemos supor que o equilíbrio entre «história» e «teoria» poderá ser modificado em qualquer cultura marxista do futuro, alterando a sua configuração presente.

Existe um outro aspecto saliente neste texto que necessita ser modificado de forma semelhante.

Utiliza-se o rótulo da unidade entre a teoria e a prática para desenvolver a tese de uma oposição estrutural entre o marxismo clássico e o «ocidental», oposição essa que não é certamente falsa. Contudo, a maneira como aqui se apresenta tende incorrectamente a excluir qualquer apreciação crítica do marxismo clássico. A unidade prática do marxismo clássico com as lutas da classe

144

operária do seu tempo, que o torna genuinamente tão superior à tradição que lhe sucedeu, surge como um termo de comparação absoluto no seio do materialismo histórico. Contudo, desde que se relativize a regra da unidade entre a teoria e a prática, até a ciência que mais de perto e mais heroicamente esteve ligada à classe operária terá que ser sujeita a uma reavaliação constante e escrupulosa. Embora o ensaio não atribua qualquer perfeição absoluta ao materialismo clássico, apresenta as suas limitações essencialmente como pontos inacabados –isto é, apresenta-as como lacunas cuja solução seria um maior desenvolvimento da teoria, desenvolvimento esse que o marxismo ocidental foi, mais tarde, incapaz

de realizar. Não se encara com suficiente seriedade a possibilidade de que pudessem ter existido elementos na herança clássica que mais do que incompletos fossem incorrectos. Em parte, foi precisamente a acumulação de conhecimento histórico sobre o passado que não esteve disponível às primeiras gerações de marxistas-já que o viveram como sendo o seu presente que permite e encoraja hoje um novo questionamento científico do seu trabalho.

Por outras palavras, deveríamos submeter o marxismo clássico ao mesmo estudo rigoroso e ao mesmo juízo crítico com que analisamos a tradição pós-clássica que dele descende. A coragem e a lucidez necessárias para tal programa teriam de ser muito maiores do que no caso do marxismo ocidental, dada a veneração com que quase todos os socialistas sérios trataram os mestres clássicos do materialismo histórico, e o facto de até à data não lhes ter sido feita crítica intelectual que ao mesmo tempo se mantivesse também resolutamente revolucionária nas suas posições políticas. O maior respeito é, contudo, compatível com a maior lucidez. Hoje, o estudo do marxismo clássico necessita de combinar o conhecimento consciencioso com a honestidade céptica – o que até

agora ainda não se realizou. Na época do pós-guerra, o melhor e mais original trabalho neste campo tomou usualmente a forma de reinterpretções hábeis de um autor ou texto canónicos, Marx, Engels ou Lenine, para refutar noções convencionais sobre um ou outro, amiúde com o objectivo de combater críticas burguesas ou interpretações incorrectas do marxismo

145

como tal. Actualmente, há que abandonar esta prática e, em seu lugar, começar a examinar o que propõem os próprios textos do marxismo clássico, sem partir de qualquer ideia preconcebida segundo a qual eles seriam necessariamente coerentes e correctos. Com efeito, a mais importante responsabilidade que cabe aos socialistas contemporâneos pode ser a identificação das principais fraquezas teóricas do marxismo clássico, para explicar as suas razões históricas, e para as sanar. A existência de erros é uma das características de qualquer ciência: a pretensão de que –o materialismo histórico estava isento deles apenas desacreditou a sua reivindicação de tal estatuto. A comparação habitual de Marx com Copérnico ou Galileu, a ser feita, deveria ser encarada

com seriedade; ninguém imagina hoje que os escritos dos dois últimos estejam isentos de importantes erros, e de contradições. O seu próprio estatuto de pioneiros da astronomia ou da física modernas é garantia da inevitabilidade dos seus erros, na aurora do desenvolvimento de uma nova ciência. O mesmo a priori é verdadeiro para o marxismo. Não podemos obviamente estudar aqui os problemas fulcrais levantados pelos textos clássicos desta tradição. Contudo, o limitar-nos a afirmar a necessidade absoluta de tal estudo, sem qualquer especificação, pouco mais seria do que uma intenção piedosa. Por isso, para concluir, podemos indicar alguns domínios importantes em que a herança do marxismo clássico surge como inadequada ou insatisfatória. Os breves comentários que farei sobre tais assuntos não têm naturalmente a pretensão de constituir um estudo exacto dos problemas em questão. São apenas uns quantos breves sinais indicativos de problemas que noutra oportunidade serão tomados em consideração. Por razões de conveniência circunscrever-se-ão à obra do trio mais destacado da tradição clássica: Marx, Lenine e Trotsky,

Não será necessário reiterar aqui a grandiosidade do conjunto da obra realizada por Marx. Na verdade, foi a amplitude da sua visão geral do futuro que, em certo sentido, induziu certas ilusões e miopias pontuais na sua percepção do presente da sua própria época. Marx não poderia continuar a ser tão fundamental política e teoricamente para esta última parte do século XX se por vezes não tivesse estado desincro-

146

nizado com o fim do século XIX em que viveu. Pode dizer-se que, em geral, os seus erros e as suas omissões foram o preço pago pelas suas previsões. A soma dos conhecimentos científicos sobre a história do capitalismo de que hoje dispomos, e que é muito maior do que a que Marx possuía, deveria permitir que o materialismo histórico ultrapassasse tais erros e omissões. A este respeito, existem três áreas em que o trabalho de Marx surge fundamentalmente incerto, segundo uma perspectiva contemporânea.

I) A primeira é o seu tratamento do Estado capitalista. Com efeito, os seus primeiros escritos começaram por

teorizar as estruturas do que mais tarde haveria de ser a democracia burguesa, antes dela existir num qualquer país da Europa –mas a um nível muito abstracto e filosófico. Depois, em 1848-50, escreveu um estudo histórico e concreto do Estado ditatorial específico criado em França por Napoleão III – o que constitui a sua única tentativa neste sentido. Mais tarde, nunca analisaria directamente o Estado parlamentar inglês em que viveu durante o resto da sua vida. Mais que não fosse, teve tendência para generalizar abusivamente o «bonapartismo» como forma típica do moderno Estado burguês, devido à recordação política que lhe ficara do seu papel contra-revolucionário em 1848. Foi, por isso, incapaz de analisar a III República em França, quando ela surgiu após a derrota de 1870. Finalmente, devido à sua preocupação com o «militarismo» bonapartista, pareceu, em contrapartida, ter tendido a subestimar a capacidade repressiva dos Estados «pacifistas» inglês, holandês e americano, parecendo por vezes pensar que nestes países poderia atingir-se o socialismo apenas através de meios pacíficos e eleitorais. Daí resultou que Marx nunca tenha produzido qualquer estudo coerente ou comparativo das estruturas políticas da classe burguesa. Existe uma disjunção

assinalável entre os seus primeiros escritos político-filosóficos e os seus escritos económicos posteriores.

II) Associada a esta falha, parece ter havido uma incompreensão de grande parte da natureza da época em que viveu durante os seus últimos anos. Embora durante toda a sua vida Marx fosse o único a compreender o dinamismo económico do modo de produção capitalista após 1850, que iria

147

transformar o mundo, parece nunca se ter apercebido da grande mudança do sistema de Estado internacional que o acompanhou. As derrotas de 1848 parecem ter convencido Marx de que as revoluções burguesas não mais poderiam ocorrer, devido ao receio que, em todos os países, o capital agora tinha do movimento operário (donde as traições, nesse ano, em França e na Alemanha). Na realidade, durante o resto da sua vida testemunhou uma sucessão de revoluções capitalistas triunfantes na Alemanha, na Itália, nos EUA, no Japão e noutros países. Todas elas ocorreram sob a bandeira do nacionalismo e não da

democracia. Marx partiu do princípio de que o capitalismo mitigaria e anulava progressivamente as nacionalidades num novo universalismo: mas o desenvolvimento real do sistema concitou e reformou o nacionalismo. A sua incapacidade para perceber isto teve como consequência uma série de graves erros políticos durante as décadas de 50 e 60, período em que as principais tragédias da política europeia estiveram todas relacionadas com lutas nacionais. Donde a sua hostilidade ao Risorgimento em Itália, o facto de ter negligenciado o bismarckismo na Alemanha, a sua adulação por Lincoln nos EUA, e a aprovação que deu ao otomanismo nos Balcãs (este último determinado por outra sua preocupação anacrónica em 1848, o seu receio da Rússia). Deixou-se assim às gerações socialistas posteriores um silêncio teórico fundamental sobre o carácter das nações e dos nacionalismos, que haveria de ter consequências nefastas.

III) A própria estrutura económica de O Capital, a maior realização de Marx, não se encontra isenta de um certo número de dúvidas possíveis, as mais insistentes das quais estão relacionadas com a própria teoria do valor por ele avançada. Para lá das

dificuldades que se ligam ao facto de ter posto de parte a escassez como factor determinante (cf. Ricardo), existe o problema da avaliação dos próprios imputs de trabalho (cf. Sraffa), e sobretudo a enorme dificuldade, ainda hoje sentida, de converter os imputs de trabalho em preços como intermediário quantificável (facto que entra em contradição com os cânones habituais da própria cientificidade, e com as comparações convencionais entre a descoberta da mais-valia e a do oxigénio). Outro aspecto incómodo de toda

148

a teoria do valor é a distinção entre trabalho produtivo e trabalho improdutivo, que, embora essencial, nunca até hoje foi teoricamente codificada ou empiricamente estabelecida, nem por Marx, nem pelos seus sucessores. As conclusões mais aleatórias que nos deu o sistema de O Capital foram o teorema geral da queda tendencial da taxa de lucro, e o princípio de uma crescente polarização de classes entre a burguesia e o proletariado. Nenhuma delas foi adequadamente demonstrada. A primeira implicava um colapso

económico do capitalismo pelos seus mecanismos internos; a segunda, uma importante ruptura social devida, se não a uma pauperização do proletariado, pelo menos a uma preponderância absoluta última da vasta classe operária fabril de trabalhadores produtivos sobre uma diminuta burguesia, com poucos ou nenhuns grupos intermédios. Por isso, pode relacionar-se logicamente a própria ausência de qualquer teoria política autónoma nos últimos anos da vida de Marx com um catastrofismo latente na sua teoria económica, que tornava redundante o desenvolvimento de uma teoria política.

O caso de Lenine apresenta um outro conjunto de problemas, porque, contrariamente a Marx ou a Engels, Lenine não foi apenas o autor de uma teoria original, mas o arqui tecto de uma prática política que teve como fim a organização de uma revolução socialista e a criação de um Estado proletário. As relações entre a sua teoria e a sua prática são assim tão importantes como as relações entre as suas próprias teses teóricas. Os principais problemas que a sua vida e obra parecem colocar são os que se relacionam com

a democracia proletária (no partido e no Estado) e com a democracia burguesa (no Ocidente e no Oriente).

I) A teoria inicial de Lenine de um partido ultracentralizado, neo-jacobino, em *Que fazer?* teve como origem explícita a distinção entre as condições de clandestinidade na Rússia autocrática e as de legalidade na Alemanha constitucionalista. Esta teoria estava relativamente ajustada às revoltas de massa que ocorreram durante a revolução de 1905-6, mas Lenine nunca a reviu nem modificou oficialmente. Em 1917, o reaparecimento dos sovietes na Rússia persuadiu Lenine de

149

que os conselhos operários eram a forma revolucionária necessária do poder proletário, em contraste com as formas universais de poder capitalista na Europa, tendo ele produzido então o primeiro desenvolvimento real de teoria política marxista através da sua famosa análise sobre aqueles centros de poder em O Estado e a Revolução.

Contudo, nem então nem mais tarde estabeleceu a ligação entre a sua teoria do partido e a sua concepção dos soviets, quer na Rússia quer em qualquer outro lado. Os seus textos sobre o partido não fazem menção aos soviets, os seus textos sobre estes não se pronunciam em relação àquele. Daí resultou ter-se dado azo a uma regressão extremamente rápida do democratismo soviético radical de O Estado e a Revolução para o autoritarismo radical do partido no Estado russo criado após o início da Guerra Civil. Os discursos de Lenine depois da Guerra Civil registam o declínio dos soviets, mas sem que isso o preocupe realmente ou o faça lamentar seriamente tal facto. As suas últimas tentativas com vista a um renascimento da democracia proletária contra a usurpação de uma burocracia chauvinista na URSS propõem meramente mudanças internas limitadas no seio do partido, não no seio da classe ou do país: não existe qualquer alusão aos soviets no seu testamento político. A falha teórica que aqui está em jogo pode reportar-se aos erros práticos cometidos por Lenine e pelos bolcheviques durante e após a Guerra Civil, no exercício e na justificação de uma repressão política da oposição, que provavelmente se verificará ter sido

muitas vezes desnecessária e retrógrada quando os historiadores marxistas a estudarem honestamente.

II) Lenine iniciou a sua carreira reconhecendo a distinção histórica fundamental entre a Europa Ocidental e Oriental em *Que fazer?* Posteriormente, em variadas oportunidades (especialmente em *O esquerdismo...*) aludiu novamente a essa aquisição. Mas nunca fez dela, seriamente, objecto de reflexão política marxista como tal. É de notar que aquele que é talvez o seu maior trabalho, *O Estado e a Revolução*, seja totalmente genérico na sua discussão do Estado burguês – o qual, pelo modo como Lenine trata o assunto, poderia ser o de qualquer país do mundo, sem excepção. Com efeito, o Estado russo que fora precisamente eliminado pela Revolução de Fevereiro era

150

totalmente distinto dos Estados alemão, francês, inglês ou americano de que falavam as citações de Marx e de Engels em que Lenine se baseava. Por ter sido incapaz de estabelecer uma distinção inequívoca

entre a autocracia feudal e a democracia burguesa, Lenine permitiu involuntariamente que se alimentasse uma confusão constante nos marxistas que se lhe seguiram, confusão essa que os impediria objectivamente de desenvolver uma estratégia revolucionária eficaz no Ocidente. Ela poderia ser levada a cabo com base numa teoria directa e sistemática do Estado democrático-burguês representativo nos países capitalistas avançados e das combinações específicas da sua engrenagem de consenso e coacção, estranhas ao czarismo. A consequência prática deste bloqueamento teórico foi o facto de a Terceira Internacional, fundada e dirigida por Lenine, ter sido incapaz de conseguir qualquer implantação de massa nos maiores centros do capitalismo moderno nos anos 20-o mundo anglo-saxão da Inglaterra e dos E.U.A. Nestas sociedades eram necessários um outro tipo de partido e um outro tipo de estratégia, tipos esses que não foram criados. A obra económica de Lenine sobre o imperialismo representou na época em que foi escrito (1916), um considerável avanço; não obstante, era ainda em grande medida descritivo e após a Guerra tendeu a sugerir uma incapacidade do capitalismo moderno para superar os seus desastres, incapacidade essa que

encontrou uma formulação oficial em numerosos documentos do Comintern. Uma vez mais, um catastrofismo económico funcionou assim para desviar os militantes socialistas do difícil trabalho de desenvolver uma teoria política das estruturas do Estado com as quais se tinham de defrontar no Ocidente.

Até agora, poucos estudos teóricos sérios se fizeram sobre a obra de Trotsky. O livro de Deutscher, que é provavelmente a mais lida biografia de qualquer revolucionário, não foi, curiosamente, acompanhada nem prosseguida por qualquer estudo sistemático comparável das ideias de Trotsky –talvez em parte porque os seus próprios méritos tenham ocultado a necessidade de o fazer. Mais próximo do tempo das polémicas políticas de hoje do que do dos outros teóricos da tradição clássica, o trabalho de Trotsky necessita de uma análise

desapaixonada e honesta de um tipo que até agora não foi geralmente seguido. Parecem ser estas as principais dificuldades que ele coloca.

I) A noção de «revolução permanente» foi avançada por Trotsky para explicar e predizer o curso da Revolução Russa, tendo-se mostrado correcta. Não ocorreu na Rússia

qualquer revolução burguesa; não se desenvolveu qualquer período intermédio de desenvolvimento capitalista; uma insurreição operária instalou um Estado proletário em poucos meses após o fim do czarismo; e este Estado falhou na construção do socialismo, uma vez que foi isolado num só país. Contudo, após 1924, Trotsky generalizou o seu esquema da Revolução Russa com vista a englobar nela todo o mundo colonial e ex-colonial, declarando que doravante não poderiam dar-se revoluções burguesas vitoriosas em nenhum país atrasado e que não poderia existir qualquer fase capitalista estável anterior a uma revolução proletária. As duas tarefas

que se citam sempre como impossíveis para qualquer burguesia colonial são a independência nacional e a resolução da questão agrária. A experiência histórica do pós-guerra seria ainda mais ambígua. O exemplo da Revolução Argelina parece contradizer a primeira afirmação; o caso da Revolução Boliviana a segunda. Um terceiro critério, não tão amiúde mencionado, foi o estabelecimento de uma democracia representativa (parlamentar): os trinta anos de existência da União Indiana sugerem que isso também pode ser possível. Poder-se-á defender que qualquer país ex-colonial nunca satisfaz todos os critérios, ou que a verdadeira independência, a resolução da questão agrária e a democracia nunca foram atingidos em qualquer país, devido ao papel do imperialismo, da usura e da corrupção no seio destes. Mas qualquer extensão indevida dos critérios de uma revolução burguesa deste tipo ou tende a fazer da própria teoria da revolução permanente uma tautologia (só o socialismo pode, por definição, subtrair completamente um país do mercado mundial, ou resolver todos os problemas do campesinato) ou exige da burguesia garantias que nunca foram satisfeitas por nenhum país capitalista avançado (que levaram séculos para atingirem a

democracia burguesa, por exemplo, com muitas regressões semelhantes às da Índia actual). Temos

152

portanto que considerar que, até hoje, o axioma da «revolução permanente» não foi cabalmente demonstrado para que possamos aceitá-lo como teoria geral. Poderíamos talvez suspeitar das dificuldades que levantaria, dado que deriva literalmente de um texto de Marx de 1850. É pouco provável que uma fidelidade canónica deste tipo a Marx constitua uma garantia de correcção científica.

(II) Os escritos de Trotsky sobre o fascismo representam a única análise directa e desenvolvida do Estado capitalista moderno, em toda a obra do marxismo clássico. Qualitativamente superiores a tudo o que Lenine produziu, tratam contudo de um regime que veio a verificar-se ser uma forma atípica do Estado burguês do século vinte, apesar da importância histórica que foi o seu surgimento nessa altura. Para teorizar a especificidade do Estado fascista como o mais mortal inimigo de qualquer

classe operária, teve Trotsky, obviamente, de fornecer elementos de uma contra-teoria do Estado democrático-burguês, para estabelecer o contraste entre os dois. Assim, existe um maior volume de análise nos seus escritos sobre a democracia burguesa do que nos dos seus predecessores. Contudo, Trotsky nunca desenvolveu um estudo sistemático dela. A lacuna que constitui a ausência de tal teoria parece ter tido na altura certos efeitos sobre as suas apreciações políticas após a vitória do nazismo. Em particular, atendendo a que os seus ensaios sobre a Alemanha sublinharam a imperativa necessidade de conquistar a pequena-burguesia para uma aliança com a classe operária (citando o exemplo do bloco contra Kornilov, na Rússia), os seus ensaios sobre a Frente Popular em França deixam de parte as organizações tradicionais da pequena-burguesia local, o Partido Radical, como um simples partido do «imperialismo democrático» que, por princípio, devia ser excluído de qualquer aliança antifascista. A mesma transformação é evidente nos seus artigos sobre a Guerra Civil de Espanha, embora acompanhada de outras características e algumas correcções. Depois, no começo da Segunda Guerra Mundial, Trotsky condenou o conflito internacional como sendo uma

mera repetição inter-imperialista da Primeira Guerra Mundial, na qual a classe operária não deveria optar por qualquer dos lados – apesar do carácter

153

fascista de um e do carácter democrático-burguês do outro. Justificou-se esta posição pela afirmação de que, fosse como fosse, já que todo o mundo imperialista se deteriorava, encaminhando-se para uma situação de desastre económico nos anos trinta, a distinção entre as duas formas de Estado capitalista tinha deixado de ter importância prática para a classe operária. Os erros desta evolução teórica parecem evidentes. Os próprios primeiros escritos de Trotsky sobre a Alemanha constituem a melhor refutação dos seus escritos posteriores sobre a Guerra. Obviamente, uma vez que a URSS foi atacada pela Alemanha, Trotsky teria alterado a sua posição sobre o conflito mundial. Mas o catastrofismo económico que parece ter originado os erros da sua fase final foi uma constante da Terceira Internacional após Lenine, e teve a sua autoridade última, como vimos, em Marx.

III) Trotsky foi o primeiro marxista a desenvolver uma teoria da burocratização de um Estado operário e o seu estudo sobre a URSS nos anos trinta continua a ser hoje uma realização magistral a todos os títulos. Contudo, nunca investigou todas as implicações e paradoxos da noção de «Estado ‘operário’» que reprimiu e explorou sistematicamente a classe operária – e talvez isso fosse inevitável. Em particular, a teoria tal como ele a transmitiu não podia prever ou explicar o aparecimento de novos Estados deste tipo para além da Rússia, onde não existia nem um proletariado fabril comparável (China), nem uma revolução social comparável procedente da base (Europa Oriental), e onde, no entanto, se instaurou um sistema histórico semelhante sem qualquer degenerescência prévia. As polémicas posteriores sobre a extensão da noção de «estalinismo» reflectiram esta dificuldade. A tese de Trotsky segundo a qual uma «revolução política» coerciva era indispensável para restaurar a democracia proletária abolida por uma casta usurpadora de funcionários veio pôr outro problema à sua teoria geral da natureza dos Estados operários burocratizados. Esta previsão tem sido até agora justificada repetidas vezes pela evolução da URSS, contrariamente às esperanças

daqueles que, como Deutscher, criam na possibilidade de uma reforma gradual e pacífica do governo burocrático a partir de cima. Mas esta tese tem como premissa,

154

evidentemente, que tenha preexistido uma democracia proletária que haja sido destruída, e que, assim, poderia ser reconquistada numa revolta política imediata. Contudo, na China, no Vietname e em Cuba, a noção de «revolução política» pareceu historicamente muito menos evidente, devido à inexistência de quaisquer soviets a restaurar. Por outras palavras, nestes países colocou-se a difícil questão de «datar» o momento em que uma revolução política poderia ser oportuna e não utópica. Trotsky deixou poucos apontamentos de como isto poderia ocorrer na Rússia. Desde então, não houve quase nenhuma discussão de como isso poderia ser realizado na China e em Cuba. Alguns dos mais importantes problemas envolvidos em qualquer noção de «Estado operário» ou de «revolução política» permanecem assim por resolver.

Eis assim alguns dos problemas habituais colocados por qualquer estudo da literatura clássica do materialismo histórico. Registá-los não é de forma alguma desrespeitar a grandeza dos teóricos do materialismo histórico. Seria absurdo imaginar que Marx, Lenine ou Trotsky pudessem ter resolvido satisfatoriamente todos os problemas das suas épocas –para não falar daqueles que apareceram após eles. O facto de Marx não ter decifrado o enigma do nacionalismo, de Lenine nada ter elucidado acerca do movimento da democracia burguesa, e de Trotsky não ter predito revoluções sem soviets, não é motivo nem de surpresa nem de censura. A grandeza das suas obras não será afectada por qualquer registo das suas omissões ou dos seus erros. Na verdade, como a tradição que eles representavam se centrou sempre nas estruturas políticas e económicas de uma maneira que não se verificou no marxismo ocidental, com a sua orientação tipicamente filosófica, os mesmos problemas reaparecem praticamente como problemas universais perante qualquer militante socialista do mundo contemporâneo. Vimos como, por agora, estes problemas são numerosos e prementes. Qual é a natureza essencial da democracia burguesa? Qual é a função e o futuro da nação-Estado? Qual o verdadeiro

carácter do imperialismo como sistema? Qual o significado histórico de um Estado operário sem democracia operária? Como se

155

pode levar a cabo uma revolução socialista nos países capitalistas avançados? Como pode o internacionalismo transformar-se numa prática genuína deixando de ser um piedoso ideal? Como pode, em condições comparáveis, evitar-se o destino das anteriores revoluções nos países ex-coloniais? Como podem ser atacados e extintos os sistemas de privilégio burocrático e de opressão? Qual seria a estrutura de uma autêntica democracia socialista? São estes, hoje, os grandes problemas não resolvidos que estão na ordem do dia da teoria marxista com estatuto mais prioritário.

# ÍNDICE

---

Prefácio .....	5
1. A Tradição Clássica .....	9
2. O Advento do Marxismo Ocidental .....	37
3. Modificações Formais .....	67
4. Inovações Temáticas .....	99
5. Contrastes e Conclusões .....	125
Posfácio .....	141